



Universidade de Aveiro – Departamento de Educação  
2015

**Tânia Cristina de  
Paiva Batista**

DO JARDIM DE INFÂNCIA AO 1º CEB - APOIANDO A TRANSIÇÃO



**Tânia Cristina de Paiva  
Batista**

**DO JARDIM DE INFÂNCIA AO 1º CEB - APOIANDO A TRANSIÇÃO**

Relatório de Estágio, apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.



Dedico este trabalho aos meus pais, por todo o apoio e afeto sempre presentes.



O júri

Presidente

**Professora Doutora Marlene da Rocha Miguéis**

Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

**Professora Doutora Maria Pacheco Figueiredo**

Professora Adjunta, Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação

**Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal**

Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro  
(Orientadora)





## **Agradecimentos**

Ao terminar esta tão importante etapa, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que comigo compartilharam o desejo de ver terminado este trabalho, incentivando-me a acreditar e lutar por este grande objetivo.

À minha professora e orientadora, Doutora Maria Gabriela Portugal, por todos os conselhos dados e pelas questões colocadas, que me fizeram refletir e querer aperfeiçoar o meu trabalho. O seu encorajamento e orientação dados ao longo de todo o processo foram, sem dúvida, notáveis.

À educadora Celeste Sarabando, à professora Filomena Rocha e, ainda, aos professores que me acompanharam ao longo destes anos, obrigada pelos conselhos dados, pelas aprendizagens possibilitadas e pela disponibilidade demonstrada.

Aos dois grupos que acompanhei, um muito obrigado por todas as brincadeiras, sorrisos, carinhos e aprendizagens transmitidas... foram sem dúvida enriquecedores, marcantes e essenciais para este projeto.

À minha companheira de estágio Daniela Couto, pelos momentos vividos, pela amizade, ajuda e companheirismo que demonstrou.

À minha família e ao meu namorado, Filipe Oliveira, por todo o apoio, carinho, paciência e sacrifícios para me direcionarem aos meus objetivos. O seu incentivo para continuar foi indispensável.

A todos os meus amigos, nomeadamente, à Ana Praia, Inês Alves, Gisela Silva, Márcia Santos e Carla Oliveira. Com o seu apoio e constante preocupação incentivaram-me a nunca desistir de lutar pelo que acredito.

Aos restantes colegas da Licenciatura e do Mestrado que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui.

A todos, muito OBRIGADA!



Palavras-chave

Transição, Articulação, Educação Pré-Escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico.

Resumo

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Prática Pedagógica Supervisionada e Seminário de Investigação Educacional, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade de Aveiro.

O processo de transição e articulação entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico tem sido reconhecido como um fator importante para o bem-estar da criança e, conseqüentemente, para o seu sucesso educativo.

Neste estudo pretendemos abordar a temática da transição para o 1º ciclo do ensino básico, analisando e compreendendo quais as principais expectativas, preocupações e experiências dos principais intervenientes neste processo, ou seja, das crianças, educadora, professora e dos encarregados de educação.

Para além da observação direta, recorreremos a entrevistas, tanto à educadora como à professora do 1º CEB e às crianças do 1º ano de escolaridade. Realizámos ainda questionários aos encarregados de educação de ambos os níveis de ensino. Além disso, concretizámos algumas atividades pedagógicas, com vista à melhor integração das crianças no 1º CEB. Procurámos também acompanhar e apoiar uma criança que nos pareceu experienciar algumas dificuldades.

Verificámos que a temática da transição não parece ser muito valorizada pelos profissionais que trabalhavam nos contextos estudados, não se observando verdadeira atenção a este processo. Também não verificámos que houvesse estabelecimento conjunto de estratégias facilitadoras da entrada para a escola, entre os profissionais de educação e os familiares. Percebemos que o processo de transição para o 1º CEB é vivido de forma muito diferenciada entre as crianças, algumas conhecendo dificuldades e outras, aparentemente, não.

Concluimos ser importante uma reflexão, envolvendo os profissionais e famílias, sobre a importância da temática da transição e integração escolar, no sentido de assegurar as melhores condições de bem estar e de sucesso educativo a todas as crianças.

## Keywords

Transition, Articulation, Early Childhood Education, 1st Cycle of Basic Education

## Abstract

The present report of internship was elaborated in the context of Curricular Units of Supervised Pedagogical Practice and Education Research Seminar. These curricular units belong to the Masters in Pre-school Education and Teaching in 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education, taught at the University of Aveiro.

The process of transition and articulation between pre-school education and the 1<sup>st</sup> cycle of basic education has been recognized as an important factor for the well-being of the child and, consequently, for their educational success.

In this study we intend to discuss the theme of transition for the 1st cycle of basic education, by analyzing and understanding the main expectations, concerns and experiences of the key actors in this process – children, pre-school teacher, teacher and families.

Besides the direct observation, we interviewed the pre-school teacher, the teacher of the 1<sup>st</sup> CEB and the children of the 1<sup>st</sup> year of schooling. We used questionnaires to obtain more information from the parents of both levels of education. In addition, we've realized some pedagogical activities to improve the integration of the children in the 1<sup>st</sup> CEB. Another of our concerns was supporting a child that seemed to be having some difficulties.

We've noticed that the transition isn't a very important subject to the professionals who have worked in the studied contexts. This process isn't given much attention. We've also noticed that there was no joint establishment of strategies facilitating the entry to the school between the professionals of education and the family.

We understood that each child lives the process of transition to the 1<sup>st</sup> CEB in their own way. Some of them have difficulties and others, apparently, don't.

Finally, we concluded that the professionals and the families should reflect and discuss about the importance of the transition and school integration. This is a vital step to ensure the best conditions for the well-being and educational success of all children.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
<b>PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>7</b>
Transição e articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico.....	9
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>21</b>
Capítulo I – Caracterização dos contextos de estágio, questões e objetivos do estudo .....	23
Capítulo II – Abordagem metodológica.....	29
Capítulo III – Apresentação dos dados recolhidos .....	31
Capítulo IV – Resultados relativos à Educação Pré-Escolar .....	32
1. Entrevista à educadora .....	32
2. Inquéritos aos encarregados de educação .....	34
3. Intervenções que realizámos com vista a apoiar o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico .....	38
Capítulo V – Resultados relativos ao 1º Ciclo do Ensino Básico .....	42
1. Entrevista à Professora .....	42
2. Inquéritos aos encarregados de educação .....	43
3. Intervenções que realizámos com vista a apoiar o processo de integração das crianças recém-chegadas ao 1º ano de escolaridade .....	47
4. Entrevista às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico .....	53
5. O caso do Vasco.....	54
<b>Conclusão .....</b>	<b>59</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>67</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>71</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>75</b>
Anexo 1. Guião da entrevista à educadora de infância.....	76
Anexo 2. Guião da entrevista à professora do 1º CEB. ....	77
Anexo 3. Transcrição da entrevista à educadora de infância. ....	78

Anexo 4. Guião do inquérito aos encarregados de educação – Educação Pré-Escolar.....	84
Anexo 5: Inquéritos aos encarregados de educação – Educação Pré-Escolar.....	87
Anexo 6. Transcrição da entrevista à professora do 1º CEB.....	90
Anexo 7: Expetativas dos encarregados de educação das crianças - 1º CEB.....	98
Anexo 8: Guião dos inquéritos aos encarregados de educação – 1º CEB. ....	100
Anexo 9: Inquéritos aos encarregados de educação – 1º CEB. ....	103
Anexo 10: Entrevistas às crianças – 1º CEB. ....	110

### **Lista de abreviaturas:**

**RE** – Relatório de estágio

**SIE** – Seminário de Investigação Educacional

**CEB** – Ciclo do ensino básico

**OCEPE** – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

**JI** – Jardim de infância

**EPE** – educação pré-escolar

**PNL** – Plano Nacional de Leitura

**AEC** – Atividades extracurriculares





## Introdução

Todo o indivíduo passa por momentos importantes ao longo da sua vida, tais como o nascimento, a entrada para o jardim de infância, a entrada para a escola, a entrada para o mercado de trabalho, entre outros. Todos esses momentos envolvem a perda e separação de algo conhecido, adquirindo-se novas rotinas e realizando aprendizagens de novos comportamentos e atitudes adequadas a esses ambientes. Este processo deve ser encarado, portanto, de forma natural, porque é sinal de crescimento, ainda que pareça ser desejável que se evitem transições abruptas e desacompanhadas quando se trata de crianças.

Lembro-me da minha entrada para a educação pré-escolar em que, apesar de estar envolvida por amigos e adultos, sentia-me perdida, pois não estava no meu ambiente familiar, nem tão pouco com os meus brinquedos preferidos. Nesta altura, em meu redor apenas observava crianças a brincar e adultos a conversar. Onde estaria eu? Com o tempo, apercebi-me de que se tratava de uma escola, repleta de brinquedos e de crianças que, tal como eu, também não conheciam ninguém. Neste novo espaço, descobri ainda que os adultos que tanto conversavam, afinal eram nossos amigos. Sempre que era necessário alguma ajuda, algum carinho, algum sorriso, lá estavam eles, prontos a oferecerem-nos o que mais necessitássemos. Na altura do verão, em que todos íamos para a praia, lembro-me perfeitamente de chorar horas a fio, perguntando pela minha mãe. Estava num espaço diferente, para mim desconhecido, e não tinha, novamente, a presença da minha família. A educadora referia constantemente que a minha mãe estava a caminho, e eu, envolvida nas brincadeiras com os meus novos amigos acabava por me esquecer. Atualmente, eu questiono-me: não teria sido um processo mais saudável e menos doloroso, caso os meus pais fossem envolvidos nesta fase? Não seria importante que, nos primeiros dias, os pais das crianças fossem convidados a permanecer na sala, junto aos seus meninos?

Esta vivência, ainda que situada na entrada para o jardim de infância, influenciou a escolha da temática de estudo, no âmbito do presente relatório de estágio (RE). Este remete para o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio e do Seminário de Investigação Educacional (SIE), da Universidade de Aveiro. A prática pedagógica supervisionada (estágio) foi desenvolvida, num primeiro momento, em contexto de educação pré-escolar, seguida de um contexto de 1º CEB, mais especificamente numa turma de 1º ano. Assim, entendemos que seria interessante

abordar a temática da entrada num novo contexto escolar, procurando compreender e apoiar o processo de transição para o 1º ciclo do ensino básico.

Trata-se de um estudo exploratório, realizado junto de dois grupos de crianças e respetivas docentes, em contexto de jardim de infância e de escola do 1º CEB (1º ano), no concelho de Aveiro. Para além da observação direta, recorreremos a entrevistas, tanto à educadora como à professora do 1º CEB e ainda às crianças do 1º CEB. Foi também elaborado um questionário, dirigido aos encarregados de educação de ambos os contextos, com o intuito de compreender como é pensado e vivido o processo de transição, procurando conhecer as suas expectativas e possíveis preocupações. No contexto de jardim de infância, também desenvolvemos algumas iniciativas pedagógicas, com vista à exploração da temática da entrada no 1º CEB com as crianças do grupo e, no contexto do 1º CEB, para além de atividades realizadas com a turma, acompanhámos de forma mais individualizada uma criança que parecia evidenciar algumas dificuldades de “adaptação” à escola. Todas estas iniciativas foram importantes para compreender o processo de transição e entrada no 1º CEB.

Com este estudo não pretendemos fazer generalizações, desejando apenas contribuir para uma reflexão sobre a problemática da transição educativa, relacionando as práticas pedagógicas entre os dois níveis de ensino (educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico). Além disso, pretendíamos explorar algumas estratégias facilitadoras de uma transição e adaptação harmoniosa, tendo como principal objetivo a promoção do bem-estar das crianças, facilitando a sua integração na comunidade escolar.

Para que exista uma transição e adaptação harmoniosa consideramos ser fundamental que, por parte dos profissionais de educação, especialmente pelos docentes que lecionam em anos de transição, exista uma consciencialização da importância desta experiência, na vida das crianças. Será importante que os docentes encontrem “um conjunto de estratégias facilitadoras [da transição] para as quais não existe uma fórmula “mágica”, mas que exige flexibilidade, sensibilidade e recetividade, apoiada numa relação de diálogo e de reflexão conjunta entre os intervenientes no processo educativo” (Cruz, 2008, p. 80).

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), “cabe ao professor promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação pré-escolar e a transição para a escolaridade obrigatória” (Ministério da Educação, 1997, p. 28).

Segundo o perfil específico do desempenho profissional do professor do 1º ciclo do ensino básico, é essencial que o docente promova a integração de todas as vertentes do currículo e a articulação das aprendizagens do 1º ciclo com as da educação pré-escolar (. . .) (Decreto-lei n.º 241/2001).

Considerando a temática em questão – do jardim de infância ao 1º CEB - apoiando a transição - o presente relatório divide-se em duas partes: fundamentação teórica sobre a transição, adaptação e articulação entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico; a segunda parte remete para o estudo realizado, tendo sempre presente a temática sobre a transição para o 1º CEB e o trabalho realizado com crianças, sendo composto por três capítulos: caracterização dos contextos de estágio, questões e objetivos do estudo; abordagem metodológica; apresentação dos dados recolhidos, relativos à análise das entrevistas aos profissionais de educação, dos inquéritos aos encarregados de educação e das entrevistas às crianças e ainda uma caracterização da criança em estudo, respetivamente. Por fim apresentam-se as conclusões sobre este estudo.



## **PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**



## **Transição e articulação entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico**

Neste capítulo pretendemos apresentar algumas ideias relativas à transição para o 1º CEB, referindo e descrevendo algumas estratégias facilitadoras deste processo, direcionadas a todos os intervenientes, mais precisamente, profissionais de educação e encarregados de educação.

A verdadeira importância atribuída à temática da transição só foi evidenciada, em 1975 e 1977, através dos primeiros trabalhos internacionais, por iniciativa do Conselho da Europa, com o intuito de conhecer e facilitar a transição entre a educação pré-escolar e o 1º CEB (Vasconcelos, 2009).

Conforme o programa do XVII Governo Constitucional, a educação pré-escolar é reconhecida como “a base para uma escolaridade de sucesso e como o primeiro pilar do processo de educação ao longo da vida” (ME, 2007, p.13). No Decreto-lei n.º 46/86, acrescenta-se que a EPE deverá ter por objetivo um “complemento à ação educativa da família, desenvolvendo e estimulando as capacidades de cada criança” (artigo 4.º). Esta ação deverá ser realizada por todos os “parceiros educativos, com a finalidade de assegurar o desenvolvimento harmonioso e global da criança” (Cruz, 2008, p. 80).

A entrada para o 1º CEB é sempre um momento especial para todos os intervenientes, sejam as crianças, os encarregados de educação e/ou ainda os profissionais de educação. Muitas crianças, enquanto frequentam o JI, demonstram curiosidade na descoberta de um novo ambiente escolar, colocando questões sobre essa experiência futura. Muitas vezes são proferidos comentários, como por exemplo “Agora vai começar a ser muito a sério”; “No 1º ciclo vais aprender muitas coisas novas”; “Quando fores para o 1º ciclo vais aprender a ler, escrever e a contar para que no futuro possas viver bem”; “Tens de estar atento e cumprir todas as regras para aprenderes muito e teres boas notas”. Comentários deste cariz tanto podem ter um efeito positivo como menos positivo para o desenvolvimento e integração da criança, podendo muitas vezes causar situações de ansiedade, *stress* e de desconforto para a criança.

Com isto, a criança poderá associar o 1º ciclo do ensino básico ao fim de todos os momentos para o brincar, à supressão dos brinquedos, ao desconforto associado a espaços desconhecidos e em muitos casos, à perda dos amigos mais próximos. Enquanto algumas crianças rapidamente se integram em novos contextos, surgem, com alguma frequência, crianças que necessitam de um maior apoio, no sentido de contrariar, em muitos casos, a sua solidão ou insegurança.

O facto de a criança ter frequentado o JI ou o tempo em que a criança o frequentou, poderá também constituir-se como um elemento influenciador no processo de transição e integração escolar. Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 1997), “a transição das crianças para o 1º ciclo do ensino básico ainda que mais uniforme em termos de idade é também diferente quanto ao número de anos de frequência na educação pré-escolar (. . .)” (p. 89). Tendo a criança frequentado outros contextos escolares, provavelmente estará mais predisposta à integração de novas regras, exigências, novos ambientes, a diferentes estímulos. Este elemento deveria também ser levado em consideração pelos profissionais de educação, uma vez que, na maior parte das vezes, não surge como uma verdadeira preocupação, o que poderá condicionar a boa integração da criança no novo contexto escolar.

A educação pré-escolar é concebida como a educação anterior à escola, a que assistem objetivos como o desenvolvimento da socialização e da criatividade através do jogo, sem preocupações ao nível das aprendizagens formais, por outros como o período de preparação para a escola formal, colocando o assento tónico no desenvolvimento de determinadas aptidões como iniciação à leitura e ao cálculo (Cruz, 2008, p. 82).

A educação pré-escolar é reconhecida como a “1ª etapa de um processo de formação integral da criança com influências positivas no seu sucesso educativo” (Cruz, 2008, p. 5). Para isso é necessário a criação de diversas situações para o sucesso da aprendizagem através do seu carácter lúdico, desenvolvendo competências que permitam a cada criança conhecer-se a si própria (Ministério da Educação, 1997).

No 1º CEB existe uma maior preocupação em termos pedagógicos, na promoção do desenvolvimento da criança, através de um “currículo baseado em áreas temáticas que traduzem preocupações sociais e pessoais” (Barbosa, 2007 cit. por Moreira, 2012, p. 69). Além disso, e segundo consta no documento denominado Organização Curricular e Programas para o 1º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 1998), o 1º CEB deverá promover “aprendizagens ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras”, que caminham juntamente com a ação educativa da educação pré-escolar (p. 23).

É importante ter em atenção que a entrada para o 1º CEB acarreta diversas mudanças para a criança. Esta começará a ser chamada de “aluna” e terá de cumprir novas regras, e a aprendizagem de novos conteúdos e tarefas lhe serão exigidos. Tornar-se-á por isso, fundamental, o respeito pelos diferentes níveis de desenvolvimento, pelas necessidades e interesses da criança, com o intuito de dar continuidade ao processo educativo da criança.



Compreende-se continuidade educativa como “um processo que parte do que a criança já sabe e aprendeu, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes”, facilitando a transição da criança para a escolaridade obrigatória” (Ministério da Educação, 1997, p. 14). Além disso, no 1º CEB, a criança desenvolve a sua autoconfiança e o autocontrole, sendo fatores decisivos na sua integração escolar (Vasconcelos, 2009).

Em contrapartida, e segundo Cruz (2008), enquanto na EPE “existe maior atenção no desenvolvimento emocional das crianças, através do jogo e de atividades criativas, no 1º CEB existe maior ênfase na aquisição de competências a nível da leitura, escrita, matemática e ciências” (p. 80).

Existem muitos docentes que diferenciam a educação pré-escolar do 1º ciclo do ensino básico pela “diferença de regras, ritmos e objetivos que correspondem a um trabalho mais “sério”” (...) (Silva, 2002, p. 22). Embora entre a educação pré-escolar e o 1º CEB deva existir continuidade, são várias as diferenças apresentadas entre estes níveis de ensino.

Segundo estudos internacionais comparativos, muitos docentes consideram que o jogo apenas deve ser utilizado com metodologia de ensino no JI, pois no 1º CEB, o ensino deve ser mais formal e rigoroso, tendo a obrigatoriedade de cumprir o Programa Nacional. Além disso, afirmam ainda que em contexto de EPE não existe apenas um responsável pelo grupo, enquanto no 1º CEB, os docentes têm maior autonomia no planeamento das atividades (Kirsti & Rantavuori, 2014).

De acordo com o que tenho observado e analisado, na educação pré-escolar parece existir uma maior atenção aos aspetos emocionais da criança. Já o 1º CEB parece estar mais direcionado para o ensino formal. No entanto, penso que em ambos os contextos poderão ser trabalhadas temáticas que sejam do interesse das crianças, pois tanto na educação pré-escolar como no 1º CEB, o ensino de cariz lúdico poderá apoiar a aquisição de competências e facilitar a integração da criança num novo contexto educativo.

Desta forma, é importante termos a consciência de que,

Embora os educadores devam entender o processo de desenvolvimento de cada criança, para que a ajudem a progredir até ao máximo das suas capacidades, no ensino básico, os professores devem assentar os seus ensinamentos, nas capacidades e competências que as crianças já adquiriam no pré-escolar (Nabuco, 1992, p. 82).

Para isso, tanto os educadores como os professores do 1º CEB devem trabalhar conjuntamente, assegurando continuidade educativa entre os dois níveis de ensino e o desenvolvimento harmonioso das crianças, de forma a evitar possíveis problemáticas. Todos

os profissionais de educação deverão estar conscientes de que o processo de transição terá um enorme impacto no sucesso educativo da criança. Assim, “o sucesso educativo depende do modo como é continuado no nível seguinte” (Formosinho, 1998 cit. por Ferreira, 2006, p. 23).

Alguns dos aspetos sobre o que os profissionais de educação deverão estar debruçados, relacionam-se com a organização de tempo e do espaço educativo, pois será um aspeto essencial na boa integração da criança.

Infelizmente, e devido à obrigatoriedade do cumprimento do Programa Nacional para o 1º Ciclo do Ensino Básico, muitos docentes não proporcionam atividades de caráter lúdico.

É importante ter em atenção que, no 1º CEB geralmente as crianças têm de permanecer numa mesa de trabalho e sentadas, não estando, muitas vezes, familiarizadas com esta mudança. Por isso, o novo espaço poderá continuar a proporcionar à criança oportunidades de aprendizagem em todas as áreas de formação, podendo incluir áreas de livros, computadores, jogos manipuláveis, blocos e construções, matemática, das ciências/ experiências e expressões. A sala poderá preservar variadas possibilidades de ação, diferentes espaços, tanto para atividades calmas, como para atividades que envolvam, por exemplo, a atividade física. Além disso, este espaço poderá ainda possibilitar o trabalho individual, de pequeno e de grande grupo. Os recursos podem ainda estar ao alcance de todas as crianças, de forma a promover a sua autonomia.

Desta forma, serão proporcionadas diferentes oportunidades de aprendizagem, oferecendo à criança um ambiente o mais idêntico possível do contexto proveniente, minimizando atitudes de ansiedade e auxiliando na sua integração ao novo contexto educativo.

Também o tempo dispensado em espaços exteriores é um aspeto fundamental no processo de transição escolar para o 1º CEB. Ao longo do 1º CEB, e conforme verificado ao longo do estágio, a exploração dos espaços exteriores é muito escassa. Em Portugal, as crianças passam grande parte do dia nas salas de aula e no interior das instituições. Ainda que as práticas pedagógicas no exterior sejam escassas também na educação pré-escolar, ainda assim, é geralmente durante a EPE que as crianças têm maior possibilidade de permanecerem em espaços abertos durante mais tempo e, muitas vezes, realizarem atividades nesses espaços. No 1º CEB, as crianças têm muito pouco tempo de intervalo, não facilitando a exploração de espaços exteriores.

O brincar “livre” em espaços exteriores é primordial no desenvolvimento da criança, pois permite que descubra e explore a sua própria criatividade e imaginação, constituindo-se um elemento facilitador de aprendizagens. Além disso, poderá ainda contribuir para a integração das crianças no contexto escolar.

A transição é sem dúvida uma fase muito importante na vida das crianças, caracterizando-se com todas as inseguranças e necessidades de adaptação, próprias de qualquer novo ciclo de vida. Por isso, os profissionais de educação devem ter em consideração que estas dificuldades podem ser minimizadas se houver um “processo de desenvolvimento sequencial, contínuo e articulado”, de forma a evitar descontinuidades entre níveis de ensino (Moreira, 2012, p. 76). Para isso, “é necessário criar um ambiente educativo com diferenças, de forma a estimular a curiosidade das crianças, mas não tão diferente que as crianças fiquem confusas ou receosas” (Piaget, 1982 cit. por Nabuco, 2002, p. 56).

Torna-se cada vez mais evidente a presença de uma cultura individualista, atitudes de resistência entre docentes, bem como o desconhecimento do trabalho que se realiza em diferentes anos de ensino. Estes são alguns dos fatores condicionantes à transição e articulação entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico e, conseqüentemente, no sucesso educativo da criança (Ferreira, 2006).

Com isto, é cada vez mais importante consciencializar os docentes para algumas estratégias facilitadoras no processo de transição escolar.

As crianças que transitam para o 1º CEB poderão ser acompanhadas, além do habitual processo individual do aluno, contemplado pelas fichas de registo de avaliação, por um *dossier* (Basílio, 2011). Este *dossier* poderá contemplar informações gerais sobre as aprendizagens das crianças, tais como o seu percurso e progressos, possíveis dificuldades cognitivas e/ou médicas, alguma referência caso a criança seja abrangida pelo sistema de educação especial, entre outros aspetos que os docentes considerem relevantes para o acompanhamento e desenvolvimento da criança. Além disso, permitirá que o docente do ano seguinte tenha uma noção mais concreta do nível de desenvolvimento de cada criança, para que a “ajudem a progredir até ao máximo das suas capacidades (. . . )” (Nabuco, 1992, p.82), promovendo futuros cidadãos mais confiantes. Além disso, “permitirá valorizar a individualidade do sujeito e da sua cognição, das atitudes e valores, ao respeito pelas diferenças individuais e a procura de um desenvolvimento global e contínuo” (Pacheco, 1996, cit. por Moreira, 2012, p. 67).

Contudo, é importante salientar que existem estudos internacionais onde é possível constatar que as informações cedidas pelos educadores de infância nem sempre são analisadas pelos professores do 1º CEB. Estas atitudes demonstram, uma vez mais, a falta de interesse e cooperação entre os docentes destes níveis de ensino (Hopps, 2014).

Uma outra estratégia de facilitação relaciona-se com o conhecimento dos conteúdos e principais objetivos de ambos os níveis de ensino, como estratégia de continuidade aos

conhecimentos e desenvolvimento da criança. Para tal, é obviamente necessário uma maior atenção e vontade por parte dos docentes que lecionam, essencialmente, em anos de transição. Além disso, a partilha de materiais pedagógicos entre níveis de ensino poderá também constituir-se como uma estratégia facilitadora do processo de transição escolar (Liublinskaia, 1973).

Durante a educação pré-escolar, e caso as crianças demonstrem algum tipo de interesse, a educadora poderá desenvolver atividades que lhes despertem a atenção e que, acima de tudo alimentem a curiosidade para conhecerem o contexto futuro. Estas atividades poderão consistir em conversas com as próprias crianças, onde a educadora deverá escutar, registar, compreender e esclarecer possíveis dúvidas e medos por parte das crianças.

Poderão ainda ser desenvolvidas atividades e/ou sessões conjuntas entre diferentes níveis de ensino, tais como, por exemplo, através da organização de visitas recíprocas das crianças do jardim de infância, das do 1º CEB ou ainda entre docentes de diferentes instituições de ensino, permitindo a convivência e a partilha de experiências pessoais, facilitando o processo de transição (Hopps, 2014). Só assim será possível a existência de uma relação de comunicação positiva entre docentes, de forma a dar continuidade ao processo de transição escolar.

Nestas sessões conjuntas poderão ser desenvolvidas atividades de integração das crianças, como, por exemplo, através de atividades de leitura, envolvendo as crianças mais novas, que já saibam ler, juntamente com as mais velhas (Kirsti & Rantavuori, 2014).

Segundo as OCEPE (Ministério de Educação, 1997), “a articulação e a possibilidade das crianças contactarem com a escola antes da sua entrada para o ensino obrigatório, são condições facilitadoras da transição, (. . .)” (p. 91). Com isto, torna-se importante refletir sobre como este processo é experienciado e sentido, tanto pelas crianças como pelos docentes, visto que é através da união de todos os membros, que o processo de transição é abordado de forma positiva e harmoniosa. Além disso, a “realização de projetos comuns que integrem docentes e crianças de ambos os níveis de ensino podem ser um meio de colaboração e de maior conhecimento mútuo: o que faz e aprende na educação pré-escolar e no 1º ciclo” (Ministério da Educação, 1997, p. 91). Nesta estratégia, existem vantagens nos contactos e no trabalho comum entre as crianças em momentos diferentes do desenvolvimento, partilhando saberes e competências diversas, mas, para isso, é fundamental uma disposição e organização por parte dos docentes.

Segundo o Decreto-Lei n.º 46/86, torna-se fundamental reforçar a importância da articulação entre estes dois níveis de ensino, “conferindo a cada ciclo a função de complementar, aprofundar e alargar o ciclo anterior, numa perspetiva de unidade global do ensino básico” (artigo 8.º).

A relação estabelecida entre docentes de diferentes níveis de ensino poderá também ser influenciadora do processo de transição escolar. Através de momentos de reuniões, de um trabalho colaborativo, práticas conjuntas, da compreensão das diferentes estratégias de ensino, partilha de recursos, possibilita-se a harmonização no processo de transição para o 1º CEB, facilitando a articulação e a continuidade educativa.

A inexistência destas estratégias relaciona-se, muitas vezes, com a resistência à mudança das práticas, à falta de tempo dos docentes e/ou por não serem pagos pelas horas extras despendidas (Kirsti & Rantavuori, 2014).

É também fundamental desvalorizar alguns pensamentos estereotipados sobre as funções de cada docente, de forma a facilitar a tomada de decisão, sem a existência de hierarquias pré-estruturadas (Kirsti & Rantavuori, 2014). Além disso, é essencial a reformulação da ideia de alguns docentes que caracterizam o 1º CEB como o primeiro contato com a escolaridade formal.

A cooperação e a interajuda entre docentes dos dois níveis de ensino será essencial no processo de transição, pois contribuirá para assegurar um maior bem-estar e, consequentemente, a boa integração da criança no novo contexto educativo.

A relação estabelecida entre criança-adulto também será um fator decisivo na integração da criança. O profissional de educação deverá tentar conhecer a personalidade, gostos e interesses da criança para que, com o passar do tempo, ambos construam uma relação positiva, onde seja transmitida empatia, confiança e companheirismo. Assim, permitirá que a criança, em caso de necessidade, procure o adulto e exponha a sua opinião, a sua dúvida e/ou o seu medo. Para qualquer profissional de educação os níveis de bem-estar emocional e de implicação de uma criança deveriam considerar-se pontos de referência no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças.

Para Laevers (2003) “quando queremos saber como cada criança está num contexto, primeiro temos de explorar o grau em que as crianças se sentem à vontade, agem espontaneamente, mostram vitalidade e autoconfiança” (Cit. por Portugal & Laevers, 2010, p. 20). Durante o processo de transição para o 1º CEB, é fundamental que a criança seja vista como peça central de todo o processo, atribuindo-lhe sempre a verdadeira importância.

Segundo Marchão (2002), “saber ler e escrever é fundamental nos dias de hoje, não somos capazes de imaginar o significado de não saber ler e escrever no mundo atual. Mas, antes de saber ler e escrever, é necessário criar condições para o fazer” (p. 38).

No processo de transição, também os pais se constituem agentes influenciadores no seu sucesso. A dinamização de atividades e reuniões, no sentido de fomentarem a participação dos pais no processo educativo, também se caracteriza como uma estratégia positiva para assegurar a continuidade educativa entre estes dois níveis de ensino, sendo os docentes mediadores entre o contexto e a família.

Para isso, é imprescindível que se estabeleçam relações de gostos e preferência pessoais, necessidades, interesses e ainda se conheça a cultura familiar de cada criança. Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 1997), “A comunicação que o educador/professor estabelece com os pais é essencial para facilitar a transição e a adaptação para o novo contexto escolar, para o desenrolar do processo educativo e também para que os pais tenham um papel ativo no momento da transição (. . .)” (p.89).

Os pais poderão conhecer e visitar frequentemente a instituição do seu educando, conhecendo tanto o espaço físico como os profissionais de educação que receberão a sua criança. Poderá existir, por parte dos encarregados de educação, a consciencialização das rotinas escolares, horários, serviços de refeições, atendimento aos pais, entre outros (Ferreira, 2006).

É essencial que os encarregados de educação transmitam segurança e confiança à criança que transita para o 1º CEB. Se estes demonstrarem receio, este sentimento poderá ser, indiretamente, transmitido à criança, deixando em causa a sua integração no novo contexto escolar.

É também importante enfatizar e compreender as diferenças apresentadas pelas próprias crianças, relativamente ao processo de transição para o 1º CEB, tais como:

<b>Educação Pré-Escolar</b>	<b>1º Ciclo do Ensino Básico</b>
Era tudo um mar de rosas, só brincávamos, dormíamos, comíamos e contavam-nos histórias;	Na escola do 1º Ciclo apercebi-me que não era só brincar, mas aprender a ler, escrever, fazer operações e resolver problemas;
Na sala brincávamos, pintávamos e escrevíamos letras mal feitas;	Tinha de estudar e ser responsável com o que fazia;
No jardim-de-infância era só brincadeira, trabalhos manuais e passear (...), eu pensava que era um trabalho duro, mas enganei-me;	Aprendia letras, números, mais tarde contas, escrever palavras e frases... já era algum trabalho;
Fazia o que gostava;	Faço o que a professora manda;
O que gostei mais foi a educadora de infância	Na primária a professora não brinca

brincar comigo.	connosco... explica muito bem.
-----------------	--------------------------------

Quadro 1. Diferenças entre a educação pré-escolar e o 1º CEB (Monge, 2002, p. 30).

É importante termos consciência que o meio em que o indivíduo está inserido, seja um meio físico ou social, sem dúvida se constitui um elemento fundamental para o seu desenvolvimento, tanto físico como psicológico. Com isto, não só o meio, mas também as interações estabelecidas com esse meio, serão influenciadoras do desenvolvimento do indivíduo.

Quando um meio é caracterizado como sendo “estático”, onde existem poucas interações, onde a quantidade de estímulos é reduzida, obviamente o indivíduo não terá tanta oportunidade de estimulação do seu desenvolvimento. Para Portugal (1992), “diferentes contextos influenciam no processo de crescimento e funcionamento psicológico” (p. 34).

Nesta linha de pensamento, Bronfenbrenner (1979 cit. por Portugal, 1992), propõe uma nova perspetiva: a ecologia do desenvolvimento humano. Esta perspetiva consiste, essencialmente, no estudo da “interação mútua e progressiva entre, por um lado um indivíduo ativo, em constante crescimento, e, por outro lado, as propriedades sempre em transformação dos meios imediatos em que o indivíduo vive, sendo este processo influenciado pelas relações entre os contextos mais imediatos e os contextos mais vastos em que aqueles se integram” (p. 37). O indivíduo não será encarado como uma “tábua rasa”, mas sim um “sujeito dinâmico”, em constante desenvolvimento, sendo a qualidade da interação sujeito/mundo importante no seu próprio desenvolvimento. O ambiente onde o indivíduo está inserido envolve múltiplas “inter-relações entre vários contextos” e “o desenvolvimento das capacidades humanas, dependerá, num grau bastante significativo, dos contextos mais latos, sociais e institucionais” (Portugal, 1992, p. 37).

Este “ambiente ecológico”, segundo Bronfenbrenner, poderá constituir-se como um “conjunto de estruturas concêntricas, uma espécie de jogo de encaixe em que cada peça contém ou está inserida noutra” (Bronfenbrenner, 1977 cit. por Portugal, 1992, p. 37). É composto, segundo Portugal (1992), por níveis estruturais, sendo eles: o microsistema, o mesosistema, o exosistema e o macrosistema:

- O Microsistema relaciona-se com a ação no imediato, ou seja, com as diferentes “atividades, papeis e relações existentes entre o sujeito e o seu ambiente, experienciados ou vivenciados num contexto imediato” (p. 38). Tal acontecerá, por exemplo, no seio familiar, o infantário, na escola, no local de trabalho;
- O Mesosistema refere o conjunto das “inter-relações entre os contextos”, em que o indivíduo é o principal foco, participando ativamente. Para o autor, o Mesosistema caracteriza-se como

um conjunto de microsistemas em inter-relação. São exemplos disso, as interações estabelecidas entre a família, os amigos, na escola, no local de trabalho, entre outras;

- O Exosistema relaciona-se com o conjunto de diferentes contextos, os quais não exigem a participação ativa do sujeito, mas onde são influenciados, pelo contexto posterior, onde o indivíduo se encontra, como por exemplo o conselho diretivo de uma escola e o trabalho dos pais de uma criança;

- O Macrosistema distingue-se do Exosistema por não se referir a contextos específicos, sendo este mais geral. Para o autor, este nível relaciona-se com o conjunto de “valores, crenças, estilos de vida característicos de determinada sociedade, cultura ou subcultura, pertencentes ao nível dos subsistemas (exo-, Meso- e Microsistema)” (p. 39).

A figura seguinte permite uma melhor compreensão dos diferentes níveis estruturais do modelo de Bronfenbrenner.

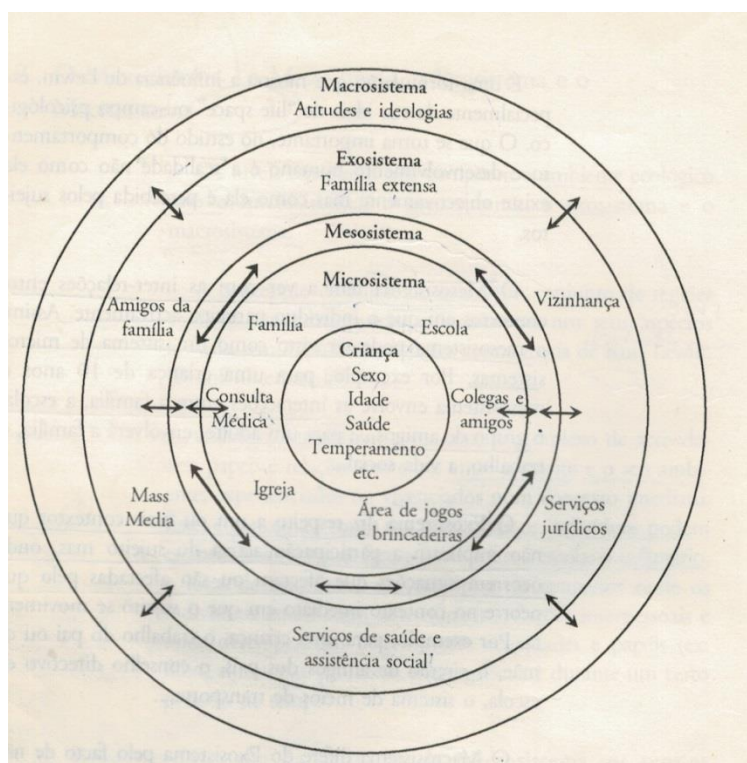


Figura 1: Modelo Ecológico de Bronfenbrenner (Portugal, 1992, p. 40).

Ao longo da vida, deparamo-nos com diversos exemplos em que existem transições, sejam elas no espaço familiar, na escola, no local de trabalho, entre outros. Portugal (1992) identifica “transições ecológicas sempre que a posição do indivíduo se altera em virtude de uma modificação no meio ou nos papéis e atividades desenvolvidas pelo sujeito” (p. 40). Estas “transições ecológicas” podem ocorrer em qualquer um dos níveis estruturais do Modelo de



Bronfenbrenner. A autora explicita um exemplo de uma “transição ecológica”. “Uma jovem mãe que se defronta com o seu bebé recém-nascido pela primeira vez; mãe e bebé deixam o hospital e regressam a casa; acontecem várias empregadas ou amas ou entrada na creche; segue-se o jardim de infância; nasce um novo bebé; a Maria ou o Manel vai para a escola; tira um curso superior ou não; é o primeiro emprego; o mudar de emprego; o perder o emprego; casar; decidir ter filhos, fazer amigos; comprar uma televisão; mudar de carreira; adoecer; ir para o hospital; voltar a trabalhar; reformar-se; morrer” (Portugal, 1992, p.41).

Para Bronfenbrenner, a transição ecológica é um “elemento base para o processo de desenvolvimento” do indivíduo: “é ao mesmo tempo uma consequência e um instigador do processo de desenvolvimento”, sendo fundamental a atenção dos protagonistas de referência para as crianças, de forma a potencializar uma transição tranquila e sem sobressaltos (Bronfenbrenner, 1977 cit. por Portugal, 1992, p. 41).

Assim, tantos os profissionais de educação como os encarregados de educação poderão estar mentalizados de que

A transição de um contexto para um novo contexto requer o estabelecimento de troca de informação, comunicação nos dois sentidos, confiança mútua entre os principais intervenientes: criança, pais, educadores e professores. Esta transição é muito importante e pode constituir-se facilitadora ou inibidora do modo com a criança pode vir a agir, a viver e a aprender na escola do 1º Ciclo (Marchão, 2002, p. 37).

Uma transição positiva e harmoniosa poderá exigir um trabalho conjunto e partilhado entre educadores e professores do 1º CEB, existindo “intencionalidades e finalidades a atingir, organização curricular nos esquemas organizativos e funcionais de suporte, na formação, atitudes e práticas dos profissionais, nas próprias culturas pedagógicas, na valorização social”, de forma a, consequentemente auxiliarem no processo de aprendizagem (Monge, 2002, p. 28). Durante o processo de transição escolar, os pais podem transmitir segurança e tranquilidade à criança, de forma a

Viver essa nova etapa com naturalidade e descontração. Quando conhecem o espaço, devem referir que é um local importante para o seu crescimento, dando uma imagem positiva da escola e do professor. Além disso, caso existam dificuldades de integração, torna-se fundamental compreender as razões, para que, em conjunto, pais e professores possam definir um plano conjunto que ajude a criança (Campos, 2012, n.d).

A relação estabelecida com os familiares mais próximos das crianças, são “elementos fulcrais na sua competência emocional e, consequentemente, na obtenção do sucesso escolar” (Portugal, 2002, p. 11).

A articulação entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino básico implica acentuar “as aprendizagens efetuadas nestes dois níveis, sendo a própria prioridade em termos de orientações educativas que lhes é concedida, enquanto “alicerces da qualidade da educação”” (Pacto Educativo, 1996 cit. por Monge, 2002, p. 27).

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**



## Capítulo I – Caracterização dos contextos de estágio, questões e objetivos do estudo

Com o nosso estudo pretendemos explorar a temática da transição entre a educação pré-escolar e o 1º CEB, compreendendo a perspetiva dos vários intervenientes nos dois contextos e identificando estratégias de trabalho neste âmbito.

O contexto de educação pré-escolar caracterizava-se por ser uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do concelho de Aveiro. Esta instituição dispunha de três valências: Creche, Educação Pré-Escolar e CATL.

A instituição continha uma zona de recreio relativamente extensa em relvado, árvores e uma área coberta constituída por alguns equipamentos para as crianças. Para além disso, existia uma área descoberta composta por uma horta, um escorrega colocado numa superfície de borracha sintética (com diferentes finalidades, como escorregar, trepar e pendurar), cavalos de baloiço em mola e ainda alguns jogos tradicionais desenhados no chão, como por exemplo, o “jogo da macaca” ou o “jogo do galo”. Dispunha ainda de um campo de *basketball* e futebol, construídos com recurso a paralelos.

A sala era relativamente ampla para o número de crianças que acolhia. O espaço educativo possuía uma boa iluminação natural, devido ao número de janelas, permitindo a entrada da luz natural. Para além disto, era um espaço que proporcionava às crianças bons níveis de bem-estar e implicação, permitindo-lhes uma abundância de experiências e a exploração de diversos recursos que se revelavam como oportunidades de aprendizagem.

Esta sala dispunha de diferentes áreas de atividades com diversos materiais, sendo elas: **Área de acolhimento** – constituído por material “Paviplay” que servia como manta, quando a educadora pretendia reunir as crianças para transmitir alguma informação relevante. Integrava ainda a biblioteca, que era também utilizada pelas crianças para brincar com diferentes recursos; **Área da casinha e área das trapalhadas e disfarce** – onde as crianças tinham à sua disposição diferentes recursos relacionados com objetos pertencentes a um lar, como pratos, tachos, copos, cama, bonecas e alguns utensílios de enfermagem. Este espaço continha também um cabide, com várias peças de roupa e uma caixa de arrumos constituído por tecidos e outros adereços; **Área da Expressão Plástica** - onde estavam dispostas duas mesas destinadas a atividades de desenho, recorte, colagem, pintura e moldagem; **Área das Ciências** – contemplando uma mesa com histórias de Ciências; espelhos; material de magnetismo;

óculos de proteção; copos; tubos de ensaio; areia; um pequeno frasco de hidrogénio de carbonato de sódio e um pequeno frasco de limalhas de ferro. Para além destes materiais, eram afixados no placar “Oficina da Ciência” cartazes alusivos a experiências realizadas.

O grupo pertencente ao contexto de educação pré-escolar era constituído por um total de vinte e três crianças, das quais doze eram do sexo feminino e onze do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos de idade. O grupo era bastante heterogéneo o que, inicialmente, pensámos ser um obstáculo para a nossa prática. Contudo, fomos aprendendo a adaptar as atividades pedagógicas às crianças, independentemente da sua faixa etária, tendo sempre em atenção as suas características e gostos individuais. Nesta sala, o brincar era, sem dúvida, a atividade de eleição. Mesmo durante as rotinas diárias, o “brincar” estava sempre presente. Através disso, favorecia oportunidades para a libertação de energias, criação e desenvolvimento de hábitos de livre-iniciativa e autonomia e ainda para a partilha de experiências/recursos entre adulto-criança e criança-criança.

Uma outra característica relacionava-se com a gestão de conflitos e a mediação presente no grupo. Quando surgiam situações de conflito, a maioria das crianças resolvia-os, autonomamente, sem recorrer à intervenção do adulto (por exemplo, quando estavam demasiadas crianças em determinada área ou mesmo na partilha de brinquedos).

Neste contexto, era durante a “hora do pré-escolar”, denominação atribuída pela própria docente, enquanto as crianças mais novas dormiam a sesta, que eram realizadas atividades, com as crianças mais velhas, relacionadas com a “preparação” da transição para o 1º CEB. Este procedimento ocorria através da realização de fichas, destinadas unicamente ao ensino das letras e dos números.

Foi durante este período que tivemos oportunidade de realizar algumas atividades com as crianças, explorando a temática da transição para a escola do 1º CEB. Não obstante, consideramos que algumas das nossas atividades pedagógicas poderiam ter sido também exploradas pelas crianças mais novas, caso demonstrassem interesse em participar e não só pelas crianças mais velhas.

O segundo contexto de estágio decorreu numa escola do 1º CEB, junto de uma turma do 1º ano de escolaridade. Era uma instituição de carácter público, também situada no concelho de Aveiro. Esta instituição era integrada num Agrupamento de escolas, integrando as seguintes unidades educativas: Jardins de Infância, Escolas do 1º CEB e ainda Escolas do 2º e 3º CEB.

Esta escola integrava uma valência de educação pré-escolar e uma valência de 1º ciclo do ensino básico. No 1º ciclo do ensino básico existiam 259 crianças. A escola funcionava em regime normal, iniciando-se as atividades das 9h00 min às 12h00 min e das 13h30min às 16h00. Neste período, decorriam dois intervalos, um no período da manhã das 10h30min às 11h00, e um no período da tarde das 16h00 às 16h30. As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) funcionavam das 16h30min às 17h30min.

As AEC abrangiam nove turmas, distribuídas por áreas e por anos de escolaridade. A turma onde intervimos participava na área de Música, Expressões, Inglês e Atividade Físico Desportiva.

A instituição dispunha de um vasto espaço exterior (ainda que muito pouco investido), com jogos tradicionais pintados no chão, uma caixa de areia (apenas destinada às crianças pertencentes à Educação Pré-Escolar) e alguns pneus, fixos ao solo.

O espaço interior da sala de aula apresentava boas dimensões, permitindo uma fácil movimentação, tanto dos adultos como das crianças. Estava bem organizado e com suficiente luminosidade natural, pois o facto de grande parte da sala ser limitada por janelas de vidro permitia a entrada de luz natural e o contacto visual com o espaço exterior. Inicialmente, as mesas estavam dispostas em “u”, o que permitia a interação entre todas as crianças. Com o passar do tempo, a docente considerou ser melhor dispor as mesas por filas, de forma a reduzir os níveis de desconcentração. Embora a sala não estivesse organizada por áreas específicas, existia uma boa organização dos materiais (armários, ecopontos, computador, entre outros), estando situados em locais específicos.

O grupo era constituído, inicialmente, por vinte e cinco crianças, tendo entrado mais tardiamente uma outra criança, fazendo um total de vinte e seis crianças, das quais dez pertenciam ao sexo feminino e dezasseis ao sexo masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos de idade. No entanto iremos apenas restringir-nos às crianças que permaneceram todo o tempo de estágio connosco, ou seja, às vinte e cinco crianças.

Porque a frequência em educação de infância parece constituir-se como um elemento facilitador na boa integração da criança em novos contextos, procurámos ver o que se passava com as crianças da nossa turma. Apenas em relação a três crianças não obtivemos qualquer informação. Todas as restantes crianças frequentaram a Educação de infância, como é possível verificar na figura 2.

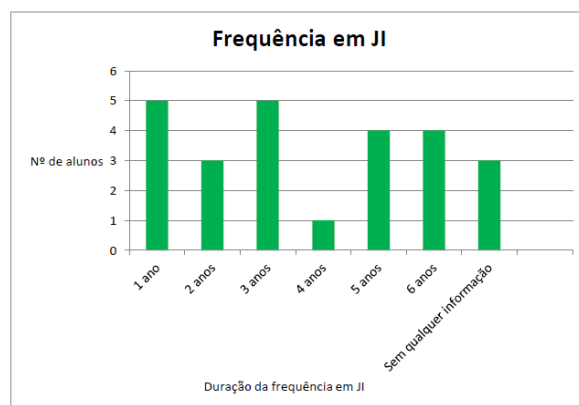


Figura 2. Duração da frequência em Educação de Infância – 1º CEB.

O grupo apresentava características bastante interessantes, tais como a imensa vitalidade e energia demonstrada para a concretização das atividades propostas. As crianças gostavam de experiências novas e desafiadoras, demonstrando um enorme fascínio por aprender. Contudo, e provavelmente por ser o primeiro ano de escolaridade, a maioria das crianças revelava alguma inquietação e dificuldade de concentração nalgumas atividades.

Além disso, o cumprimento de algumas regras básicas de sala de aula nem sempre era fácil para as crianças. No entanto, ao longo do tempo as crianças demonstraram melhores níveis de implicação, sobretudo em atividades que remetiam para o mundo da fantasia e da imaginação.

A relação adulto-crianças era de confiança, segura, positiva e agradável. O adulto demonstrava respeito pelas crianças, atuando com empatia quando as crianças se magoavam, estavam zangadas ou perturbadas. Os momentos da rotina eram bem explícitos e conhecidos por todas as crianças, existindo uma boa coordenação entre os adultos, para que fosse assegurada a supervisão e segurança das crianças.

Neste contexto, não foi visível que a docente tivesse procurado desenvolver alguma atividade de apoio e integração das crianças recém-chegadas ao 1º CEB. Embora algumas crianças estivessem bem integradas no contexto, outras demonstravam alguma dificuldade na sua integração.



Uma das crianças, ao longo do tempo de estágio, por diversas vezes, proferia comentários, tais como “eu não quero trabalhar”; “eu hoje só quero ajudar”; “eu quero ir para casa”, “eu não gosto da escola”, entre outros. Além disso, por diversas vezes, recusava-se a realizar ou finalizar o seu trabalho. Este facto poderá relacionar-se com alguma inadequação da atividade aos gostos e interesses da criança. Por outro lado, a criança referia inúmeras vezes que não tinha tempo suficiente para brincar e que, por isso, não queria continuar o seu trabalho. De uma forma geral, o seu tempo de concentração era muito breve.

Tendo em consideração a nossa realidade, com o nosso estudo, procurámos responder às seguintes questões:

- 1) Qual a principal função atribuída pelos profissionais de educação ao nível de ensino que lecionam? Qual o seu papel nesse processo?
- 2) Qual a importância que educadores e professores das duas primeiras etapas da educação básica atribuem à transição entre estes dois níveis de ensino e às práticas de colaboração e articulação educativa?
- 3) Que práticas de transição e articulação no Jardim de Infância e na escola do 1º Ciclo do Ensino Básico se verificam?
- 4) Quais as perspetivas dos encarregados de educação relativamente ao trabalho realizado na educação pré-escolar e sobre o processo de transição para a escola?
- 5) Como parece ser vivenciado o processo de transição para a escolaridade obrigatória pelas crianças do 1º CEB?
- 6) Como apoiar a experiência de transição para o 1º CEB?



## Capítulo II – Abordagem metodológica

Neste capítulo serão apresentadas as opções metodológicas utilizadas no nosso estudo.

Tendo em conta o objetivo deste estudo, optou-se por uma abordagem de cariz qualitativo, procurando compreender, explorar e descrever diferentes situações, através dos dados recolhidos, tanto em contexto de EPE como no 1º CEB.

Trata-se de uma abordagem com algumas características de um estudo de caso, pois conforme o nome indica, pretendemos recolher informações através de um fenómeno observado no seu ambiente natural, sendo os dados recolhidos por meio de observações diretas e indiretas, entrevistas, inquéritos e registos de vídeo (B'énbasat, 1987 cit. por Araújo, Pinto, Lopes, Nogueira & Pinto, 2008).

Alguns autores enumeram cinco características fundamentais num estudo de caso:

- “É “um sistema limitado” e tem fronteiras “em termos de tempo, eventos ou processos” e que “nem sempre são claras e precisas”;
- É um caso sobre “algo”, que necessita ser identificado para conferir foco e direção à investigação;
- É preciso preservar o carácter “único, específico, diferente, complexo do caso”;
- A investigação decorre em ambiente natural;
- O investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, (...),registos de vídeo, (...), entre outros” (Coutinho & Chaves, 2002 cit. por Araújo et al., 2008).

Nos contextos de estágio, num primeiro momento em jardim de infância e, num segundo momento, junto de uma turma do 1º ano de escolaridade, foi possível, não apenas a observação direta do trabalho desenvolvido pelas docentes com vista à transição e integração no 1º CEB, como também a realização de entrevistas aos profissionais de educação e de questionários aos encarregados de educação. No jardim de infância, ainda procedemos à implementação de atividades pedagógicas facilitadoras da entrada no 1º CEB.

Efetivamente, “a entrevista constitui-se fundamental para compreender a forma como os indivíduos vivenciam as mais diversas situações” (Bogdan & Biklen, 1994 cit. por Araújo et al., 2008).

O objetivo das entrevistas às docentes foi perceber a importância atribuída pelos profissionais de educação, dos diferentes níveis de ensino, à transição e articulação com o 1º CEB.

Pretendemos ainda conhecer algumas estratégias facilitadoras deste processo, levadas a cabo pelas docentes. Para isso, foi elaborado um guião de entrevista (anexo 1 e 2).

No 1º CEB também realizámos entrevistas às próprias crianças com vista a compreender as situações experienciadas e quais os sentimentos vividos pelas crianças, com o intuito de apoiar, de forma mais eficaz, o processo de integração escolar. Ainda, desenvolvemos algumas atividades que visavam promover o bem-estar e as interações entre as crianças, e acompanhámos de forma mais próxima uma criança que demonstrava algumas dificuldades na sua “adaptação à escola”.

### **Capítulo III – Apresentação dos dados recolhidos**

Neste capítulo serão apresentados os dados recolhidos no contexto de educação pré-escolar e no contexto do 1º CEB.

Em relação ao estudo efetuado em contexto de educação pré-escolar, apresentamos uma análise da entrevista realizada à educadora e dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação. Ainda, descrevem-se as intervenções que realizámos com vista a apoiar o processo de transição da educação pré-escolar para o 1º ciclo do ensino básico.

Em relação ao estudo no 1º CEB, existe também uma análise da entrevista à docente e dos inquéritos realizados junto dos encarregados de educação. Temos, ainda, uma análise das entrevistas realizadas a cada uma das crianças do grupo. Também se apresentam algumas atividades implementadas durante o estágio, com o intuito de facilitar e apoiar o processo de integração das crianças no 1º ano de escolaridade. Finalmente, descreve-se o caso de uma criança que apresentava algumas dificuldades de integração no 1º CEB.

## Capítulo IV – Resultados relativos à Educação Pré-Escolar

A educadora com quem trabalhámos tinha 56 anos, era licenciada, exercendo há mais de 21 anos, mais precisamente há 37 anos. Esta educadora tinha uma forte ligação com as suas crianças, demonstrando uma constante preocupação com o seu bem-estar emocional.

### 1. Entrevista à educadora

A transcrição da entrevista poderá ser consultada na sua íntegra, no anexo 3.

Conforme os dados obtidos através da entrevista realizada aos docentes, a educadora valoriza a EPE, tendo em atenção alguns dos principais objetivos deste nível de ensino, como a “promoção de momentos, espaços e contextos de enriquecimento das crianças”.

Ao longo da entrevista, a docente transmitiu-nos alguma preocupação nas questões da transição escolar para o 1º CEB, sem com isto apresentar estratégias específicas de apoio às crianças, para a facilitação do processo de transição.

As principais preocupações da docente no trabalho de preparação das crianças para a transição para o 1º CEB relacionam-se com a criação de “momentos de maior concentração” e “atividades de maior duração”. No entanto, tenta equilibrar o processo, oferecendo-lhes “momentos em que eles vão estando sentados e momentos em que podem explorar à vontade todos os cantos da sala”.

É importante referir que, embora não existam estratégias específicas de apoio à transição, a educadora aproveita as reuniões com os encarregados de educação para compreender as expectativas e preocupações, o que se torna um fator positivo e revelador de alguma preocupação com o processo de transição escolar para o 1º ano de escolaridade.

Atribui muita importância ao trabalho colaborativo entre docentes, embora, na instituição onde exerce, esse trabalho seja inexistente. Segundo consta, “não há na instituição uma linha de pensamento comum (...)”, pois falta “esse tipo de diálogo, (...), porque trabalhamos muito centradas em nós próprias, e não tanto em sentido de comunidade”.

A docente nunca teve qualquer conversa com o grupo sobre o 1º CEB, afirmando que não pretende “criar expectativas”, para que as crianças não pensem, “vocês agora na escola vão ver o que vos vai acontecer” ou ainda “não, não se preocupem. E depois chegam lá e a coisa ser mesmo de preocupar”. A única ação que ocorre é durante as férias, quando as crianças mais

velhas frequentam o ATL da instituição e vão à sala da educadora, sendo-lhes solicitado o seu testemunho, relativamente à entrada para o 1º CEB.

O facto de a educadora criar momentos em que as crianças têm de estar sentadas e/ou momentos em que podem explorar livremente os cantos da sala, faz-me questionar sobre a importância deste apoio. Qual a intencionalidade destas ações no apoio à transição escolar? Criação de rotinas? Estabelecimento de limites?

## 2. Inquéritos aos encarregados de educação

Dos inquéritos entregues aos encarregados de educação, obtivemos apenas sete inquiridos, sendo maioritariamente do sexo feminino (apenas um pai do sexo masculino), e com idades entre os 32 e 44 anos (ver anexo 4 e 5). A maioria dos inquiridos possui elevadas habilitações académicas, tais como a licenciatura, o mestrado e ainda, com maior incidência, o doutoramento.

A caracterização socioprofissional de todos os pais pode ser observada no quadro seguinte:

Profissões	Mãe	Pai
Assistente Administrativo		1
Monitora	1	
Engenheiro Civil		1
Assistente Social	1	
Engenheiro Software		1
Bolseira Doutoramento	1	
PT Inovação		2
Investigadora U. Aveiro	4	2
Gestor de Ciência e Tecnologia		1
Aluna de Doutoramento de Biologia, U. Aveiro	1	
Engenheiro		1
Bióloga U. Aveiro	1	
Estudante	1	
Téc. Superior U.A	2	
Gestor Intermédio, Refer E.P		1
Médica	1	
Eng. Eletrónica/tele		1
Eng. Telegeografa	1	
Operador de Máquina		1
Ass. Gestão U. Aveiro	1	
Empresário		1
Bancário	2	



<b>Docente U. Aveiro</b>	1	
<b>Professora 3ºCiclo</b>	1	
<b>Delegado de Inf. Médica</b>		1
<b>Vitrinista</b>		1
<b>Vendedora</b>	1	
<b>Diretor de Serviços</b>		1
<b>GNR</b>		1
<b>Ass. Técnica U. Aveiro</b>	1	
<b>Eng. Cerâmica U. Aveiro</b>	1	
<b>Estudante</b>	1	1

Quadro 2. Caraterização socioprofissional das famílias das crianças – EPE.

Conforme as respostas obtidas nos inquéritos aos encarregados de educação das crianças do JI, percebe-se que os pais consideram que a educação pré-escolar tem como principal função preparar as crianças para o 1º CEB, completar os pais na educação dos filhos e conforme afirmam, “suavizar a transição, fazendo com que a criança não sinta uma mudança abrupta, mas sim uma continuidade”. Consideram que para facilitar o processo de transição, seria importante a implementação de algumas estratégias como “as crianças ficarem sentadas durante mais tempo”, “diversificar experiências e tentar satisfazer a curiosidade das crianças”, “melhorar a autonomia das crianças”, “potencializar atividades com temas de aprendizagem relacionados com o 1º CEB” e ainda “visitar uma escolar de 1º ciclo”.

Os inquiridos apresentam diferenças entre os dois níveis de ensino, tais como a diminuição do tempo para as crianças poderem brincar, comparativamente ao aumento do tempo sentados em contexto de 1º CEB. Caraterizam o 1º CEB como um período escolar mais rígido e competitivo, onde existe menos acompanhamento, apoio e incentivos individualizados. No 1º CEB existe maior responsabilização, em termos de pontualidade e de avaliações, exigindo maior concentração e acompanhamentos dos encarregados de educação. Um inquirido afirmou que, “no 1º ano aprende-se, e na EPE aprende-se a aprender, brincar e a socializar”.

Na questão relativa à continuidade entre os dois níveis de ensino (questão 8), sentimos que existe alguma discordância nas respostas obtidas. Para alguns pais, existe continuidade entre os dois níveis de ensino, pois, segundo os inquiridos, na EPE as crianças já costumam levar as bases para adquirirem conhecimentos com maior facilidade e os conteúdos da EPE servem de

suporte para o desenvolvimento do ensino básico. Em contrapartida, existem pais que acham que não existe qualquer continuidade entre os dois níveis de ensino, considerando as diferenças entre aprendizagens e ambientes. Consideram que por serem momentos diferentes, têm objetivos diferentes.

Os encarregados de educação destas crianças demonstram alguma preocupação, relativamente ao processo de transição para o 1º ano de escolaridade. Atribuem importância ao papel da educadora na valorização da individualidade e da autonomia das crianças. Segundo alguns dados, a educadora deverá fornecer “ferramentas”, de forma a potencializar situações de aprendizagem, tanto na aquisição de competências pessoais como sociais. Têm conhecimento das atividades desenvolvidas com o grupo, geralmente através de reuniões ou conversas formais com a educadora e auxiliares. Aproveitam ainda para destacar como uma boa estratégia, o facto de a educadora fixar, diariamente, os trabalhos desenvolvidos pelas crianças no placar do corredor da instituição.

Relativamente à existência de conversas com as crianças (questão 7), existem variadas perspetivas. Alguns pais já conversaram com os seus filhos, dizendo-lhes que no 1º CEB ia ser uma verdadeira aventura, que iam aprender muitas coisas novas, aprender a ler e a fazer contas. Além disso, iriam permanecer mais tempo sentados, iam ter trabalhos de casa e tinham de estar mais concentrados, para obterem melhores resultados. Por outro lado, existem pais que desvalorizam as conversas sobre o processo de transição com as suas crianças, supostamente, de forma a não criar quaisquer expectativas. Consideram mais relevante a transmissão de confiança e a disponibilidade para os ouvir e ajudar.

Assim, é possível compreender a importância atribuída ao processo de transição escolar. Se, por um lado, existem pais que acham importante consciencializar as crianças sobre o que consistirá o 1º CEB, por outro lado, existem pais que preferem não criar expectativas, provavelmente, como estratégia de salvaguardar a ansiedade própria deste processo, tanto em relação às crianças como a si próprios. Existem ainda pais que optam por não conversar sobre o processo de transição com os seus filhos, pois consideram suficiente a convivência e a partilha de experiências de irmãos mais velhas.

É também possível compreender que existem muitas dúvidas, relativamente às expectativas dos encarregados de educação. De uma forma geral, os pais acham positiva a estratégia da educadora, ao fixar os trabalhos das crianças diariamente, dando uma maior perspetiva do esforço que tem vindo a ser desenvolvido e permitindo que os pais possam dar continuidade a esse trabalho.

Ao longo do inquérito percebemos que muitos pais consideram que no 1º CEB o espaço para brincar deixa de estar tão presente, remetendo-se apenas para o ensino de conteúdos programáticos.

Percebemos que os inquiridos atribuem uma grande importância à EPE e ao papel da educadora no processo de transição escolar. Apresentam algumas estratégias para facilitar o apoio à transição, o que demonstra interesse e atenção ao processo.

### 3. Intervenções que realizámos com vista a apoiar o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico

Como estratégias de apoio à transição para o 1º CEB, durante o estágio, a diáde teve a oportunidade de proporcionar algumas atividades, com vista ao apoio à transição para o 1º CEB.

A primeira atividade consistiu na leitura da obra, “O primeiro dia de escola”, de António Mota. Neste conto foram revelados e vivenciados alguns dos receios e ansiedades sentidas por uma criança que se encontrava em fase de transição escolar para o 1º ano de escolaridade, na qual os seus familiares a tentavam acalmar.

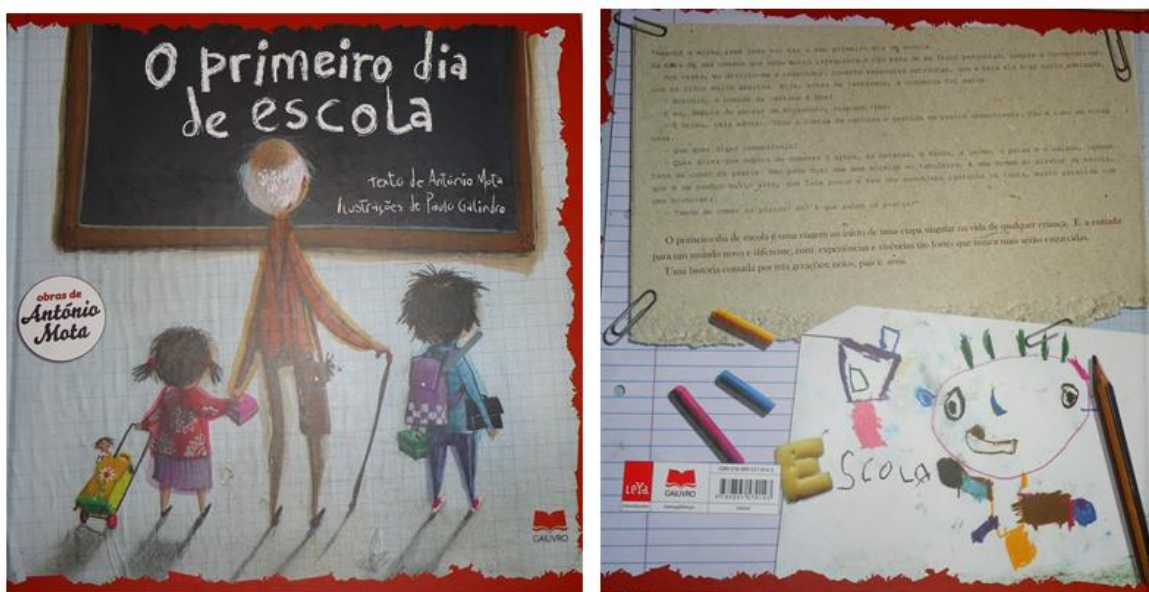


Imagem 3: Capa e contracapa da obra “O primeiro dia de escola”, de António Mota.

Seguidamente, e como segunda atividade, realizámos uma dramatização relacionada com o primeiro dia de escola que serviu de contextualização para uma posterior conversa com o grupo. Esta dramatização teve como principal objetivo a promoção de alguns aspetos positivos sobre a escola do 1º CEB e ainda algumas regras sobre o seu funcionamento. Nesta dramatização havia apenas duas personagens, sendo uma professora do 1º CEB e uma aluna, recém-chegada e com algumas dúvidas sobre este novo contexto. Decidimos ainda que a nova aluna se iria sentar junto ao grupo, como estratégia de incentivo à sua participação, tal como a partilha e o esclarecimento de algumas dúvidas/medos sentidos pelas crianças, de uma forma lúdica, dinâmica e divertida.



Imagem 4: Dramatização do “Primeiro dia de escola”.

Como terceira atividade fizemos uma visita a uma escola de 1º CEB do concelho de Aveiro. Realizamos esta atividade, pois consideramos que seria interessante as crianças conhecerem novas realidades, novos contextos, novas regras, diferentes rotinas. Nesta visita, as crianças tiveram a oportunidade de presenciar e escutar testemunhos reais, tanto da parte das crianças do 1º ano como da respetiva professora. Algumas das questões propostas às crianças do 1º ano de escolaridade foram: O que gostas mais na escola? O que já aprendeste nesta escola? O que gostas menos na escola? Que atividades costumam fazer? Como se sentiram no primeiro dia de escola?

Além disso, promovemos o conhecimento dos espaços da instituição e ainda o convívio com as crianças do 1º ano de escolaridade, através de atividades conjuntas (jogos), previamente planeados. De seguida apresento uma breve descrição das atividades realizadas:

1º Jogo - “Quem é quem humano”: As crianças foram divididas e posicionadas frente a frente, em duas equipas (equipa nº 1 e nº 2). A equipa número 1 escolhia um elemento da equipa número 2, sem que esta percebesse qual o elemento escolhido. A equipa número 2 fazia

questões relacionadas com características físicas, tais como, por exemplo: “tem cabelo castanho”, “tem os olhos azuis”, até acertarem qual a criança que a equipa 1 escolheu. À medida que iam vendo as características físicas, deviam baixar-se as crianças que não correspondessem a essas características, tal como no jogo de tabuleiro “Quem é quem”. Quando a equipa número 2 acertasse na criança escolhida, passava a ser esta a dar pistas à equipa número 1.

2º Jogo - “O lenço e os números”: Para esta atividade apenas era necessário a utilização de um lenço. Foram formadas duas equipas com o mesmo número de jogadores, aos quais foram atribuídos números iguais (1, 2, 3, 4, etc.) para ambas, decididos secretamente por cada equipa. As equipas ficaram frente a frente, separadas pela mesma distância. No meio do terreno, num dos lados, ficava o juiz com um lenço pendurado na mão, que ia chamando, um de cada jogada, os vários números que estavam em jogo. Este jogo continha algumas “armadilhas”. Por exemplo, se o juiz dissesse “fogo”, as duas equipas teriam de vir ao centro; caso o juiz dissesse “água”, as equipas deveriam ficar imóveis e se o juiz quisesse, podia chamar dois ou mais jogadores de cada vez. Para tornar as corridas mais divertidas, decidimos chamar os números fazendo-lhes corresponder nomes que definissem a maneira como o número se devia deslocar até ao centro. Por exemplo, se o juiz chamasse “madeira”, correspondia a apenas podiam deslocar-se a pé-coxinho; “panela”, significava que tinham de se deslocarem de cócoras, entre outros.

3º Jogo - “Vamos apanhar a cauda”: Através da formação de grupos de seis a oito elementos, dispostos em colunas, cada criança teria de se agarrar com as mãos à cintura do colega da frente. O primeiro elemento da fila era considerado a cabeça do cão/lobo/raposa/dragão/leão e o último, com uma corda presa à cintura, é a cauda do animal. O jogo começava com a primeira criança, a cabeça, a tentar apanhar a última, a cauda, que devia fugir-lhe. Durante esta disputa, a fila não podia ser desfeita, isto é, as crianças que formassem o corpo do cão não podiam largar a cintura dos outros. Quando a cabeça apanhasse a cauda, a criança da frente passava para o último lugar da fila, tomando a posição de cauda. Todas as crianças deviam experimentar as duas posições, ou seja, tanto de cabeça como de cauda.





Imagem 5: Atividades conjuntas com o 1º ano de escolaridade.

Assim, e estando obviamente limitadas pelo tempo disponível durante o estágio, pensámos que conseguimos alcançar um dos nossos objetivos no contexto de educação pré-escolar. As crianças, através do conto e da dramatização sobre o primeiro dia de escola e da visita ao 1º CEB, tiveram a oportunidade de ter uma outra perspetiva sobre o novo contexto, convivendo e escutando diferentes experiências de crianças que já passaram por esse processo. Esta oportunidade constituiu-se num enorme desafio, bastante gratificante. Pensamos ter conseguido contribuir de forma positiva para o processo de transição destas crianças para a escolaridade obrigatória, reduzindo algumas preocupações e, despertando, ainda mais, a curiosidade das crianças para conhecerem o 1º ciclo do ensino básico.

## Capítulo V – Resultados relativos ao 1º Ciclo do Ensino Básico

### 1. Entrevista à Professora

A professora do 1º ano do 1º CEB tinha 43 anos. A professora possuía o mestrado como habilitações académicas e exercia há mais de 21 anos. Esta professora demonstrava um enorme à-vontade com as suas crianças, evidenciando um enorme carinho e total recetividade aos medos e dúvidas das mesmas, estando sempre disponível para as apoiar.

A entrevista pode ser consultada, na íntegra, no anexo 6.

A professora, através dos dados obtidos, caracteriza o 1º CEB como sendo fundamental para a “formação pessoal dos alunos” e ainda “na questão da formação de valores, princípios e atitudes”. Segundo a docente, é apenas no 1º CEB que “se ensinam as bases em termos de aprendizagem, depois de conteúdos e as bases em termos de construção da personalidade dos alunos”.

Ao longo da entrevista, a docente atribui muita importância ao trabalho específico de apoio às crianças recém-chegadas. No entanto, afirma que “não se faz é muito” e ainda que “não sei bem que tipo de apoio é que se pode fazer”. Nesta questão (questão 2), relativa à importância atribuída ao trabalho específico de apoio às crianças que acabaram de transitar para o 1º CEB, a docente afirma que os docentes, geralmente, não estão muito preocupados com o que se passou antes, o passado da criança, preferindo começar rapidamente o trabalho, pois têm um programa a cumprir. No entanto, considera que esse trabalho de apoio seria importante para a existência de “alguma continuidade”.

As principais preocupações da docente são “que a criança se sinta bem, consiga cumprir as regras (...), esteja sentada”. Além disso, considera importante “o saber ouvir, o saber estar atento, o conhecimento dos espaços, das pessoas que aqui trabalham”. A docente acha ainda que é importante “apresentar os colegas, a si própria, conhecer as expectativas das crianças”, relativas ao novo contexto, “conhecer os contextos familiares, questões de saúde e possíveis dificuldades das crianças”.

Considera vantajoso o trabalho colaborativo entre docentes, embora não existam projetos comuns. Existe apenas o convívio em épocas festivas ou através dos trabalhos expostos no *Hall* de entrada, comum a todas as salas. Assim, embora a professora considere importante o



trabalho colaborativo entre docentes, não existe disponibilidade para um maior conhecimento das OCEPE, o que, provavelmente seria um aspeto favorável ao início de uma cooperação entre docentes.

O convívio com os pais existe apenas através de reuniões, onde a professora procura conhecer as crianças e os contextos provenientes. Desconhece as expectativas dos encarregados de educação, considerando-as um processo “intuitivo”.

Ao longo da entrevista foi possível compreender que a docente tem alguma preocupação, relativamente ao processo de transição escolar. Contudo, demonstra algum desconforto em questões sobre a temática, nomeadamente sobre estratégias concretas, facilitadoras deste processo. Embora a docente valorize o bem-estar das crianças e conheça as suas expectativas, não existem estratégias e/ou atividades específicas destinadas ao apoio da transição e integração escolar.

## **2. Inquéritos aos encarregados de educação**

Para melhor compreender as perspetivas dos encarregados de educação, no início da nossa permanência neste contexto, questionámos os encarregados de educação sobre as suas perspetivas para o novo ano letivo (anexo 7) e realizámos também inquéritos aos encarregados de educação das crianças do 1º ano de escolaridade, tendo recebido 13 contributos (anexo 8 e 9).

Novamente constatámos que o sexo feminino é o mais predominante, com dez elementos e apenas três do sexo masculino. A idade dos progenitores varia entre os 20 e os 60 anos, existindo maior incidência na faixa etária entre os 31 e os 40 anos.

As habilitações académicas dos progenitores, essencialmente, focam-se entre o 5º e o 9º ano de escolaridade, apesar de existirem pais com algum grau académico elevado, tal como o ensino secundário e a licenciatura, conforme é possível verificar no seguinte gráfico:

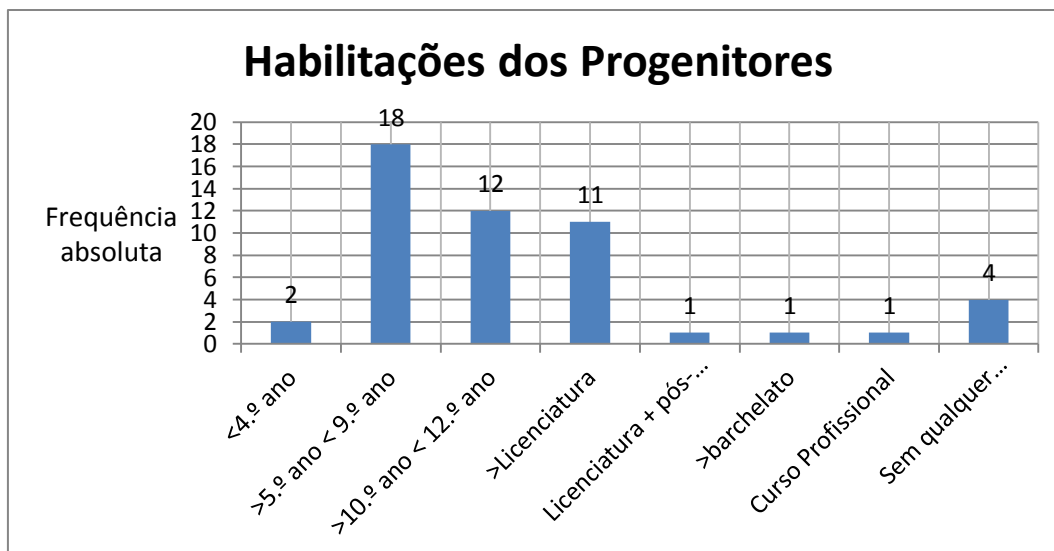


Gráfico 1. Representação gráfica das habilitações académicas dos progenitores das crianças do 1º CEB.

É importante referir que houve muitos pais que optaram por não responder, pois não se sentiam confortáveis para responderem ao inquérito solicitado.

Quanto à questão sobre as funções ou finalidades do 1º CEB, os encarregados de educação inquiridos consideram que o 1º CEB deve integrar a criança no ambiente escolar, ensinando e solidificando as bases para o seu futuro escolar. Além disso, consideram que o 1º CEB deve dar continuidade às aprendizagens iniciadas na EPE, tal como ensinar os direitos e os deveres do aluno, aprender a saber ler, escrever, ser e estar. O 1º ciclo deve ajudar na adaptação a novas regras, competências, conhecimentos e valores.

Os inquiridos sugerem algumas estratégias de facilitação do processo de transição para o 1º CEB, tais como “as crianças permanecerem juntas desde a EPE”, “ser iniciado no JI o ensino das letras e a existência de trabalhos de casa”, “mentalizar as crianças que no 1º CEB será tudo diferente”, “no 1º CEB, os primeiros dias não serem muito rigorosos a nível de estudos e de aula”, “visitar uma escola de 1º CEB” e ainda “a existência de “um ano zero”, onde sejam realizadas mais fichas de trabalho e se trabalhe a concentração”.

Ao longo do inquérito os encarregados de educação apontam algumas diferenças entre a EPE e o 1º CEB, tais como a forma como as matérias são expostas e a diminuição do tempo para as crianças brincarem. Alguns pais referem que no 1º CEB os comportamentos modificam-se, surgem dúvidas, novas questões, novas linguagens. Além disso, consideram que o espaço físico é diferente, em termos da organização da sala. No 1º CEB existe maior exigência em termos de regras a cumprir dentro da sala de aula, na carga horária, tarefas, concentração, postura na

sala, responsabilização pelos seus materiais escolares, na realização de trabalhos de casa e na liberdade durante os intervalos.

Na análise realizada foi possível compreender que um dos encarregados de educação caracteriza o 1º ano de escolaridade como “um ano de muito sucesso, uma rampa de lançamento, num novo mundo de conhecimentos e técnicas de aprendizagem”. Deseja que as crianças consigam cumprir os objetivos programáticos, desenvolvam as competências esperadas para o 1º ano, entendam as regras básicas de cidadania, tais como “o respeito pela professora, pelos colegas e pelas auxiliares de educação”. Alguns pais consideram o 1º ano fundamental para o ensino das letras e dos números, bem como para melhorar a concentração das próprias crianças. É ainda possível perceber que existe uma enorme preocupação no bem-estar e na aprendizagem das crianças, pois muitos pais referem que o importante é as crianças gostarem de frequentar a escola para que possam evoluir de forma positiva. Aproveitam ainda para reforçar a importância do papel da família que, juntamente com a escola, oferecem os “pilares/base para a formação académica e pessoal de cada um de nós”.

Para os inquiridos, o 1º CEB é de extrema importância no desenvolvimento de competências essenciais ao futuro dos seus filhos, onde são adquiridas as “ferramentas básicas” para o seu desenvolvimento futuro.

Atribuem um papel essencial à docente do 1º CEB, para o auxílio no conhecimento de novas competências e domínios. Para muitos, a professora tem um papel fundamental, não só no ensino, mas na educação das crianças. À docente compete a diversificação de estratégias, fundamentais à motivação da criança no gosto pela escola. Esta deve ser vista como um “tutor, orientador, um amigo”.

Existe a preocupação perante as atividades que as crianças desempenham no 1º ano. Muitos pais têm conversas diárias com os seus filhos, questionando-os sobre o que fizeram, aprenderam e, em muitos casos, conversam com a própria professora ou têm conhecimento através das informações afixadas. Estas atitudes demonstram uma enorme preocupação pelo bem-estar dos seus filhos e nas questões relativas à integração da criança num novo contexto escolar.

Todos os encarregados de educação consideram que a permanência em jardim de infância facilitou na sua transição, pois foram-lhes incutidas, previamente, rotinas, disciplina, regras e algumas bases de conhecimento. Muitos pais acham que a EPE ajudou os seus filhos a “crescerem”, transmitindo-lhes valores que facilitarão a convivência do 1º CEB.

Neste grupo, grande parte das crianças frequentaram o jardim de infância, existindo apenas duas crianças em que não existe qualquer informação.

Os encarregados de educação identificam alguns comportamentos problemáticos ao nível do processo de transição e na entrada para a escolaridade obrigatória, tais como o “choque com as regras”, a mudança de ambiente e do docente. Enquanto no JI eram dois profissionais responsáveis pelo grupo, no 1º CEB existe apenas um docente, responsável por todo o grupo. Muitas vezes, existem crianças que se isolam, por saudade, tanto dos amigos como da educadora. No entanto, os encarregados de educação revelam satisfação, relativamente ao trabalho desenvolvido pela docente, afirmando que os seus filhos se sentem felizes por frequentarem a escola primária, pela presença e apoio, tanto da professora como das professoras estagiárias e que as crianças demonstram bastante alegria na realização dos trabalhos de casa e ao conversarem sobre o seu dia.

Assim, é notória a enorme preocupação pelo bem-estar das crianças no 1º CEB, procurando os pais conversar com as suas crianças sobre as novas exigências da escola e demonstrar disponibilidade para as apoiar.

### 3. Intervenções que realizámos com vista a apoiar o processo de integração das crianças recém-chegadas ao 1º ano de escolaridade

Ao longo do estágio e como estratégia de amenizar possíveis problemáticas relacionadas com o processo de transição para o 1º CEB, optámos pela realização de atividades lúdicas, sem nunca menosprezar os conteúdos a serem abordados, bem como as características e gostos da turma, que sempre se constituíram como fundamentais no planeamento das atividades.

Começámos pela leitura da obra “O primeiro dia de escola”, de António Mota. A leitura desta obra, realizada no início da nossa permanência neste contexto, serviu de contextualização à temática posterior, ou seja, o primeiro dia de escola, onde fizemos entrevistas individuais a todas as crianças, tentando compreender quais os sentimentos, medos e as dúvidas das mesmas. Algumas das questões colocadas às crianças foram: “De que escola vieste?”; “A tua educadora alguma vez conversou contigo sobre o funcionamento da escola primária?”; “Qual a ideia que tinhas sobre este novo lugar?”; “Como correu o teu primeiro dia de aulas?”; “O que sentiste?”; “Vieste acompanhada(o) por algum familiar até ao interior da sala de aula?”; “Já conhecias este novo espaço?”; “Já conhecias algum dos teus colegas?”; “Sentiste alguma diferença entre a escola anterior e esta nova escola? Quais?”; “Costumas visitar a tua educadora?”; “Sentes saudade de alguma coisa da outra escola?”, entre outras que consideramos pertinentes, conforme a disponibilidade das crianças.



Imagem 6: Ilustrações da obra “O primeiro dia de escola”, de António Mota.

A segunda atividade consistiu num debate com o grupo sobre o funcionamento dos espaços escolares e regras a cumprir na instituição. Para isso decidimos projetar imagens de alguns dos espaços escolares. Com esta atividade, além de contribuímos para a reflexão individual do comportamento das crianças nos diversos espaços escolares, tornámos possível a partilha e o esclarecimento de algumas regras fundamentais nos diversos espaços pertencentes à instituição.

Assim, contribuímos para a clarificação de alguns limites estabelecidos pelo regulamento interno da instituição, contribuindo para a formação de crianças mais conscientes e responsáveis.



Imagem 7: Atividade sobre as funções e regras a cumprir na instituição.

Na terceira atividade, e visto que o conteúdo programático se relacionava com o ditongo “ou”, decidimos integrar a leitura do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Para esta atividade decidimos utilizar um baú do tesouro, elemento baseado no conto lido. O interior do baú continha a palavra “tesouro”, devidamente fragmentada. Com isto foi possível a exploração de novas palavras com o mesmo fonema. Considerámos esta atividade bastante interessante e verdadeiramente desafiadora, pois não só contribuímos para a exploração do conteúdo, como fizemo-lo de uma forma diferente, divertida e bastante lúdica, despertando e cativando a atenção das crianças.



Imagem 8: Leitura e exploração do conto “Ali Babá e os Quarenta ladrões”, de Annie-Claude Martin.

A quarta atividade relacionou-se com o reconhecimento de alguns comportamentos corretos e menos corretos. Nesta atividade, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e compreender alguns dos comportamentos a evitar dentro da sala de aula, tal como por exemplo, riscar ou danificar o material escolar dos colegas. Com esta atividade procurámos contribuir para a boa convivência e saudável partilha dos espaços e materiais por todos os intervenientes.

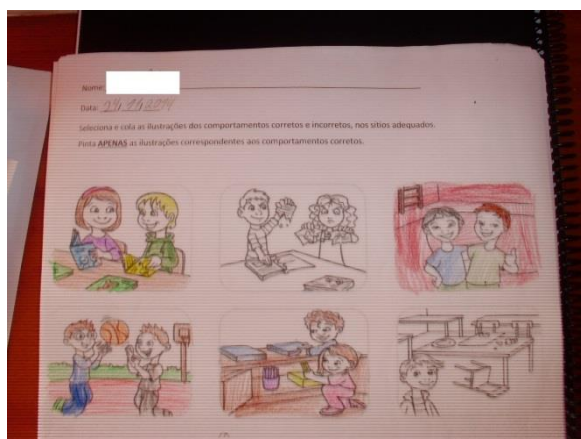


Imagem 9: Atividade sobre o reconhecimento de comportamentos corretos e menos corretos.



À atividade seguinte atribuímos o nome de “Mistério dos piratas”. Neste jogo, novamente surgiu o “baú do tesouro”. Desta vez, o baú continha uma mensagem do Capitão Gancho, destinada ao grupo. Nesta mensagem era solicitado o apoio das crianças na resolução de alguns desafios. A carta do Capitão Gancho serviu de motivação para os desafios seguintes, ou seja, a decodificação de algumas palavras misteriosas. Além disso, esta atividade permitiu, não só a convivência e a partilha de ideias, como a exploração e a descoberta de novas letras.

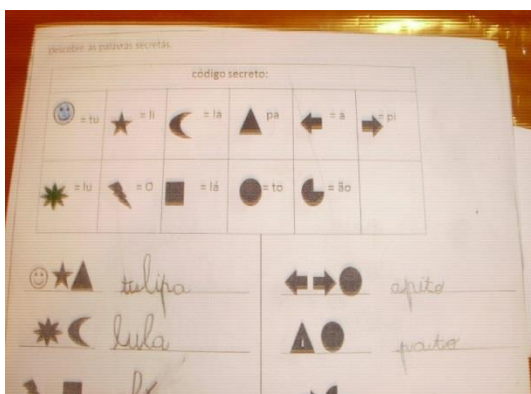


Imagem 10: Atividade “Mistério dos piratas”.



Além disso, durante todas as semanas foram realizadas atividades de apoio à socialização entre as crianças, sendo sempre implementadas durante os tempos dedicados às Expressões Artísticas e Físico-motoras. De seguida passo a descrever as atividades implementadas.

- Atividade nº 1: “Livra-me se puderes” - Consistia no tradicional jogo da apanhada. As crianças, após serem caçadas, tinham de abrir os membros inferiores para que os restantes colegas as livrassem, rastejando por baixo das crianças apanhadas.

- Atividade nº 2: “Brincamos ao espelho vivo” - As crianças, em grupos de pares, tinham de ser o espelho do colega, isto é, enquanto uma criança levantava a mão, o seu espelho teria de refletir essa mesma imagem.

- Atividade nº 3: “A estátua” - Concretizou-se a pares e a cada elemento foi atribuído uma letra, de forma a identificarem em qual momento teriam de representar a estátua ou a sua imitação. Esta atividade foi acompanhada por uma música de fundo. Ao parar a música, os pares tinham de assumir a sua função.

- Atividade nº 4: “Vamos jogar com os números” - As crianças corriam ou caminhavam pelo espaço. Quando a professora dissesse: “número três”, as crianças tinham de formar grupos de três; “número cinco”, estas tinham de formar grupos de cinco, e assim sucessivamente. Após formarem os grupos, as crianças tinham de unir as mãos e, juntas, concretizarem o exercício que a professora referisse, como por exemplo, saltar ao pé-coxinho.

- Atividade nº 5: “O semáforo” - As crianças, dispostas em roda e em pares, tinham de dançar. Ao sinal da professora, deveriam executar diferentes movimentos. Quando surgisse o sinal vermelho, as crianças continuavam a dançar com o seu par; ao sinal verde, a música parava e elas continuavam a dançar; ao sinal amarelo, as crianças trocavam de par.

- Atividade nº 6: “Escondidos na toca” - Seleccionamos crianças para representarem as tocas (duas crianças por toca), os esquilos (uma criança por toca) e um lobo. Ao sinal da professora, os esquilos tinham de sair da toca e o lobo tinha a oportunidade de caçar um esquilo. Sempre que o lobo caçava um esquilo, os restantes deveriam esconder-se novamente numa toca, de preferência diferente da anterior. O esquilo que foi caçado pelo lobo tinha de inverter os papéis com o mesmo.

Assim, e através das atividades implementadas, considerámos que contribuímos para a socialização entre as crianças, para a sua convivência, facilitando o apoio à integração das crianças no novo contexto escolar e no estabelecimento de relações entre pares.

Através destas atividades procurámos abordar conteúdos escolares de uma forma lúdica, sem nunca menosprezar os gostos e interesses das crianças. Além disso, tentámos que o “mundo do faz de conta” estivesse sempre presente, paralelamente, ao ensino formal dos conteúdos programáticos.

Apesar da escassez do tempo disponível para este apoio, verificámos que a maioria das crianças participou nas nossas propostas de forma positiva, demonstrando sentimentos progressivos de maior alegria, em relação à relação com a escola e as tarefas propostas.

#### **4. Entrevista às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico**

No contexto de 1º ano, realizámos entrevistas às crianças, com o intuito de conhecer as suas opiniões sobre o seu processo de entrada na escola (anexo 10). Procurámos que todo o grupo participasse nestas atividades, mas, infelizmente, algumas delas preferiram não participar e portanto, obtivemos apenas uma amostra de 18 entrevistas.

Enquanto entrevistávamos as crianças, apercebi-me que muitas não referiram ter qualquer expectativa em relação ao 1º CEB. Apercebi-me ainda que, em alguns casos, não terá existido um claro acompanhamento da criança neste processo, tanto por parte da educadora como dos encarregados de educação. No entanto, noutros casos, verificou-se que teria existido preocupação, por parte dos encarregados de educação, em conversarem e apresentarem a instituição à criança, como estratégia de apoio à transição escolar.

Três crianças mencionaram que a educadora nunca lhes falou sobre a escola primária e que nunca tinham visitado o interior de uma escola primária, anteriormente. Esta atitude contribuirá para o aumento dos níveis de ansiedade das crianças e, provavelmente por isso tenham referido que sentiram medo no primeiro dia de escola, por não conhecer o espaço, o pessoal docente e não docente. Com isto, uma vez mais é confirmada a necessidade de uma maior consciencialização de todos os intervenientes, relativamente à temática da transição.

Grande parte das crianças mencionou que existiam diferenças entre o JI e o 1º CEB, mencionando, essencialmente, a falta de brinquedos, os jogos, o tempo para brincar e a organização da sala de aula, o que denota alguma descontinuidade educativa entre os níveis de ensino. Muitas crianças sentiam saudades da educadora. Além disso, referiram muitas vezes que gostavam de ter um baloiço e uma “casinha” na instituição. Estes comentários poderiam ser utilizados como estratégia para aperfeiçoar o acolhimento das crianças na instituição e, consequentemente auxiliar na melhor integração das crianças neste novo contexto escolar, harmonizando todo o processo escolar.

Ao longo do período em que estivemos com as crianças, estas foram demonstrando uma atitude bastante positiva, relativamente ao novo contexto escolar. O que as crianças mais gostam neste contexto, segundo referiram, é das professoras, de realizar as atividades pedagógicas, ouvir histórias, fazer os trabalhos de casa e de brincar com os amigos, tanto os recentes como os que já conheciam de outros contextos anteriores.

## 5. O caso do Vasco

Ao longo do estágio, algumas crianças despertaram a nossa atenção. De entre as várias crianças, o Vasco (nome fictício) despertou-me alguma inquietação relativamente ao modo como estaria a viver o seu processo de transição e integração escolar.

O Vasco já tinha sete anos (feitos em novembro do ano anterior) e era natural de Aveiro. Ambos os pais eram licenciados, sendo a mãe relações públicas e o pai químico alimentar, ambos no distrito de Aveiro. Esta criança vivia com os pais e com um irmão mais novo, com 1 ano de idade. O Vasco frequentou a educação de infância durante 6 anos (desde o ano de idade) e atualmente frequenta o ATL. A criança não frequentava nenhuma atividade de enriquecimento curricular.

O Vasco era um menino muito tranquilo, meigo, sociável, extrovertido e preocupado com tudo o que o rodeava. Esta criança era muito imaginativa e criativa, adorando realizar atividades de Expressão Plástica, concretamente desenho e pintura. Tinha um enorme fascínio por personagens fantasiadas, relativas ao mundo egípcio. Demonstrava ainda uma enorme admiração pela família, contando frequentemente histórias e episódios ocorridos durante os fins de semana, tanto com os pais como com os avós.

Durante o tempo de estágio, todos os dias a criança, no início da manhã, dirigia-se a nós e beijava-nos, perguntando se estávamos bem. No entanto, e com o passar do tempo, apercebemo-nos que esta criança, durante a concretização das tarefas propostas, demonstrava algumas atitudes e comportamentos que se destacavam do restante grupo, o que nos cativou para tentar compreendê-lo e apoiar no que fosse necessário.

Praticamente todas as manhãs, o Vasco chegava atrasado à instituição. Com isto, acabava por atrasar o início da realização das suas tarefas, relativamente ao restante grupo.

O Vasco, muitas vezes, demonstrava uma atitude evidente de desagrado pelas atividades propostas, pelas aulas, pela instituição. A criança sentia, frequentemente, muita dificuldade em conseguir esperar pela sua vez para participar nas atividades. Quando o impedíamos, para que entendesse a importância deste comportamento, a criança “amuava” e deixava de querer participar na exploração das atividades.

Muitas vezes, quando não tinha vontade de participar nas atividades, distraía-se muito facilmente, tanto com o seu material escolar como o dos restantes colegas. Outras vezes, o Vasco pedia para naquele dia apenas nos ajudar pois “não estava com vontade de aprender”.

O Vasco demonstrava uma enorme necessidade de brincar, tanto no espaço exterior como no interior, conforme estava anteriormente habituado. Durante a hora do lanche, a criança atrasava-se e, por isso, quando conseguia ir ao intervalo, o tempo para usufruir do espaço era bastante escasso. A criança não tinha nenhum grupo de amigos definido, optando muitas vezes por brincar sozinho.

Ao final do dia, novamente despedia-se dos adultos e, praticamente todos os dias, a criança esquecia-se da sua lancheira no interior da sala de aula. Este comportamento poderá revelar alguma imaturidade da criança, que ainda não estaria muito habituado ao facto de se ter de preocupar com o seu material, os seus pertences ou, então, simplesmente fará parte das suas características individuais.

Olhando mais atentamente a criança, percebemos que o que a criança mais gosta na escola é de fazer desenhos, porque segundo a própria, gosta e considera que desenha bem; brincar com as professoras, porque gosta de “brincar e ajudar as professoras”; aprender letras e números e ainda “fazer corridas com a professora Tânia, porque é muito divertido”. O que o Vasco não gosta tanto na escola primária é do barulho e que os colegas lhe tirem o material, pois, segundo o Vasco, “ não me devolvem”.

Ao longo da permanência no contexto escolar, o Vasco afirmou que já tinha aprendido muitas coisas novas. Assim, segundo a criança, já aprendeu a fazer “letras direitas”, escrever os números “ao contrário”, ler os ditongos e juntar “letras e palavras”. Considera que é bom a desenhar dinossauros, a jogar às escondidinhas, dar abraços às professoras e a jogar andebol. No entanto, gostaria de melhorar a sua escrita de números e as letras e, ainda, o seu comportamento, relativamente ao barulho. O seu maior desejo, como o da maioria das crianças deste grupo, é que a instituição tenha baloiços e escorregas.

Através da entrevista realizada à criança, esta refere que no passado, enquanto frequentava o JI, era durante o banho, com o pai, que aprendia algumas “palavras pequenas”. Diz que começou por realizar muitos trabalhos manuais e depois é que aprendeu “palavras de duas letras”. No entanto refere que aprendeu tudo isso sozinho. Aproveita ainda para exemplificar como aprendeu a ler, juntando e experimentando diferentes letras e tentando perceber o som dessas mesmas letras.

No primeiro dia de escola refere que se sentiu “triste e amuado”, pois apenas conhecia alguns colegas de vista. A criança, apesar de afirmar que não conhecia a escola primária, conta que

um dia foi com o pai visitar a instituição e que o pai lhe tinha contado “coisas muito boas” sobre a mesma e que também a tinha frequentado, exatamente na mesma sala que o Vasco.

O Vasco diz que gosta da escola, apesar de encontrar bastantes diferenças entre as instituições, tais como a existência de brinquedos durante os intervalos e a organização das atividades. A criança refere que na outra escola, ou seja, no JI, de manhã faziam “trabalhos” e de tarde iam para uma outra sala brincar, estando esta recheada de brinquedos.

O Vasco sentia muitas saudades da educadora. Nesta questão, senti a criança um pouco desconfortável ao relembrar-se da educadora, demonstrando uma enorme cumplicidade e um enorme carinho pela mesma. Além disso, refere com uma enorme alegria que, recentemente, a tinha visto, enquanto passeava no carro com o pai.

Ao longo do estágio foram desenvolvidas atividades, tentando sempre adaptá-las às características e gostos individuais de cada criança. Além das atividades em sala de aula, muitas vezes, durante os intervalos, usufruíamos do recreio com as próprias crianças, correndo e explorando todo o espaço verde. Esta atitude surgiu, devido ao tempo que o Vasco demorava para lanchar. Enquanto a maioria das crianças, a meio do tempo disponível para o intervalo, já estavam no recreio, o Vasco, muitas vezes, permanecia dentro da sala de aula grande parte do tempo ou o tempo todo a acabar de lanchar. Por isso, começámos por desafiá-lo para fazermos uma corrida à volta da escola. O Vasco sempre adorou esta iniciativa, demonstrando uma constante alegria pela sua realização.

Contudo, inicialmente não foi fácil, pois embora o desafio fosse destinado ao Vasco, obviamente as restantes crianças também queriam aderir e, por isso, tínhamos de esperar que o Vasco terminasse o seu lanche. Com o tempo, o Vasco começou a conseguir organizar e gerir melhor o seu tempo, tentando terminar as suas atividades ao mesmo tempo que o restante grupo, para poder lanchar ao mesmo tempo que as outras crianças e assim, poder explorar, durante mais tempo, o espaço exterior da instituição.

Quanto às atividades concretizadas no interior da sala de aula, o Vasco, com o passar do tempo e com o apoio das nossas propostas, foi alterando alguns dos seus comportamentos e atitudes perante as atividades propostas. Preocupa-se mais com a realização e finalização das suas atividades, demonstrando, atualmente, maior rapidez e concentração na concretização das tarefas. As atitudes de oposição, tais como “eu quero” e “eu não quero”, no final do nosso estágio, foram diminuindo. O Vasco não voltou a demonstrar atitudes de negação à escola, participando cada vez mais nas atividades, respeitando os colegas e as professoras.

A criança compreendeu a importância das regras na sala de aula, relativamente à pontualidade, ao comportamento (por exemplo, esperar pela sua vez para intervir), à importância de estar com atenção, entre outras.

É importante referir que para isto contribuiu todo o esforço de compreensão das atitudes e comportamentos demonstrados pelo Vasco, dos seus gostos e preferências, procurando-se atender a isso nas nossas intervenções.





## **Conclusão**



Após a finalização deste estudo, torna-se importante refletir sobre o decorrer de todo o processo, tendo por base a informação obtida mas, antes de passarmos a apresentar as nossas conclusões, relembramos as questões que estiveram subjacentes ao nosso estudo:

- 1) Qual a principal função atribuída pelos profissionais de educação ao nível de ensino que lecionam? Qual o seu papel nesse processo?
- 2) Qual a importância que educadores e professores das duas primeiras etapas da educação básica atribuem à transição entre estes dois níveis de ensino e às práticas de colaboração e articulação educativa?
- 3) Que práticas de transição e articulação no Jardim de Infância e na escola do 1º Ciclo do Ensino Básico se verificam?
- 4) Quais as perspetivas dos encarregados de educação relativamente ao trabalho realizado na educação pré-escolar e sobre o processo de transição para a escola?
- 5) Como parece ser vivenciado o processo de transição para a escolaridade obrigatória pelas crianças do 1º CEB?
- 6) Como apoiar a experiência de transição para o 1º CEB?

- 1) Qual a principal função atribuída pelos profissionais de educação ao nível de ensino que lecionam? Qual o seu papel nesse processo?

Ao longo das entrevistas, percebemos que ambas as docentes atribuem importância ao nível de ensino em que lecionam. A educadora considera a educação pré-escolar fundamental para a criação de “momentos, espaços e contextos de enriquecimento” das crianças, na promoção da livre-iniciativa e autonomia das mesmas.

A professora do 1º CEB caracteriza o seu nível de ensino como imprescindível na “formação de princípios e valores” e ainda na “construção da personalidade” das crianças. Para a docente, o 1º ciclo do ensino básico relaciona-se, essencialmente, com o cumprimento do Programa e das Metas Curriculares.

- 2) Qual a importância que educadores e professores das duas primeiras etapas da educação básica atribuem à transição entre estes dois níveis de ensino e às práticas de colaboração e articulação educativa?

Nos contextos estudados, percebemos que não existe propriamente preocupação com a continuidade educativa, verificando-se a ausência de diálogo e de trabalho colaborativo entre os profissionais de educação da EPE e do 1º CEB. A maioria dos docentes estão habituados ao trabalho isolado, sem a existência de diálogo e/ou partilha de experiências/recursos. Apesar de inexistente, a educadora considera importante o debate e a discussão de opiniões entre docentes, trabalhando um sentido de comunidade, onde exista uma linha de “pensamento comum” entre os profissionais de educação.

A docente do 1º CEB atribui também algum relevo às práticas de colaboração e articulação educativa. No entanto, refere que, no seu caso, essa comunicação apenas existe durante as épocas festivas na escola, onde existe o convívio entre os profissionais de educação. Refere ainda que, no início do ano letivo, organiza reuniões com as várias educadoras, onde são partilhadas experiências e as principais dificuldades das crianças, entre outros aspetos que poderão ser influenciadores na boa integração das crianças recém-chegadas ao 1º ano de escolaridade.

3) Que práticas de transição e articulação no Jardim de Infância e na escola do 1º Ciclo do Ensino Básico se verificam?

Embora as docentes considerem importante um trabalho específico de apoio às crianças que vivenciam a transição para o 1º CEB, a continuidade e harmonia entre os dois níveis de ensino, bem como o trabalho colaborativo entre profissionais de educação, não concretizam um trabalho específico de apoio à transição e à integração destas crianças ao contexto escolar.

As principais preocupações da educadora, no trabalho de preparação das crianças para a transição para o 1º CEB, relacionam-se com a criação de “momentos de maior concentração, atividades de maior duração”, resolução de conflitos e criação de maior autonomia. No entanto, e como abordagem específica de apoio à transição, a educadora realiza “fichas” com as crianças mais velhas. Esta atitude faz-me refletir sobre a importância e os objetivos atribuídos pela docente ao processo de transição escolar. Questiono-me se a promoção de uma transição escolar saudável se relacionará apenas com a concretização de “fichas”.

Embora a professora do 1º CEB demonstre alguma preocupação pelo processo de transição, não apresenta estratégias específicas de apoio. Para a professora as principais preocupações neste processo, relacionam-se com o “cumprimento das regras”, tais como as crianças conseguirem “estar sentadas durante mais tempo, saibam ouvir e estarem atentas”. Além

disso, o conhecimento dos espaços, dos colaboradores da instituição, as conversas com as crianças sobre as suas expectativas, relativas ao novo contexto e ainda o conhecimento das dificuldades e dos contextos familiares das crianças, através das reuniões com os encarregados de educação também se constituem como práticas importantes no processo de transição e articulação entre o JI e o 1º CEB.

Através da análise à entrevista, torna-se importante refletir sobre alguns aspetos mencionados pelas docentes. A educadora refere que as professoras do 1º ano se queixam que os meninos não conseguem estar sentados muito tempo. Também a professora do 1º ano sugere que as crianças cheguem ao 1º CEB com uma melhor preparação em algumas áreas como o Português e a Matemática, pois são as áreas que as crianças revelam maiores dificuldades. Persiste, por isso, a ideia da atribuição da responsabilidade pelas dificuldades das crianças aos docentes de educação pré-escolar, o que revelará, uma vez mais, alguma falta de cooperação e interajuda entre os docentes, na procura de estratégias adequadas à articulação com o 1º CEB.

É fundamental que os docentes percebam que a troca de informações/partilha de estratégias e recursos se constitui uma ótima estratégia de facilitação no processo de transição. Para isso, é igualmente importante que os docentes evitem o distanciamento entre profissionais de educação e que conheçam as orientações e os conteúdos programáticos de ambos os níveis de ensino, de forma a permitir a “construção de um processo coerente e progressivo”, o que será benéfico para o sucesso educativo das crianças (Bastos, 2007, p. 35).

Além disso, a interajuda e cooperação entre docentes de diferentes níveis de ensino facilitará a implementação de atividades comuns entre níveis de ensino, permitindo a convivência e a partilha de ideias e experiências entre as crianças. A visita recíproca entre crianças de diferentes instituições poderá também ser positiva para a partilha de ideias e o esclarecimento de dúvidas entre as crianças, facilitando todo o processo de transição para o 1º ciclo do ensino básico. A organização de atividades de leitura, conversas e/ou debates entre as crianças acerca de assuntos que lhes são fortemente significativos (como é a entrada para a escola) também poderá constituir-se positivo no conhecimento e na partilha de experiências.

A organização do tempo e do espaço também é importante para a integração das crianças no novo contexto escolar. É importante que os docentes do 1º ano de escolaridade tenham em atenção os contextos provenientes das crianças, tentando organizar o espaço pelas diferentes áreas temáticas, de forma a facilitar a livre exploração das crianças. Além disso, é importante refletir sobre o tempo disponível para que as crianças possam brincar e explorar o espaço

exterior. As atividades pedagógicas no 1º CEB não se devem restringir única e exclusivamente ao espaço interior da sala de aula.

Todo o processo de transição escolar requer sensibilidade, receptividade, tempo, disponibilidade e flexibilidade por parte dos seus intervenientes. Obviamente, não existe nenhuma “fórmula mágica”, mas, através de um trabalho cooperativo entre os intervenientes permitirá uma transição mais tranquila e confortável ao ciclo seguinte. Um fator decisivo para esta mudança de mentalidades poderá relacionar-se com o novo regime de autonomia das escolas, facilitando o trabalho cooperativo entre educadores e professores, através de reuniões e ações de formação, de forma a criar espaços favorecedores da continuidade educativa (Ferreira, 2006).

4) Quais as perspectivas dos encarregados de educação relativamente ao trabalho realizado na educação pré-escolar e sobre o processo de transição para a escola?

A participação dos encarregados de educação, neste processo, é extremamente importante para a harmonização e diminuição dos níveis de ansiedade das crianças. O estabelecimento de relações de parceria entre educadores, professores e família poderão ser elementos essenciais no sucesso educativo.

Neste estudo, a maioria dos encarregados de educação demonstrou contentamento no trabalho de apoio que tem sido realizado com as suas crianças. Em relação a ambos os níveis de ensino, os pais identificam diferenças, tais como a “organização do espaço físico”, a “diminuição do tempo para as crianças poderem brincar”, a “diminuição da parte lúdica” e o “aumento da carga horária, das tarefas, concentração, na postura do aluno na sala, na responsabilização pelos seus materiais escolares, na realização de trabalhos de casa (. . .)”. A maioria dos encarregados de educação considera que existe continuidade educativa entre os dois níveis de ensino, mencionando que estes dois níveis de ensino devem “andar sempre em sintonia”. Consideram que na EPE as crianças adquirem as bases fundamentais para mais tarde aprenderem e desenvolverem conhecimentos com maior facilidade. No entanto, alguns encarregados de educação afirmam a inexistência de continuidade educativa entre os dois níveis de ensino, justificando que “são níveis diferentes de aprendizagem e ambientes distintos”, com “momentos e objetivos diferentes”.

5) Como parece ser vivenciado o processo de transição para a escolaridade obrigatória pelas crianças do 1º CEB?

O processo de transição escolar poderá ser uma passagem sem sobressaltos, caso exista continuidade a nível pedagógico, na “organização dos conteúdos curriculares, na partilha dos espaços e tempos escolares e se, claro, todos os intervenientes (profissionais, família e crianças) se envolverem em atividades específicas para a transição” (Sim-Sim, 2010, pp. 113-114).

Algumas crianças entrevistadas referiram que no primeiro dia de escola sentiram medo, ansiedade e algum nervosismo, pois além de não conhecerem a instituição, não conheciam o espaço e, em alguns casos, os colegas. As crianças identificam múltiplas diferenças entre as duas instituições, essencialmente ao nível da quantidade de brinquedos, das regras e do tempo para brincar no recreio.

Grande parte do grupo nunca tinha visitado a escola primária, antes da sua chegada. Além disso, segundo algumas crianças, nunca tiveram qualquer conversa com as educadoras sobre a nova instituição, sobre as suas expectativas e os seus medos. Algumas crianças referiram que já tinham uma ideia do funcionamento do novo contexto, mas através de conversas com irmãos mais velhos, pais e avós.

No final do nosso estágio, verificámos que grande parte do grupo afirma gostar de frequentar o 1º CEB, demonstrando atitudes bastante mais positivas.

6) Como apoiar a experiência de transição para o 1º CEB?

A partir da nossa experiência, percebemos que no processo de transição é essencial que, tanto os docentes como os encarregados de educação estejam devidamente consciencializados da sua importância e das vantagens que esta abrange. É muito importante que os adultos compreendam que as crianças recém-chegadas ao 1º CEB são muito pequenas e que, em muitos casos, não têm os seus amigos do JI, o que contribuirá para o aumento dos níveis de ansiedade. É normal que as crianças se sintam inseguras e, por isso, é tão importante a ligação

estabelecida entre o profissional de educação e as crianças. Uma ligação de proximidade e confiança transmitir-lhes-á tranquilidade e segurança, contribuindo para uma melhor integração na comunidade escolar. O conhecimento das características, gostos e interesses do grupo e o apoio em termos pedagógicos, por exemplo, através de atividades lúdicas, de conversas e de debates, serão algumas estratégias facilitadoras na diminuição dos níveis de ansiedade e inquietação e, conseqüentemente, do sucesso educativo. O profissional de educação poderá ainda organizar visitas recíprocas a uma escola de 1º CEB da periferia, contribuindo não só para a partilha de ideias e vivências entre as crianças de ambos os contextos como entre profissionais de educação de diferentes níveis de ensino.



## **Considerações Finais**



Refletindo sobre o meu contributo no apoio à transição escolar das crianças com quem trabalhámos, considero que, apesar da escassez de tempo para um maior acompanhamento do grupo, a experiência se tornou bastante gratificante, tanto a nível pessoal como profissional, dada a oportunidade de conhecer, explorar e desenvolver atividades pedagógicas de apoio à transição e integração escolar.

A realização deste relatório final permitiu um maior conhecimento sobre a temática da transição escolar, abrangendo um estudo numa situação real e concreta, o que para mim se constitui como verdadeiramente motivador e desafiante.

Inicialmente senti alguma dificuldade na implementação do projeto mas, ao longo do estágio, e tendo sempre em atenção as características e interesses do grupo, procurei responder o melhor possível aos interesses das crianças. Ao longo do estágio, não só realizei atividades em pequenos grupos como procurei promover a integração das crianças através de atividades relacionadas com a socialização entre as mesmas.

Considero que, através das atividades implementadas em ambos os contextos, não só apoiei as crianças envolvidas no processo de transição e integração escolar, como despertei a consciencialização das docentes envolvidas e dos encarregados de educação das crianças de ambos os níveis de ensino, contribuindo para uma transição escolar mais tranquila e saudável.

Parece-me essencial que os docentes conheçam o Programa e as Orientações Curriculares dos níveis de ensino em questão. Além disso, a cooperação e a interajuda entre profissionais de educação também poderá estar sempre presente ao longo das práticas. Só assim poderá existir, verdadeiramente, continuidade e articulação educativa entre diferentes níveis de ensino.

A relação estabelecida entre o docente e os encarregados de educação é, sem dúvida, importante para a obtenção do sucesso educativo. Os docentes podem tentar conhecer as expectativas dos encarregados de educação, compreendendo e apoiando possíveis dúvidas e receios. Só assim os níveis de ansiedade, tanto dos encarregados de educação como das crianças serão mais controlados e/ou minimizados. Neste processo, os pais podem evitar atitudes e comportamentos reveladores de alguma insegurança, ansiedade e/ou preocupação, pois isso poderá, indiretamente, ser transmitido às crianças, deixando-as ainda mais nervosas e inquietas.

Assim, e como futura profissional de educação mais consciente sobre a temática da transição escolar, obviamente estarei mais predisposta a refletir sobre algumas questões, como por

exemplo, a importância atribuída ao lúdico no 1º CEB, o tempo dispensado para o brincar “livre” das crianças, tendo sempre em atenção a sua integração e gosto pela escola, como elementos cruciais na sua integração no 1º CEB.

Ao longo do estudo, o pouco tempo para um acompanhamento mais significativo das crianças foi por mim considerado como uma limitação. O tempo de frequência em cada um dos contextos, caso fosse mais alargado, facilitaria a implementação de mais e melhores atividades, relativas ao processo de transição escolar. Seria também bastante interessante acompanhar o processo de transição de uma das crianças desde o JI até ao 1º ano de escolaridade, contribuindo de forma mais continuada no seu processo de transição e integração escolar. No 1º CEB, também me senti limitada pelo cumprimento do Programa, o que nem sempre facilitou na implementação de atividades facilitadoras da integração escolar.

Com a realização deste estudo, ganhei uma maior consciencialização da importância da qualidade da transição nos contextos escolares e da importância do trabalho colaborativo entre o educador, o professor e os respetivos encarregados de educação.

Desta forma, e conforme Ferreira (2006), “se a criança tiver uma perceção positiva da mudança, poderá significar que no futuro em outros momentos de transição, conhecerá menor ansiedade, uma vez que, experiências positivas, geram atitudes positivas e fomentam mais iniciativa e mais segurança” (p.99).

## Bibliografia

- Araújo, C., Pinto, E., Lopes, J., Nogueira, L., & Pinto, R. (2008). *Estudo de Caso*. Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Basílio, H. (2011). *O Papel do Supervisor Pedagógico na transição do pré-escolar para o 1º ciclo, nas escolas de 1º ciclo com pré-escolar do Concelho de Santa Cruz Madeira* (Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, Funchal). Recuperado de <http://repositorio.uma.pt/bitstream/10400.13/360/1/MestradoHeldaBas%C3%ADlio.pdf>
- Bastos, H. (2007). *A criança de transição - estudo das representações e atitudes face ao 1.º ciclo do ensino básico* (Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto). Recuperado de <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/163/2/TME%20369.pdf>
- Campos, A. (2012). 1.º ano: uma nova etapa!. Recuperado em 14 de janeiro, 2014 de <http://www.educare.pt/opiniaio/artigo/ver/?id=12330&langid=1>
- Cruz, M. (2008). *Articulação curricular entre a EB1 e o Jardim-de-Infância: Práticas docentes* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro). Recuperado de <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1029/1/2009001015.pdf>
- Decreto-lei n.º 46/86. (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República I série. N.º 237 (14-10-1986), 3067-3081.
- Decreto-lei n.º 241/2001. (2001). Perfis gerais de competência dos educadores e professores do 1.º ciclo. Diário da República.
- Ferreira, M. (2006). *A articulação como continuidade educativa entre os dois primeiros níveis da educação básica. Que expectativas* (Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto).
- Hopps, K. (2014, outubro). Preschool + school + communication =What for educator relationships?. *Early Years: An International Research Journal*, 34, 405-419, Recuperado de <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09575146.2014.963032#.Vae19PIViko>

- Karila, K. & Rantavuori, L. (2014, novembro). Discourses at the boundary spaces: developing a fluent transition from preschool to school. *Early Years: An International Research Journal*, 34, 377-391. Recuperado de <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09575146.2014.967663#.Vae2TPIViko>
- Liublinskaia, A. (1973). *O desenvolvimento psíquico da criança (dos 3 aos 7 anos)*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Marchão, M. (2002, setembro). Da formação de educadores e professores aos processos de construção e gestão do currículo nas 1<sup>as</sup> etapas da educação básica (Educação Pré-escolar, 1<sup>o</sup> Ciclo). *Aprender*, 26, 33-40. Recuperado de <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>
- Monge, M. (2002, setembro). Educação Pré-escolar/ 1.<sup>o</sup> Ciclo do Ensino Básico - uma perspectiva de continuidade educativa. *Aprender*, 26, 27-32. Recuperado de <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>
- Moreira, L. (2012). *A (in)disciplina na transição da educação pré-escolar para o 1<sup>o</sup> ciclo do ensino básico: implicações na qualidade das aprendizagens e no desempenho docente* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga). Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23936/1/Laura%20Manuela%20das%20Neves%20Macedo%20Moreira.pdf>
- Nabuco, M. (1992). Transição do Pré-escolar para o 1<sup>o</sup> CEB. *Inovação*, 5, 81-93.
- Nabuco, M. (2002, setembro). Transição do Pré-Escolar para o Ensino Básico, *Aprender*, 26, 55-59. Recuperado de <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>
- Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.
- Portugal, G. (2002, setembro). Dos primeiros anos à entrada para a escola - Transições e continuidades nas fundações emocionais da maturidade escolar, *Aprender*, 26, 9-16. Recuperado de <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>

- Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-escolar: sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
- Portugal. Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Portugal. Ministério da Educação. (1998). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Portugal. Ministério da Educação. (2007). *Educação e Formação em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, I. (2002, setembro). Ser Professor do 1.º ano: que continuidade com a Educação Pré-escolar?, *Aprender*, n.º 26, 17-26. Recuperado de <http://www.esep.pt/aprender/index.php/revistas/104-revista-aprender-n-26>
- Sim - Sim, I. ( 2010, março). Pontes, desníveis e sustos na transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo da educação básica. *Exedra*, 11-118.
- Vasconcelos. (2009). Transição Jardim-de-infância- 1º Ciclo. Recuperado em Agosto, 2009, de <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=89>





## **Anexos**

## Anexo 1. Guião da entrevista à educadora de infância.

### Guião da Entrevista - Educadora

#### 1. Idade:

#### 2. Habilitações Académicas:

Bacharelato ou grau equivalente ☐

Licenciatura ou grau equivalente ☐

Pós-Graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

Outro ☐

#### 3. Tempo de serviço

Menos de 5 anos ☐

De 6 a 10 anos ☐

De 11 a 15 anos ☐

De 16 a 20 anos ☐

Mais de 21 anos ☐

#### Questões:

1. Na sua opinião, quais são as funções da Educação Pré-Escolar e, qual é o papel da educadora de infância neste processo?
2. Tendo em conta a sua experiência profissional, pensa que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que se preparam para vivenciar a transição do JI para o 1.º CEB? Porquê? Que vantagens, que desvantagens ou dificuldades?
3. Conhece as expectativas dos pais em relação à educação pré-escolar?
4. Quais as suas principais preocupações no trabalho de preparação das crianças para a transição para o 1.º CEB? Que tipo de ações costuma realizar?
5. Têm sido desenvolvidos projetos educativos e curriculares comuns a outros grupos de jardim de infância, envolvendo colaboração entre educadoras de diferentes grupos e professores/as, com vista à preparação para a transição do JI para o 1.º CEB? Se sim, que tipo de ações têm sido realizadas?
6. Considera que existe continuidade e harmonia relativamente aos objetivos educacionais dos dois níveis? Até que ponto diferencia o papel do educador/a do papel do professor/a do 1.º CEB?
7. Conhece o programa em vigor para o 1.º CEB?
8. Já conversou com as suas crianças de 5 anos sobre como vai ser o 1.º ano? O que lhe disse sobre o 1.º ano de escolaridade obrigatória?

## Anexo 2. Guião da entrevista à professora do 1º CEB.

### Guião da Entrevista - Professora

**1. Idade:**

**2. Habilitações Académicas:**

Bacharelato ou grau equivalente ☐

Licenciatura ou grau equivalente ☐

Pós-Graduação ☐

Mestrado ☐

Doutoramento ☐

Outro ☐

**3. Tempo de serviço**

Menos de 5 anos ☐

De 6 a 10 anos ☐

De 11 a 15 anos ☐

De 16 a 20 anos ☐

Mais de 21 anos ☐

**Questões:**

1. Na sua opinião, quais são as principais funções do 1.º CEB e, qual o papel da professora?
2. Tendo em conta a sua experiência profissional, pensa que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que acabaram de transitar para o 1º CEB? Porquê? Que vantagens, que desvantagens ou dificuldades?
3. Conhece as expectativas dos pais em relação ao 1.º ano de escolaridade?
4. Quais as suas principais preocupações relativamente à transição e adaptação? Que tipo de ações costuma realizar?
5. Foram desenvolvidos projetos educativos e curriculares comuns, envolvendo colaboração entre educadoras de diferentes grupos e professores/as, com vista à preparação para a transição e adaptação ao 1º CEB? Se sim, que tipo de ações foram realizadas?
6. Considera importante que exista continuidade e harmonia relativamente aos objetivos educacionais entre os dois níveis? Até que ponto diferencia o papel do educador/a do papel do professor/a do 1.º ano?
7. Conhece as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE)?
8. Conversou com as suas crianças sobre como vai ser o 1º ano? Se sim, o que lhes foi dito?

### Anexo 3. Transcrição da entrevista à educadora de infância.

#### Entrevista à educadora de infância:

Nós (N): Habilitações académicas bacharelato ou grau equivalente, licenciatura ou grau equivalente?

Educadora (E): Licenciatura ou grau equivalente.

N: Qual o tempo de serviço, menos de cinco anos, de seis a dez anos?

E: 37 anos.

N: 37 anos mais ou menos isso.

N: (questão 1) – Na sua opinião, quais são as principais funções da educação pré-escolar e, qual o papel da educadora de infância nesse processo?

E: Eu penso que a Educadora de Infância deve sobretudo proporcionar momentos e espaços e contextos de enriquecimento para as crianças. Não devem ser coisas estanques devem ser coisas que à partida tenham ligação umas com as outras porque isso vai fazer com que eles, vão dando sentido de continuidade às coisas, e isso também é importante para eles. Quando damos qualquer coisa como adquirido, qualquer aprendizagem como adquirida, essa aprendizagem será adquirida conforme ela for sendo utilizada em diferentes contextos. E portanto, eu penso que nós somos sobretudo um guia, mas que devemos dar o mais possível espaço para que as crianças tomem eles a iniciativa. Acho que é muito importante a livre iniciativa, acho que é muito importante dar espaço para a autonomia, sem ser com ideias rígidas, “agora vão todos para ali”, não consigo ver os meninos a andar todos assim muito direitinhos em fila em comboio. Pronto, é a minha forma de ver as coisas. Acho que eles automaticamente vão conseguindo fazer isso. Se olharmos à primeira vista, salta aos olhos que aqueles meninos são tão organizados, estão ali na fila, mas também, por outro lado, se eles vão de tal forma descontraídos, que nem lhes está a fazer falta essa ideia da fila. De maneira que, eu penso que é sobretudo a função do educador, que é sobretudo ser um guia, que acredite nas suas ideias, que as questione e que não faça disso uma doutrina. Penso que deve estar sempre aberta e questionar-se a si própria.

N: (questão 2) – Então, tendo em conta a sua experiência profissional, pensa que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que se preparam para vivenciar a transição de um trabalho específico ah (risos) ... Tendo em conta a sua experiência profissional, pensa que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que se preparam para vivenciar a transição do jardim de infância para o 1.º ciclo?

E: Pois, eu até a bem pouco tempo achava que não, achava que a educadora de infância deve proporcionar atividades que lhes vão dando bases e não literacia. O que eu agora me confronto muitas vezes é que realmente começa a entrar um bocadinho nas atividades de pré, aquela necessidade de quase de resposta aos pais, às pessoas que estão à nossa volta de que as crianças vão muito bem preparadas para a escola. Eu penso que eles sobretudo, devem estar preparados ao nível do desenvolvimento pessoal e social, que saibam resolver os seus conflitos, que saibam chegar lá e não entrarem em choque e que saibam cumprir regras como por exemplo, falar cada um na sua vez, ou esses valores democráticos... Eu penso que era sobretudo isso que nós devíamos... Quando dizemos assim, uma criança deve estar num nível de bem-estar e implicação, isso tem tudo a ver com o seu nível de desenvolvimento pessoal e social, e é a partir daí quando me passam para a ideia de que as crianças já devem levar as letras todas sabidas, que já devem eu estou-me a tentar adaptar, e pronto e faço um esforço porque vejo que realmente que a pressão que está a ser agora muito mais, mas tem-me custado um bocadito a ter que dar esse pulo. A minha forma era sempre uma forma lúdica que as crianças fossem agora não, eu vejo que as frases que nós hoje utilizamos não é, as frases nunca entraram no meu, no meu conceito de aprendizagem pré-escolar, e no entanto eu agora deixo que elas entrem na sala.

N: E acha que isso trás vantagens para o processo de transição das crianças?

E: Trazem, desde que as crianças não se vejam massacradas com isso, e quando digo massacradas é porque às vezes vejo as pessoas a insistir como sendo um objetivo que tem de já levar... uma cartilha não é? Uma cartilha já adquirida, mas, mas, vejo isso, penso que isso não deve ser como, como uma obrigação, porque se não eles vão começar muito mais cedo a dizer “eu não sou capaz”, “eu não consigo”, porque se calhar há maturidades que se vão adquirindo aos cinco anos, há crianças que no início dos cinco anos já têm uma destreza a nível de grafismos e isso tudo, mas há crianças que só ali a meio, é que se começa a ver que se começa a desenvolver realmente isso. Também vejo quando a criança é obrigada a partir dos três anos aos três anos desenvolve-se tudo, e portanto, fica neste dilema.

N: E será que é bom ou mau...

E: Agora também o que eu vejo, é que as crianças que vão assim, dizem “ai mais fichas não”, “ai não, outra, eu já estou cansada da minha mão”, “quando é que vamos brincar?”, “quando é que eu posso fazer isto ou aquilo?”, gostaria mais que fosse um pré-escolar mais vivenciado com experiências.

N: Conhece as expectativas dos pais em relação à educação pré-escolar?

E: Hum... eu tenho, eu tento normalmente nas reuniões sensibilizar os pais para a ideia de que o pré-escolar devem ser esse, essa, esse, essa ideia de vivências, de experiências, de deixá-los, captar-lhes a curiosidade, e não tanto a aprendizagem. Não tenho tido problemas em relação aos pais, porque nenhum nunca me questionou que gostava que o filho sáísse daqui a ler ou a saber as letras, ou isso tudo... e as coisas têm surgido de uma forma muito natural, e portanto eu tenho uma criança que na sala lê, porque passa a vida a olhar para as letras e depois as outras crianças acabam por achar piada a ela estar a juntar, e depois e depois acabamos por fazer jogos e a criança está a ler, mas não é nada que seja imposto ou que tenha sido de uma forma que o dissesse “eu quero que vocês aprendam a ler”, e portanto, só vão as crianças que realmente estão minimamente sensibilizadas para esse tipo de atividades.

N: Então, quais são as suas principais preocupações no trabalho de preparação das crianças para a transição para o 1.º ciclo? Ou e ainda que tipo de ações pode realizar ou costuma realizar com essas crianças?

E: Eu penso que elas devem ser preparadas para ter momentos de maior concentração, penso que os tempos de atividades de maior.... Uma das coisas que se queixam muitas professoras primárias é que eles não sabem estar sentados, porque a maior parte do tempo que passam no jardim-de-infância, realmente não é para estarem sentados, segundo a minha maneira de ver não é? E depois realmente o contraste é terrível, porque eles vão para lá, para a escola e têm que estar sentados. E então eu tento equilibrar as coisas, portanto, vou-lhes dando momentos em que eles vão estando sentados e vão-lhes dando momentos em que eles podem explorar à vontade todos os cantos da sala. Depois em relação às...desculpem.

N: Às ações que pode realizar...

E: Preocupa-me por exemplo que eles saibam resolver questões entre eles sozinhos, sem intervenção do adulto, portanto, o pedido de desculpa, o saber ao certo, o ter a conceção de que o certo e o errado, “eu procedi mal, eu não fiz isto bem”, “pronto mas eu não faço mais isto ou qualquer coisa do género”, ou resolver situações entre eles próprios, para mim é a fase mais importante para depois então estarem mais predispostos para a aprendizagem. Claro que na escola primária eles não vão ter muito tempo para ter essas *esquesilhazinhas*, não é? Mas se as levarem já minimamente preparadas para nos intervalos e nos outros tempos, tentarem conciliar esses aspetos, é a tal sociabilização. Para mim é muito importante que a parte da socialização vá minimamente preparada ou muito bem preparada, porque depois lá é tudo

muito mais virado para a aprendizagem, e a aprendizagem não dá espaço, portanto para a socialização não é? Porque dá muito mais para, ultimamente, a competição.

N: Têm sido desenvolvidos projetos educativos e curriculares comuns a outros grupos de jardim-de-infância, envolvendo colaboração entre educadoras de diferentes grupos e professores, com vista à preparação para a transição do jardim-de-infância para o 1.º ciclo? Se sim, que tipo de ações têm sido realizadas?

E: Olha não têm sido realizadas, e também não há na instituição uma linha de pensamento comum, o que me faz muita pena, porque eu acho que todas as instituições, pelo menos, deviam ter uma filosofia própria de trabalho em que as coisas se debatessem e, e, fossem discutidas, “mas porquê que tu não pensas assim?”, “porquê que eles têm que ir agora tão, tão, trabalhados?”, “porquê que” e falta-nos aqui esse tipo de diálogo entre nós, porque trabalhamos muito centradas em nós próprias, e não tanto em sentido de comunidade, e muito menos em sentido de comunidade de partilha com outras colegas de fora daqui da instituição, e também muito menos em contexto com os professores do ensino básico, porque agora as crianças também antigamente iam todas ali para a escola da Glória e agora estão muito muito dispersas. Portanto, do meu grupo que são oito crianças, duas vão para São Bernardo, duas vão para da Verdemilho, duas vão para as Barrocas, e portanto, uma vai para a Glória, duas vão para a Glória. Portanto, esta, este, esta dispersão de sítios para onde as crianças vão, também não nos permite muito ver, apesar de haver um agrupamento não é? Nós não temos reuniões com o agrupamento, só o que é mesmo crucial não é? O pré-escolar oficial e, portanto, não sabemos muito bem o que é que se passa em relação, não sabemos distinguir, o que é o ensino privado neste momento a nível do pré-escolar ou pelo menos não sei como é que funciona o nível do pré-escolar a nível do estado não é, do oficial. E, o que eu vejo aqui uma aposta surge mais na preparação a nível de trabalho direto, com lápis, com borracha, com, apesar de haver muita exploração também de dinheiro e essa coisa toda, mas muito vocacionada para a preparação para o 1.º ciclo.

N: Então, assim sendo, considera que existe continuidade e harmonia relativamente aos objetos educacionais dos dois níveis? Até que ponto diferencia o papel do educador do papel professor do 1.º ano?

E: Eu acho que, cada vez mais o professor quer que a criança vá o mais preparada possível, com as bases de iniciação ao que é o ensino básico, e não sei se todas as pessoas estão a fazer isso. O que eu acho é que há crianças que viveram uma infância feliz no jardim-de-infância e sentem uma enorme frustração, porque chegam lá e afinal não são capazes de fazer coisas,

como por exemplo, já ler, e algumas crianças já vão a ler, e algumas crianças já vão a escrever, e portanto, essa criança fica desanimadíssima porque foi sempre... eu tenho um estudo presente de uma criança que foi para a escola, e ela assim: "eu sempre fui muito boa a fazer as coisas", e depois quando chegou lá, era repreendida pela professora, "tu não estás a fazer isto, tu sabes fazer isto", e portanto, ela dizia "mas eu não aprendi isso", mas estava a competir com crianças, é a tal competição, e é isto que eu tenho medo que realmente aconteça muito, é que comece a haver essa competição. Era fantástico que as pessoas conseguissem chegar a um consenso, entre o que que é, o que é um jardim-de-infância, até onde é que podem ir, mas isto também tem muito a ver com os meios. De certeza que num meio rural, as coisas não são como são aqui, não são como são noutros sítios. Eu tive uma criança que era completamente fora deste contexto do jardim-de-infância onde eu estou. Era engraçado, porque ele chegava de manhã e dizia-me assim e eu dizia-lhe assim "tu vieste atrasado, o que é que te aconteceu?", "andei a matar ratos", e eu assim "matar ratos?", "pois entrou um na minha *marquise*, estava lá o meu avô pegamos numa vassoura" e ele contava aquilo como sendo uma vivência tão natural dele, que os outros ficavam todos alarmados "matas-te um bicho não é?", mas aquilo fazia parte de uma cultura familiar dele. Ele matava porcos com o avô, ele matava coelhos, ele matava galinhas, e portanto, para as outras crianças isso era um... e eu tinha pena, porque aquilo que eu vejo é que não se aceitam essas diferenças culturais. O facto de ele ser assim, não quer dizer que não fosse uma criança, que, que tivesse dificuldades de aprendizagem, as vivências dele eram completamente diferentes das que tinha aqui na escola.

N: Conhece o programa em vigor para o 1.º ano do 1.º ciclo?

E: Não.

N: E já conversou com as suas crianças de cinco anos sobre como é que será o 1.º ano? O que é que lhe diz sobre o 1.º ano de escolaridade obrigatória?

E: Eu ainda não conversei com eles a sério, não é, nós ainda... não lhes falei ainda a sério, o que eu já convidei foi uma criança do primeiro ciclo, uma criança não, são três, que normalmente nas *feriazitas* estão aqui no ATL e vão lá para a sala, pedem para ir lá para a sala, e então elas vão-nos contando do primeiro ciclo e vão suavizando as coisas, porque a ideia primeira que eles têm de que vão para a escola primária, que a coisa vai ser dura, que a coisa vai ser má, e eu não queria que eles tivessem assim esse ideia, porque eu tenho crianças desde já com já uma lagrimazinha ao conto do olho quando lhes falam na escola. Mesmo no caso do, não queria estar aqui a coisar um caso, mas o Tomás ele está supersensível, porque está a ficar apreensivo com a entrada na escola não é, e então anda sempre com aquele *nervosito*. Se lhe



tocam nesse assunto, ele fica logo agitado e fica, e portanto, eu não queria de maneira nenhuma estar, a assustá-lo, portanto, quero que ele vá e que ele viva o mais possível. Agora ele já teve a experiência de ter ido para o público no pré, e a coisa não correu bem, talvez por isso...

N: Estará assustado...

E: Pode estar assustado com “n” situações. Há outras crianças que é pelas irmãs, que têm irmãos, com, ou na escola, dizem assim “eu não quero ir a escola”, e eu pergunto “mas então porquê?”, “ai tanto trabalho eu eles têm”, e portanto é outra imagem, e portanto é... eu estou naquela expectativa assim falo ou não falo, deixo que eles ... porque tem muita a ver com a professora que eles vão encontrar, tem muito a ver com o ambiente, com o contexto que eles vão ter, tem muito haver até com as auxiliares com quem vão ter que conviver e com os outros adultos com que vão ter que conviver. Portanto, não vale a pena nem estar a antecipar... agora, eles sabem que vão para a escola e que vão aprender e que vão para a escola e que vão estar mais tempo sentados, e que têm que se convencer que na escola tem que ser assim, porque que a escola é diferente, mas eles também já são mais crescidos e já conseguem. É como os pais já são crescidos, por isso é que eles aguentam tanto tempo ao computador, portanto, não, não quero criar nem expectativas nem de que “vocês agora na escola, vocês vão ver o que vos vai acontecer”, não, não quero estar a influenciá-los nesse aspeto, nem a pô-lhes as coisas como sendo “não, não se preocupem”, e depois chegarem lá e a coisa ser mesmo de preocupar. Portanto, se tiverem de preocupar, eles quando lá chegarem eles preocupam-se, porque os primeiros dias não vão ser fáceis não é, os primeiros dias vão ser assim um bocadinho mais, mais *tenebrozitos*, mas aquilo é uma questão de depois se adaptarem. E lá está, se eles forem minimamente preparados para lidar com o conflito, para a lidar com... a coisa até pode ser bem resolvida, para que os seus sentimentos, se eles souberem avaliar os seus próprios sentimentos, se souberem lidar, se souberem falar, ir à procura do adulto para falar, ajuda muito, porque é isto que às vezes parece que eles estão todos ali ao molho e fé em Deus, mas o que eu quero muito é que eles tenham qualquer coisa e que venham ter connosco, e que nós os atendámos, e que nós os respondemos, e que nós lhe dizemos “olha mas tu também tens razão”, se não tiver, mas também se tem razão tem razão e pronto, e que eles saibam abrir-se aos sentimentos e não fechar-se porque têm medo, porque não, eu assusta-me muito uma criança que diz assim “eu vou falar então hoje com a professora” e dizem-lhe assim “ai mãe nem penses”, isso para mim aflige-me, portanto “oh mãe nem penses que a gente criámo-lo” é a pessoa que está com ele todos os dias, portanto deve ter uma afinidade com essa pessoa, pronto.

## Anexo 4. Guião do inquérito aos encarregados de educação – Educação Pré-Escolar.

### Questionário

Enquanto estudantes e estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade de Aveiro, vimos solicitar a sua colaboração na resposta ao presente questionário. Este insere-se num estudo sobre o processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico.

A sua colaboração é fundamental.

Por favor, exprima a sua opinião em relação às perguntas no espaço próprio mas, se for necessário, utilize o verso da página. Desde já, agradecemos toda a sua disponibilidade.

O questionário é anónimo e as suas respostas serão absolutamente confidenciais.

1. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐

2. **Idade:**

3. **Habilitações Académicas:**

Bacharelato ou grau equivalente ☐

Mestrado ☐

Licenciatura ou grau equivalente ☐

Doutoramento ☐

Pós-Graduação ☐

Outro ☐

4. **Questões:**

1. Na sua opinião, quais são as funções ou finalidades da educação pré-escolar?

---

---

---

---

---

2. Na sua opinião, qual o papel de um(a) educador(a)?

---

---

---

---

---

**3.** Acompanha ou tem conhecimento das atividades que o seu filho(a) realiza no contexto de educação pré-escolar? De que modo?

---

---

---

---

**4.** Considera que a educação pré-escolar de que o seu filho(a) usufrui facilita a sua transição para o 1º CEB?

---

---

---

---

**5.** Que sugestões ou iniciativas aponta para melhorar o processo de transição do pré-escolar para o 1º CEB?

---

---

---

---

**6.** Na sua opinião em que é que o 1º ano de escolaridade obrigatória vai ser diferente do período pré-escolar?

---

---

---

---

**7.** Já falou com o seu filho sobre como vai ser o 1º ano? O que lhe disse?

---

---

---

---

8. Considera que existe continuidade educativa entre a educação pré-escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração!

Tânia Batista e Daniela Couto

## Anexo 5: Inquéritos aos encarregados de educação – Educação Pré-Escolar.

<u>Análise dos inquéritos aos EE da EPE:</u>
<b>Questão 1 – Na sua opinião, quais são as funções ou finalidades da educação pré-escolar?</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Complementar os pais na educação dos filhos</b> e ensiná-los a aprender, preparando-os assim para o 1.º ciclo. Uma vez que as crianças passam uma parte importante do seu dia no pré-escolar é também importante que recebam carinho.</li><li>• Começar a <b>preparar as crianças para o 1.º ciclo do ensino básico</b>, através das atividades que são desenvolvidas em sala, como pinturas, recortes, contar, algumas letras, escrever o nome.</li><li>• Preparar a criança para o 1.º ano do ensino básico, <b>suavizar essa transição fazendo com que a criança não sinta uma mudança abrupta mas sim uma continuidade.</b></li></ul>
<b>Questão 2 – Na sua opinião, qual o papel de um(a) educador(a)?</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Ser o <b>elemento integrador</b> entre a criança e o espaço não familiar. Neste contexto deve <b>valorizar a individualidade e a autonomia e o desenvolvimento de relações com os outros e o mundo.</b></li><li>• Transmitir e desenvolver confiança na sua relação com o educador. Capacidade para <b>potenciar e desenvolver todo o processo de aprendizagem</b> do educando a nível pedagógico e a nível de competências pessoais e individuais.</li><li>• Hoje em dia o papel da educadora é, <b>cada vez mais importante</b> visto a criança possuir mais tempo com a educadora do que com os pais durante os dias da semana, assumindo assim um sentido mais lato que <b>passa por orientar, fornecer “ferramentas” à criança para seu desenvolvimento global (emocional e cognitivo).</b></li></ul>
<b>Questão 3 – Acompanha ou tem conhecimento das atividades que o seu filho(a) realiza no contexto de educação pré-escolar? De que modo?</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Acompanhamos e temos conhecimento das atividades. <b>Somos informados formalmente pela educadora e auxiliares</b> e também há essa informação transmitida no decurso de conversa informal. Também temos conhecimento das atividades <b>pela filha, espontaneamente ou colocando questões sobre as atividades do dia.</b></li><li>• Sim. Lendo os <b>resumos das atividades que a educadora publica diariamente</b> (incluindo as fotografias), perguntando aos meus filhos, conversando com a educadora e <b>participando nas reuniões de pais.</b></li><li>• Sim, 1) <b>conversando</b> com ele todos os dias ao fim do dia sobre o seu dia: perguntando quais as atividades realizadas, <b>se ele aprendeu algo novo, se o dia foi divertido, se ele</b></li></ul>

<p><b>gostou do seu dia. 2) as trocas de informações com a educadora são sempre muito importantes. 3) trabalhos afixados, informações e fotografias afixadas...</b></p>
<p><b>Questão 4 – Considera que a educação pré-escolar que o seu filho(a) usufrui facilita a sua transição para o 1.º CEB?</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não tendo outra experiência para o 1.º CEB, considero que está a ser feito o mais importante: desenvolver segurança, autoconfiança, estabilidade emocional na criança.</li> <li>• Sim. As educadoras têm a preocupação/objetivo de transmitir vários conhecimentos que serão uma primeira abordagem de vários conceitos abordados no 1.º ciclo.</li> <li>• Sim, porque adquirem conhecimentos, e algumas rotinas que vão facilitar a transição para o 1.º CEB.</li> </ul>
<p><b>Questão 5 – Que sugestões ou iniciativas aponta para melhorar o processo de transição do pré-escolar para o 1.º CEB?</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Embora não tenha muita noção do que vai acontecer no 1.º CEB, talvez o estímulo para <b>ficarem sentados no mesmo sítio durante algum tempo</b> seja benéfico, embora muitas vezes considere que... cada coisa a seu tempo.</li> <li>• Não consigo apontar nenhuma sugestão ou iniciativa em particular. No geral, acho que <b>diversificar experiências e tentar satisfazer a curiosidade das crianças</b> (ao ritmo delas) contribuem para criar indivíduos seguros, confiantes com boa autoestima, muito importantes para um processo de transição. <b>Melhorar a autonomia da criança.</b></li> <li>• <b>Potenciar atividades/temas devidamente adaptadas para o pré-escolar com temas de aprendizagem para o 1.º CEB.</b></li> <li>• Algumas <b>atividades realizadas no formato “sala de aula do 1.º CEB”</b> no ano anterior à entrada para o 1.º CEB. <b>Visitar uma escola do 1.º CEB.</b></li> </ul>
<p><b>Questão 6 – Na sua opinião em que é que o 1.º ano de escolaridade obrigatória vai ser diferente do período pré-escolar?</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Diminuição do tempo para brincar vs tempo sentado</b>, [“manetenção”] da concentração durante períodos mais longos.</li> <li>• Acredito que o 1.º ano de escolaridade (e restantes) será um <b>período escolar mais rígido e competitivo</b>. O <b>acompanhamento, apoio e incentivos individuais serão reduzidos</b>. <b>Maior responsabilização.</b></li> <li>• O 1.º ano e o 1.º ciclo em geral são ciclos em que <b>a parte lúdica da aprendizagem de vai diluindo.</b></li> <li>• <b>No 1.º ano aprende-se.</b> Até lá, aprende-se a aprender, a brincar e a socializar.</li> </ul>

- Em tudo. A responsabilidade é maior e os objetivos são totalmente diferentes no pré-escolar o objetivo é brincar aprendendo no 1.º ano o objetivo é aprender sem brincar.
- Maior necessidade de concentração da criança; maior acompanhamento dos pais; maior responsabilidade das crianças (pontualidade, avaliação, etc.).

**Questão 7 – Já falou com o seu filho sobre como vai ser o 1.º ano? O que lhe disse?**

- Sim, disse-lhe que vai ser muito bom, porque vai começar por aprender muitas coisas novas, vai aprender a ler e a fazer contas, o que tem recebido muito entusiasmo.
- Não falei, ainda falta um ano. Mas também é minha opinião que não vale a pena criar muitas expectativas, cada criança reage de maneira diferente e o que importa é dizer e mostrar que estamos disponíveis para ouvir e ajudar.
- Não em grande detalhe pois ele vai constatando a realidade da irmã mais velha que está no 1.º ano. Em todo o caso ele está muito interessado em aprender a ler e a escrever.
- Sim, foi-lhe dito que ia aprender cada vez mais coisas, e que ia ser uma verdadeira aventura; que ia estar mais tempo sentado e concentrado, que ia ter trabalhos de casa, que ia aprender a ler e a escrever...

**Questão 8 – Considera que existe continuidade educativa entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico? Porquê?**

- São níveis diferentes de aprendizagem e em ambientes distintos, daí achar que não há continuidade educativa. Posso não ter entendido corretamente esta pergunta!
- Continuidade, julgo que não, mas também julgo que não será esse o objetivo. É claro que são introduzidos conceitos no pré-escolar que depois serão trabalhados no 1.º ciclo. Julgo que são momentos diferentes com objetivos diferentes.
- Sim, porque as crianças levam já as bases que lhes permitem adquirir conhecimentos com mais facilidade (por exemplo estar com as fichas da “pré” como lhe chama o meu filho).
- Acho que sim, penso que a aprendizagem e educação são sempre contínuas e andam sempre em sintonia, ou pelo menos deveriam andar. Considero que os conteúdos do pré-escolar servem de suporte para o desenvolvimento do ensino básico.
- Sim, apesar de achar que no último do pré-escolar, a criança deveria ter mais atividades no formato “sala de aula” semelhante ao do 1.º ano de escolaridade obrigatória.



## Anexo 6. Transcrição da entrevista à professora do 1º CEB.

### Entrevista à professora do 1.º Ano

Nós – Professora Filomena, na sua opinião, quais são as principais funções do 1.º Ciclo e qual é que é que deve ser o papel da professora?

Professora – Ai são tantas. Mas as principais são aquelas que estão estabelecidas no, nos programas, não é? Nas Metas, agora as Metas Curriculares... é assim, apesar de eu agora estar a falar mais da questão de conteúdos, objetivos que temos de cumprir, há também outras funções que dizem respeito ao 1.º Ciclo que eu acho muito importantes que é a questão da formação pessoal dos alunos, é a questão da formação em valores, princípios, atitudes, sei lá.

N- Relacionado com isso...

P- Sim, eu penso que é aqui, no fundo é aqui que se ensinam as bases, as bases em termos de aprendizagem depois de conteúdos e as bases em termos de, de construção da personalidade dos alunos. Nós não estamos aqui só para transmitir conhecimentos, que isso é importante, e depois é pedido também, mas não é só, também temos a função de formar a personalidade dos alunos e de ser o exemplo, de dar o exemplo não é, de ser exemplares para eles, nós temos atitudes que sejam, isso nem sempre se consegue da melhor maneira, como vocês sabem, nós temos atitudes que são exemplares, mas na medida do possível devemos tê-las, não é? Digo isso por causa dos contextos e assim, pronto.

N- Professora, tendo em conta a sua experiência profissional, pensa que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que acabaram de transitar para o 1.º Ciclo? Porquê? Que vantagens, que desvantagens ou dificuldades?

P- Bem, é importante, importante é. Não se faz é assim muito e não sei que tipo de apoio é que se podia dar... mas penso que sim, que é importante um trabalho específico de apoio às crianças que acabaram de transitar para o 1.º Ciclo. Sim, eu penso, mas nós não temos orientações nesse sentido. É quase como que, eles acabam, acabam aquele período, chegam ao outro e nós apanhamos aqui e queremos é fazer o trabalho que nos, que nos compete, que nos pedem, o que é que nós temos de cumprir? Os programas, não é? Por vezes se calhar não estamos muito preocupados com o que se passou antes. Não é preocupados, eu tenho alguma preocupação, sim, com o que se passou antes, claro, não é bem isso... quando eles chegam a minha preocupação é começar a fazer o trabalho que, agora...

N- Se houvesse algum trabalho específico, a professora acha que havia vantagens?



P- Eu penso que havia vantagens. Eu acho que sim, que havia vantagens, havia vantagens. Quer um trabalho aqui, quer um trabalho aqui no princípio, quer um trabalho lá no fim, porque, para haver alguma continuidade. Isso não sei, nem sempre é fácil, não é? Porque as crianças são oriundas de vários, de várias, de várias instituições e vários contextos, mas aqui neste caso, de várias, de várias instituições, instituições diferentes. Se houvesse alguma continuidade dentro de uma instituição, imagem que os alunos que frequentaram aqui a pré e depois viessem para o 1.º Ciclo todos, o que não acontece, não é? Eles vêm de vários, por isso.. não sei se isso seria muito viável, mas pronto. Devia haver sim, algum... acho que havia vantagens, sim, na adaptação.

N- Que desvantagens ou dificuldades?

P- Ah pois...

N- Se havia desvantagens ou podia ser uma dificuldade?

P- Dificuldades são nestas questões. Imaginem que eu tenho, temos aqui o Paulo Samuel que veio de Taboeira, temos a Iara que veio de... de Verdemilho, salvo erro. Pronto, e isso seria uma dificuldade, não é? Porque os...

N- Os contextos são diferentes.

P- Não só o contexto, a distância. A distância não é muita distância, mas tínhamos, tinha de haver uma articulação entre, entre os vários sítios, não é? Entendem? Em termos de projeção de vários, lá está, de vários sítios. Isto não é longe, mas é que é longe. Não é longe, mas Verdemilho não é muito longe daqui, mas acaba por ser, há alguma distância, não é? As dificuldades estou a vê-las mais por essa parte. Agora, desvantagens, desvantagens não estou a ver muitas desvantagens. Desvantagens não, dificuldades sim, pode haver estas, sim.

N- Em termos dos Encarregados de Educação, a professora conhece as expectativas dos mesmos, em relação ao 1.º ano de escolaridade?

P- Quer dizer, eu nunca lhes perguntei diretamente, sei um pouco indiretamente, não é? Penso que todos os pais têm expectativas dos alunos que se calhar, no princípio, o que eles esperam principalmente é que eles aprendam a ler e a escrever e a contar e a fazer as operações e assim... Será mais isso, sei isso um pouco intuitivamente, porque nunca, nunca lhes, nunca perguntei aos pais o que é que eles esperam.

N- Em reuniões ou assim, nunca surgiu essa oportunidade?

P - Não, na reunião do princípio do ano não perguntei aos pais quais eram as expetativas. Perguntei sim, aos alunos perguntei, aos alunos perguntei, aos pais não perguntei quais eram as expetativas em relação ao 1.º ano, porque nós temos um programa a cumprir e à partida serão aquelas as expetativas que os pais terão em relação aquilo que é definido para o 1.º ano.

N- Quais são as suas principais preocupações, relativamente à transição e adaptação? Que tipo de ações costuma realizar?

P - As principais preocupações... são que as crianças se sintam, se sintam bem, que consigam cumprir as regras, aqui poderão ser um bocadinho diferentes das regras estabelecidas na pré, consigam estar sentadas, porque eles não estão, não sei se é habituados e também não têm de estar habituados a estar sentados, não tinham de estar na pré habituados a estarem sentados o mesmo tempo que aqui estão, não é? Mas, preocupa-me essa questão de não estar sentado, o ouvir, o saber ouvir, o saber estar atento... é principalmente isso. Agora, que ações é que costumo realizar? O que eu costumo fazer? É complicado. Se calhar faço, sem muita... como é que eu vou dizer?... Sem muita consciência que o faço. É assim, quando eles chegam há a preocupação de os, de os, de lhes dar conhecimento dos espaços, das pessoas que aqui trabalham. No início o que é que eu fiz? Fui com eles ver a escola, ver a ... do edifício, passar por algumas salas. Lá em baixo, quando passamos pelas assistentes operacionais apresentá-las, ver quem é que limpa a sala e esse tipo de coisas. Mas se calhar devia haver um trabalho mais, se calhar ainda mais, mais aprofundado, não sei, em relação a isso. Depois claro, apresentar os colegas, apresentar-me a mim, falámos do que eles esperam que aconteça no 1.º ano, no fundo as expetativas deles, isso é falado nas expetativas deles para, para o 1.º ano, o que é que eles esperam e assim. E eles esperam trabalhar muito, é o que eles querem muito, mas depois quando chegam, pronto, já é diferente. Pronto, depois também, em relação às ações que eu costumo realizar, nós temos as reuniões com as educadoras e há a preocupação de tentar conhecer as crianças, os alunos, quer através das educadoras quer através dos pais, se há questões específicas que os pais possam querer dizer, para nós termos mais atenção a um aluno ou outro, na ficha, a ficha biográfica que é preenchida também é nesse sentido, para nós podermos conhecer as famílias, os contextos familiares, uma preocupação minha também conhecer os contextos familiares, situações, sei lá, de saúde ou de alguma dificuldade que os alunos possam ter, sim, tenho essa preocupação. Não é consciente, se calhar, não é? Quer dizer, eu agora estou a pensar nisso, porque vocês me estão a, estou a dizer-vos isso, porque vocês me estão a perguntar. Porque se calhar não é, não é assim muito consciente, se calhar.

N- Então, a professora considera que existe ligação com as educadoras, ou seja, se foram desenvolvidos alguns projetos educativos e curriculares comuns, envolvendo a colaboração entre educadoras dos diferentes grupos, com vista à preparação para a transição e adaptação ao 1.º Ciclo?

P- Não, isso não. Não foram desenvolvidos projetos educativos e curriculares comuns. Isso não. Não, a única coisa que houve foi reuniões com as educadoras, para nos darem a conhecer as características dos alunos. Foi mais nesse sentido. Aqui, projetos educativos e curriculares comuns? Há, quando nós fazemos alguma coisa, por exemplo na altura do Magusto, isso é comum ao... é comum, mas nós festejamos, mas não estamos a articular. Quer dizer, há articulação, mas é assim, não é, não estamos ali muito próximos dos, dos alunos. Porque todos, todas as iniciativas que nós fazemos aqui, com o 1.º Ciclo, envolvem também a pré, a pré está sempre envolvida, porque estamos na mesma escola, claro, a pré é envolvida sempre. Agora, não há assim tanta comunicação. Há às vezes também, quando eles expõem trabalho ali no *hall* de entrada ou assim, mas, não há assim muito mais.

N – Considera importante que exista continuidade e harmonia, relativamente aos objetivos educacionais entre os dois níveis? Até que ponto diferencia o papel do educador do papel do professor do 1.º ano?

P – É assim, claro que é importante sim, haver continuidade e harmonia em relação aos objetivos educacionais entre os dois níveis, claro que sim, pois não podia ser de outra forma, não é? Agora, e depois qual o papel do educador e do professor?

N – Até que ponto diferencia o papel do educador e o papel do professor?

P - Pois, nunca pensei muito nisso... pois não...

N – Mas na sua opinião, considera que o educador, qual é o principal...

P- É assim, o papel. Os papéis não são assim muito diferentes. Eu acho que não são assim tão diferentes, porque não são assim, não...? Temos é de trabalhar com, com crianças com idades diferentes, objetivos diferentes em relação, principalmente, se calhar, a conteúdos, mas em relação a objetivos educacionais, à formação da personalidade, ao cumprimento de regras não serão assim tão diferentes. Eu penso que, é assim, a pré, a exigência na pré não é, também não pode ser, não é? Atendendo ao nível etário dos alunos, tão exigente como no 1.º Ciclo. Se calhar nós, que apanhamos os alunos no 1.º Ciclo no 1.º ano, esquecemos um bocadinho da exigência para, quer dizer, nós pegamos aqui, chegamos aqui, exigimos, temos um grau de

exigência que, se calhar, o grau lá, é um grau muito inferior ou não, não sei. Mas se calhar depende. O que acontece é que se houvesse alguma articulação e preparação para o 1.º ano, em algumas áreas, não digo em todas, porque em algumas, eu penso que, principalmente a Matemática, considero que os alunos até vêm com alguma preparação. Já a Português, isso não acontece tanto. Dá-me a ideia que, intuitivamente, quer me parecer, quer me parecer, que já me perdi no que eu estava a dizer não foi?

Nós – Em relação ao papel do educador...

P- Sim, são diferentes, mas não assim tão tão diferentes. Cada um claro, tem depois de cumprir, o que no nosso caso, os programas, no caso dos educadores, as orientações não é?

Nós – Acha que o professor do 1.º ano, assume uma posição de maior exigência, é necessário um maior trabalho em relação ao educador?

P – Eu dá-me a ideia que sim! Tenho essa ideia, pode ser uma ideia pré-concebida mas eu tenho, tenho a ideia que sim. Mas não é mais exigente não é em termos... mais exigente em termos de aprendizagens, de conteúdos, se calhar em relação ao cumprimento de regras será, não digo que será semelhante, mas também não pode ser semelhante não é? Nós não podemos, se calhar, pedir aos alunos..., a crianças da pré, que se portem como crianças depois mais velhas, não é, não se pode não é? Exigir isso não é? E tem que haver, é assim, a pré não tem de ser uma escolaridade ali seguida ali, não é seguida, seguida tem de ser, mas as crianças tem de ser, tem que ter ali espaço para, também, terem alguma liberdade não é? Isso, ainda, são muito pequeninos, digo eu, na minha opinião acho que é isso.

Nós – E no 1.º ciclo considera que os alunos já não devem ter essa liberdade?

P – É, não é. Poderiam ter alguma, se nós a pudéssemos ter. Se o professor do 1.º ciclo a pudesse ter... porque depois é aqui, nós temos, nós temos de cum... é que nós, é que isto é quase como um pau de dois bicos não é? Nós temos de lhes ensinar as matérias e para isso, eles só conseguem aprender se houver regras, se eles conseguirem fazer o trabalho que nós pretendemos, não há outra maneira.

Nós – Acha que se fosse possível adotar outro tipo de organização do 1.º ciclo, a professora apoiava uma diferente organização desta, em estarem todos sentados, fazerem as atividades todas ao mesmo tempo... todos a participar...

P – Com o número de alunos... pois, apoiava, mas com o número de alunos que nós temos por turma, não é fácil gerir isso tudo, e com um professor só, não é fácil... humanamente não é possível, era o ideal não era? Era o ideal, porque eles avançavam uns que avançavam mais... respeitar os ritmos, claro isso é, mas não é assim tão viável, humanamente não é viável, então com vinte... vocês veem percebem, com vinte e seis alunos, dar atenção a todos, e dar atenção aos que mais precisam, que dizer nós queremos é que eles estejam todos... se eles já estiverem em sintonia com todos, para nós já é muito bom.

Nós – Então, e conhece as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar?

P – Não conheço, profundamente não. Conheço assim por alto até porque o meu filho também frequenta a Educação Pré-Escolar... Conheço, mas não, não, com profundidade não.

Nós – Não sabe então o currículo da Educação Pré-Escolar não está... familiarizada?

P – Eu já o vi, já o vi, mas não tenho de memória, quer dizer, sei, sei por alto, não posso dizer que o sei profundamente, mas se calhar se me perguntarem se no 1.º ano, 1.º ciclo, também sei, também tenho de ir ver, tenho de ir ver os documentos, mas tenho, tenho, tenho, algumas, algumas ideias, alguma noção sim.

Nós – Conversou com as suas crianças sobre como vai ser o 1.º ano? Se sim, o que é que lhes foi dito?

P – Isso sim, sim, o que que lhes disse...? O que que lhes disse sobre o 1.º ano? É o que lhes digo, é o que vou dizendo... não lhes disse logo, só no início... como é que vai ser o 1.º ano? Sei lá...

Nós – Eles, por exemplo, no primeiro dia de aulas eles perguntaram como é que seriam as suas aulas?

P – Não, eles não perguntaram. Eles perguntar não perguntaram, agora eu...

Nós – A professora disse-lhes o trabalho que ia ser feito, como é que ia ser feito, porquê que eles estavam... neste caso, como é que ia ser este ano, o que que eles iam fazer, como...

P – Sim...

Nós – Quais as... e porquê não é? Porque eles estão aqui por alguma razão... por várias neste caso...

P – Sim, sim, sim. Pois, eu não me lembro o que é que exatamente lhes disse... mas é assim, deve-lhes ter dito, devo, habitualmente digo, e que eles iam, e quando eles falam das expectativas do aprender a ler e a escrever, eles muitos deles queriam, começavam a perguntar se podiam trabalhar com plasticina, por exemplo... no princípio, no princípio, eu disse que sim, que íamos trabalhar, mas que não era já de caminho, íamos depois trabalhando e assim, e que íamos aprender a ler e a escrever, e a importância do ler e do escrever, o aprender a calcular e assim, foi à volta, foi um pouco à volta disso... agora como, as regras também, que aqui tinham de ser cumpridas algumas regras, impliquei-os na elaboração da regras, dizendo...

Nós – Fez alguma comparação com o pré-escolar? Por exemplo no pré-escolar vocês faziam assim, trabalhavam assim, agora vai ser um pouquinho diferente...

P – Não, não, não isso não. Isso não, não. Não até porque nem tenho a noção bem, eu tenho alguma noção de como é que se trabalha no pré-escolar mas não tenho a noção completa de como se trabalha. E além disso, se calhar, cada educadora trabalha da sua forma não é? E até cada professor, também, mas pronto, mas...

Nós – Tem mais alguma coisa para nos dizer professora em relação a esta nossa entrevista? Só mais alguma pergunta, a professora sentiu no primeiro dia, ou na primeira fase de adaptação das crianças sentiu algum medo por parte deles?

P – Deles medo? Não, não senti medo em relação a isso não. Senti medo, mas, é assim, houve crianças que choraram, fizeram até pedido a chorar pelas mães, isso sim, que depois foi sendo, foi ultrapassado. Isso aconteceu na primeira semana, segunda semana, e depois foi ultrapassado. Mas sim, esse medo, não sei se se chama medo, podemos chamar medo, mas sim esse sentir, esse chorar, no início se calhar o custo da adaptação não é? Penso que sim, aconteceu com algumas, algumas, não com todas, não senti isso com todas, mas senti com alguns sim, com alguns, que depois foram ultrapassando.

Nós – Como é que a professora acha que isso pode ser ultrapassado? Esses medos, esses receios...

P – É assim, é assim... o nosso papel é muito importante não é? Tentar dar-lhes algumas proteção, alguma segurança, explicar-lhes, por exemplo, aqui, aqui, é um bocadinho confuso e no início mais ainda porque eles, alguns vão almoçar a ca, à cantina, à cantina ali da Jaime, outros vão almoçar ao ATL e isto gera alguma, algumas crianças nem sabem bem para onde vão, nem que têm de levar cartão. Este tipo de questões que às vezes não pensamos e não acontece em todas as escolas, depende, aqui acontece pelas circunstâncias não é? Acontece



aqui, e isto tem de ser gerido, temos de lhes dar alguma tranquilidade, saber quem é que vai... eu tinha uma lista com os nomes de quem ia ali almoçar ali à cantina, com a lista dos que iam almoçar ao ATL, depois ainda há à tarde, na saída, alguns que ficam cá nas atividades extracurriculares de enriquecimento curricular... e outros que vão para o ATL, temos de saber isso, logo nos primeiros dias para os orientarmos, se não os miúdos sentem-se perdidos... esse tipo de atitudes e de... apoio tem de ser dado, tem de ser dado logo no início, para eles não se sentirem desorientados, porque se não eles sentem, e nós também porque, é preciso gerir isto tudo, saber... e depois nem sempre temos esse, esse, conhecimento exato dos que vão almoçar. Eu tinha feito, tinha, eu na reunião dos pais tinha perguntado e assim quem é que ia almoçar aqui, quem é que ia ao ATL, a que ATL é que iam, pronto, esse tipo de coisas. Quem é que ficava nas atividades e quem é que saía. Eles às vezes fazem inscrição nas atividades e depois não veem, e depois, o contrário, também acontece. Às vezes fazem a inscrição lá fora e depois os miúdos veem, pronto. Isto é preciso ser, assim, gerido e atentado, nós temos de estar atentas a isso, porque se não os miúdos perdem-se, porque se eles logo no início perdem a confiança em quem está com eles, e na escola. Por exemplo a Lia, foi uma, foi no início, disse-me que ia almoçar à cantina, e afinal não, ia ao ATL. A sorte foi, que a mãe veio aí, a mãe tinha tirado um dia de férias para estar com ela no primeiro dia, e veio, e depois é que me disse que ela vai, ela vai, para o ATL, pronto lá se foi resolvida a situação. Pronto, é mais nesse aspeto... sei lá o que mais é que posso dizer e que me lembre? Se eu me lembrar de mais alguma coisa, depois eu também vos posso, vos posso, dizer.

## **Anexo 7: Expetativas dos encarregados de educação das crianças - 1º CEB.**

<b>Expetativas dos encarregados de educação das crianças do 1º CEB</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Espero que este ano letivo esteja um ano de muito sucesso, uma rampa de lançamento neste novo mundo do conhecimento e das técnicas de aprendizagem;</li><li>- Que possa adquirir as competências esperadas para o ano que frequenta com o melhor aproveitamento escolar possível. Numa vertente mais social que faça novos amigos e que adira as regras básicas de cidadania: respeito pela professora, respeito pelos colegas, respeito pelas auxiliares de educação, ou seja, viver numa sociedade com o respeito por todos;</li><li>- Em relação à frequência do meu educando neste novo ano letivo as minhas expectativas são que consiga adquirir o conhecimento, os valores e as metas que foram traçadas no início do ano com sucesso;</li><li>- Que as crianças aprendam tudo um pouco, cheios de alegria e com vontade de quererem aprender mais. Há muitas coisas que eles gostam e querem aprender e saber, pois quero que este ano eles aprendam muito das suas curiosidades e que sejam felizes e com muita alegria;</li><li>- Que atinja os objetivos programados. Para além da aprendizagem dos conteúdos que desenvolva relações sociais. Que a escola seja uma ponte entre o meio familiar e a comunidade onde a escola se insere;</li><li>- Apesar do meu educando (ser) ou parecer a ser “mt” preguiçoso em relação aos trabalhos de casa, espero que na escola tenha outro interesse, pelo menos mais positivo para que neste ano escolar consiga ficar (ou seja), (absorver) o básico do 1.º ano, para que os 3 anos seguintes sejam ultrapassados “c” mais facilidade, visto que é através do 1.º ano que se aprende o básico (letras; números;...). Agradeço todo o esforço e (paciencia) da parte da prof. e quero tranquilizar, que enquanto mãe tenho prestado o máximo de apoio até na questão dos trabalhos de casa que o Pedro traz para casa para fazer. Contudo, o meu “obrigada”;</li><li>- Como é o 1.º ano da Eva não sei bem o que esperar. A Eva é uma criança muito “desenrascada” mas tem muita dificuldade em estar concentrada. Espero que ela consiga cumprir com todos os objetivos que a professora tenha para este ano letivo.</li></ul>



Espero também que a Eva aprenda a estar mais concentrada e a prestar mais atenção, pois, qualquer “mosca” a distrai. Em casa tentaremos também, como aliás temos vindo a fazer, incentivá-la a estar mais atenta e a falar menos”;

- Que o meu filho aprenda as bases necessárias para que consiga ter evolução positiva nos estudos. Que a escola proporcione um ambiente calmo e seguro para que ele se sinta feliz para ir para a escola.

- Espero sinceramente que este seja mais um ano que contribua, positivamente para a aquisição de conhecimentos por parte do meu educando e para o seu “crescimento” e enriquecimento pessoal. A família e a escola são os pilares/base para a formação académica e pessoal de cada um de nós;

- O desenvolvimento das mais diversas competências de forma motivada. Que faça a apreensão das diversas matérias lecionadas, mas também de regras, comportamentos adequados, pois entendo que a escola será o complemento ao ensinado em casa no crescimento de uma criança sabendo que não deve ser fácil, mas tenho a expectativa de que a professora consiga manter o meu filho com entusiasmos, motivado e com vontade de aprender;

- As minhas expectativas é que o Pedro C. aprenda todo que esta previsto para *ensinar* no primeiro ano.

## Anexo 8: Guião dos inquéritos aos encarregados de educação – 1º CEB.

### Questionário

Enquanto estudantes e estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade de Aveiro, vimos solicitar a sua colaboração na resposta ao presente questionário. Este, insere-se num estudo sobre o processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. A sua colaboração é fundamental.

Por favor, exprima a sua opinião em relação às perguntas no espaço próprio mas, se for necessário, utilize o verso da página. Desde já, agradecemos toda a sua disponibilidade.

O questionário é anónimo e as suas respostas serão absolutamente confidenciais.

1. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐

2. **Idade:**

3. **Habilitações Académicas:**

Bacharelato ou grau equivalente ☐

Mestrado ☐

Licenciatura ou grau equivalente ☐

Doutoramento ☐

Pós-Graduação ☐

Outro ☐

4. **Questões:**

1. Na sua opinião, quais são as funções ou finalidades do 1º Ciclo do Ensino Básico?

---

---

---

---

---

2. Na sua opinião, qual o papel de um(a) professor (a)?

---

---

---

---

---

**3.** Acompanha ou tem conhecimento das atividades que o seu filho(a) realiza no 1.º ano? De que modo?

---

---

---

---

**4.** (Responder a esta questão só se o seu filho(a) tiver frequentado a educação pré-escolar). Considera que a educação pré-escolar de que o seu filho(a) usufruiu facilitou a sua transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico? De que forma?

---

---

---

---

**5.** Que sugestões ou iniciativas aponta para melhorar o processo de transição da educação pré-escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico?

---

---

---

---

**6.** Na sua opinião em que é que o 1º ano de escolaridade é diferente do período da educação pré-escolar?

---

---

---

---

**7.** Antes da entrada do seu filho(a) para o 1.º ano, falou-lhe sobre como seria esse mesmo ano? O que lhe disse?

---

---

---

---

**8.** Considera que existe continuidade educativa entre a educação pré-escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

---

---

---

---

**9.** Que tipo de comportamentos identifica como problemáticos ao nível do processo de transição e entrada na escola? Porquê?

---

---

---

---

**10.** Acha que o seu filho(a) tem feito uma boa adaptação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

---

---

---

---

Muito obrigada pela sua colaboração!

Tânia Batista e Daniela Couto

## Anexo 9: Inquéritos aos encarregados de educação – 1.º CEB.

Análise dos inquéritos aos EE do 1.º CEB:
<b>1. Na sua opinião, quais são as funções ou finalidades do 1.º Ciclo do Ensino Básico?</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Integrar</b> a criança no ambiente escola; ensinar as bases para que seja mais fácil no futuro, a criança receber novos ensinamentos!</li><li>• O 1.º Ciclo do Ensino Básico tem como função <b>ensinar e solidificar as primeiras bases do ensino</b>, ou seja, ler, escrever, direitos cívicos, iniciação nas ciências e ensino de regras de matemática.</li><li>• 1) <b>Dar continuidade à aprendizagem da Educação pré-escolar</b>; 2) <b>Pôr a base do ensino escolar e ensinar os direitos e deveres do aluno</b>.</li><li>• As finalidades são aprender a <b>ler a escrever e saberem estar e ser</b>.</li><li>• O 1.º Ciclo do Ensino Básico é na minha opinião um dos anos mais importantes para uma criança, é o <b>ano da ajuda na adaptação a novas regras</b>, e a <b>iniciação à aprendizagem</b>.</li><li>• <b>Transmitir competências</b> para que o aluno possa chegar ao 2.º Ciclo com bases para poder adquirir novos e mais complexos conhecimentos.</li><li>• O 1.º Ciclo funciona como um <b>pilar na formação de uma criança</b>. É a <b>base de todo o percurso social, profissional e académico</b> de cada um.</li><li>• Na minha opinião as funções ou finalidades do 1.º Ciclo do Ensino Básico é que com estas o meu educando possa <b>adquirir mais conhecimento e valores</b> para a sua preparação futura.</li><li>• A função é <b>dotar o aluno com as ferramentas básicas</b> para que possa avançar para aprendizagens mais complexas, <b>ensinar o aluno a aprender e motivá-lo para essa aprendizagem</b>. Esta aprendizagem deve estender-se à formação Cívica e pessoal.</li></ul>
<b>2. Na sua opinião, qual o papel de um(a) professor (a)?</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Além de professora o principal papel é sobretudo de <b>educadora</b>. Que consegue transmitir certos valores aos nossos filhos.</li><li>• Um professor tem um <b>papel fundamental</b> pois acaba por também <b>educar além de ensinar</b>.</li><li>• <b>Ajudar no conhecimento básico (ler e escrever)</b> c/ também na educação para a atualidade e p/ um futuro próximo. Contudo, é a <b>“principal” fornecedora das boas</b></li></ul>

bases do 1.º Ciclo p/ um futuro próximo.

- O professor(a) na minha opinião e no que transmito à minha filha diariamente, **é das pessoas mais importantes na vida de uma criança**. É quem nos transmite as bases necessárias para nos tornarmos bons profissionais, pessoas civilizadas aptas a adquirir qualquer tipo de conhecimento ao longo da nossa vida.
- O papel do professor, **além de ensinar, será o “motor” da motivação da criança**, será aquele que conseguirá ou não a total atenção por parte da criança, será o seu **exemplo na sala de aula**.
- O professor é um dos **elementos fundamentais que contribui para a formação pedagógica e social da criança**.
- É um **tutor**, um **orientador**; **deve ensinar e orientar**. Ensinar o grupo e orientar individualmente cada aluno, potenciando as suas forças e ajudando a controlar as dificuldades. É um tutor e um **amigo a nível de formação pessoal**.

### 3. Acompanha ou tem conhecimento das atividades que o seu filho(a) realiza no 1.º ano? De que modo?

- Sim, acompanho diariamente pergunto o que aprendeu de novo, o que correu bem e o que correu mal no seu dia. Acompanho também quando faz o trabalho de casa.
- Sim, tenho conhecimento, tanto das **conversas com a nossa filha** como também com a **professora ou das informações afixadas**.
- Tenho. Tento sempre saber como ele está nas aulas, quais as suas dificuldades se as tiver e **verificar sempre a mochila para ver se está tudo bem**.
- Acompanho **visualizando todos os dias os cadernos** da minha filha. Todos os dias lhe **pergunto** como correu o seu dia na escola e o que esta fez, que atividades, **que brincadeiras e o que aprendeu de novo**.
- Sim, acompanho de uma forma bastante assídua através do meu educando e do contacto que vou mantendo com a professora.

### 4. (Responder a esta questão só se o seu filho(a) tiver frequentado a educação pré-escolar). Considera que a educação pré-escolar de que o seu filho(a) usufruiu facilitou a sua transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico? De que forma?

- Sim, pois **proporciona rotinas** que vão facilitar a integração no 1.º ano.
- Sim, pois a minha filha **já trazia algumas bases que ajudaram-na no início da escola**.

- Sim foi bom devido à professora que teve e que conseguiu o disciplinar para enfrentar o 1.º ano do ciclo básico.
- Sim, porque já tinha algumas regras semelhantes, tal como o não dormir de tarde, ter os primeiros conhecimentos dos números, bem como as vogais, saber quando era hora para brincar e hora para trabalhar nas suas tarefas.
- Considero que foi bastante positiva, uma vez que o ajudara a “crescer” e lhe forneceu alguns conhecimentos e valores que lhe facilitam a frequência no 1.º Ciclo.
- Sim. O meu filho teve um apoio no pré-escolar onde foi valorizado o respeito pelos outros e o saber estar. Como não estava, com 5 anos, preparado a nível de maturidade para avançar para o ensino escolar, ficou mais um ano no pré-escolar. Ganhou maturidade e capacidade de trabalho neste último ano.

## 5. Que sugestões ou iniciativas aponta para melhorar o processo de transição da educação pré-escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico?

- A única sugestão que encontro é que as crianças deveriam estar já juntas desde o pré-escolar pois facilita na transição.
- Acho que no ultimo ano de pré-escolar deveríamos começar a iniciar a aprendizagem das letras; preparar os miúdos para os trabalhos de casa durante o ultimo ano de pré não faziam muitos.
- Penso que deveriam começar mais cedo a motivar as crianças para elas conseguirem uma melhor adaptação pois no pré-escolar ainda brincam muito o que é bom mas poderiam “mentalizá-los” que irá ser diferente no 1.º Ciclo.
- Conforme experiência tida com ambos os meus filhos, penso que os 1.ºs dias não devem ser muito rigorosos a nível de estudo e de aula em si, para que as crianças se adaptem com facilidade e aprendam a gostar da escola, aconteceu com os meus filhos e resultou.
- O meu filho andou numa IPSS, penso no caso em que os meninos não andam na pré da própria escola, seria benéfico uma “visita de estudo” à escola no decorrer do ano anterior, evitando alguma ansiedade.
- Eu acho que na minha opinião a preparação do pré-escolar tem sido muito boa para o 1.º Ciclo acho que não vejo onde possa melhor.
- Um ano “zero” no pré-escolar, ou seja, um ano em que se realizam mais fichas de trabalho e se trabalha a concentração.

## 6. Na sua opinião em que é que o 1.º ano de escolaridade é diferente do período da educação pré-escolar?

- As **matérias** são **expostas com uma ordem pré-definida** de forma a que o aluno aprenda melhor e com mais facilidade, e a forma estruturada também ajuda a estruturar as “ideias”.
- **Tudo é diferente.**
- Tal como referi antes **o pré-escolar é mais “brincadeira”** e muitas vezes (como é o caso da minha filha) tem dificuldade a adaptarem-se a situações mais sérias e sobretudo a ouvir e estar quietos.
- **No 1.º ano existem alterações até ao nível comportamental, aparecem dúvidas e questões novas**, porque a **informação** adquirida é **muita e nova**, um simples ir à casa de banho, trazer deveres para fazer em casa, manter-se com um comportamento mais atento e durante mais tempo num só dia.
- **Espaço físico – cadeiras e mesas** (posicionamento na sala aula). **1.º Ciclo - maior exigência no respeito pelas regras na sala de aula.**
- Penso que é a entrada num **mundo novo, mais próximo da realidade**, as crianças ficam mais expostas a **novas medidas, novas linguagens, novos comportamentos.**
- Na **carga horária**, nas **tarefas**, na necessidade de concentração, na **postura do aluno na sala**, na responsabilização pelos seus materiais escolares, na **realização de trabalhos de casa**, na **liberdade nos intervalos.**

## 7. Antes da entrada do seu filho(a) para o 1.º ano, falou-lhe sobre como seria esse mesmo ano? O que lhe disse?

- Disse-lhe que ele **ia para a escola dos meninos “grandes”** que ia aprender a ler e a escrever.
- Sim. Tentei-lhe inculcar e explicar que **agora acaba um bocado a brincadeira e que começa o verdadeiro ensino.**
- Sim; pelo menos **tentei prepará-lo para uma realidade c/ mais responsabilidade, e que todo o seu esforço e empenho que ia depositar nesta aprendizagem do 1.º ano escolar, que é “tudo” o que ele precisa para um dia poder ter ex: (trabalho) que quiser ou que gosta de fazer; assim c/ tirar a sua carta de condução** (tanto de mota c/ carro); que é uma das coisas que o meu educando fala muito. É ainda outro ex.: poder **ser também uma excelente pessoa c/ princípios exemplares** na parte da educação, sendo assim um **cidadão no futuro c/ bons princípios** e que pode servir c/ bom



exemplo para a própria sociedade.

- Já tivemos experiência com o nosso filho e soubemos dar as dicas necessárias para facilitar o impacto que poderia ter a nossa filha no primeiro contacto com a escola.
- Sim. Que ia ser um **ano de mudanças** e que ele **ia aprender coisas novas**, que ele **estava a tornar-se uma criança com uma profissão de estudante** e para aproveitar tudo o que lhe ensinarem, pois é para o seu futuro.
- Sim, falei bastante com a minha filha, transmiti-lhe quais as principais mudanças que iriam acontecer, tais como, **manter-se atenta para que lhe fosse mais fácil de aprender**, disse-lhe que teria de **respeitar a professora** porque esta iria ser uma das pessoas mais importantes na vida dela, **iria ser a professor que lhe iria dar a conhecer as bases para aprender a ler e a fazer contas**. Que teria de ter horários para brincar, **para fazer as suas tarefas e até para ir à casa de banho**, que **para falar teria de colocar o dedo no ar** mas acima de tudo **respeitar as pessoas que trabalham na escola**.
- Sim, no entanto, **tentando não criar muita ansiedade**, disse-lhe que **era a oportunidade de aprender coisas novas, aprender a ler e a escrever**.
- Sim, falei. Nomeadamente comecei a inculir-lhe que **este seria um ano muito importante na sua vida**, pois iria **aprender as “ferramentas” para poder ter sucesso no seu futuro**. Disse-lhe, também, que **tinha que ser ainda mais responsável e empenhar-se em todos os trabalhos que fizesse**.

#### 8. Considera que existe continuidade educativa entre a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

- Sim, é todo um **processo em que as crianças se preparam para a vida adulta** e são muitos os factos de relevância para tal.
- Sim; pois nesse aspeto **ele teve alguma preparação na ponte educativa, na pré-escola**; achando eu que deve ter continuidade no ensino básico, para que um dia seja um cidadão c/ bons princípios a nível moral e cívico.
- Penso que sim, até porque pela informação que tenho há uma ligação muito próxima entre a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo.
- Sim, acho que **a pré-escola é o ano de iniciação para as regras que as crianças vão ter no 1.º ciclo**, sem o mesmo rigor mas de muitas ajuda para a adaptação.
- Sim. Embora não tenha conhecimento que tive com o meu filho **a educadora fez abordagem a alguns temas que agora vejo a serem novamente abordados com mais profundidade**, noutra perspetiva.

- Penso que é positivo se houvesse sempre continuidade educativa entre estes dois níveis de ensino, pois a **educação pré-escolar deve contribuir, também, para a formação de cada criança e, não ser vista, apenas, como um tema lúdico.**

### 9. Que tipo de comportamentos identifica como problemáticos ao nível do processo de transição e entrada na escola? Porquê?

- O choque das regras e a mudança de professor e ambiente escolar.
- A falta de atenção, a dificuldade em respeitar mais regras o facto de ser usual apenas um(a) professor(a) na sala enquanto que na “creche” são sempre 2 pessoas, e sobretudo a falta de brincar tanto.
- No meu caso específico acho que é a saudade dos amigos da pré-escola e da professora (educadora) que se transforma em angústia e um pouco de isolamento, levando ao não convívio com as outras crianças e para o qual nós pais temos de ter atenção e ajudarmos os nossos filhos a ultrapassar a fase inicial.
- Na adaptação às novas regras do comportamento, de saber estar em sala, a ansiedade de não fazer/ aprender, o contato com nova linguagem por vezes com falta de educação (uma realidade que nós pais com ajuda do professor tentamos orientar no melhor sentido).
- A incapacidade (no caso do meu filho) de concentração.

### 10. Acha que o seu filho(a) tem feito uma boa adaptação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico? Porquê?

- Sim, pois é uma criança que se sente feliz e orgulhosa de estar na escola.
- A minha filha tem tido uma adaptação “mais ou menos” difícil, é muito faladora, muito distraída, gosta de atenção, perde-se com “uma mosca” e não gosta de estar sentada.
- Sim porque apoiamos e acompanhamos de perto toda essa fase da vida.
- No início (1º mês) senti alguma dificuldade ou mesmo preocupação, porque como referi na pergunta anterior houve alguma dificuldade no convívio com as outras crianças, mas com a ajuda da Professora e posteriormente das 2 Professoras, essa dificuldade foi ultrapassada e agora ou melhor, ultrapassado o 1º mês a minha filha demonstra um gosto e uma felicidade extraordinários no ir para a Escola, fala com muito carinho das Professoras e das colaboradoras da Escola. Aproveito, para mais

uma vez, deixar mesmo em anonimato o meu agradecimento a todas.

- Tirando a 1 semana penso que sim, mostra entusiasmo, diz que a professora é a melhor da escola, tem gosto em fazer os trabalhos de casa bem, diz o que já aprendeu.
- Sim, considero que ele fez uma adaptação bastante positiva, pois é uma criança que se sente feliz na escola e fala do seu dia-a-dia escolar demonstrando muita satisfação naquilo que faz.
- Sim. O facto de ter criado empatia com a professora e de conhecer alguns amigos na escola foi determinante para essa adaptação.

## Anexo 10: Entrevistas às crianças – 1º CEB.

### Entrevista ao Tiago:

Nós (N): Tiago! Queres participar neste nosso jogo?

Tiago (T): Sim

N: Então vá lá! Tiago! Tu vieste de alguma escola?

T: Sim

N: E conhecias já alguém? Que andasse contigo na escola? Algum destes meninos andava contigo na escola?

T: O Paulo e a Eva.

N: O Paulo e a Eva... E tu já conhecias esta nova escola?

T: E o Vasco.

N: E também o Vasco...

T: E o Daniel e o outro Diogo.

N: Já é muita gente... então e já conhecias esta escola?

T: Hum, não...

N: Nunca ninguém te tinha falado dela?

T: Não, a minha mãe ainda nem me disse...

N: Não! Nem vieste aqui visitar com os amigos?

T: Hummm, não!

N: Não. Então e no primeiro dia...

T: O Pedro também é da minha escola

N: Então, o que é que tu achas desta escola? No primeiro dia, sentiste algum medo?

T: Não!

N: Tu já conhecias os outros meninos quando chegaste cá... o primeiro dia como é que foi?

T: Bem...muito fixe!

N: Gostaste de encontrar os amigos que já conhecias? Ou era indiferente, se tu não os conhecesses?

T: Eu não conhecia nenhum quando eu cheguei.

N: Não conhecias o Samuel, mas conhecias outros meninos...

T: Sim.

N: Então e o que achas daqui da escola?

T: Fixe!

N: Fixe? Achas que é igual à outra escola?

N: Achas que é exatamente igual?

T: Sim

N: É igualzinha a outra escola então?

T: É mais ou menos...

N: É mais ou menos? O que que é diferente? Conta-me lá.

T: É que... é que... é que há brinquedos.

N: Aqui na escola há brinquedos?

T: Não... Na outra é que há.

N: Na outra escola havia mais brinquedos, é isso?

T: Havia muitos brinquedos, e também existiam uns chapéus...

N: E chapéus! Então e nesta escola o que é que gostas mais?

T: Brincar na rua...

N: Brincar na rua? Tu brincas na rua ou lá fora no recreio?

T: No recreio...

N: No recreio... Então, pronto.

**Entrevista ao Vasco:**

N: Agora é que vai ser... Então vá Vasco, conta-me lá... o que é que tu achas...

V: No dia de anos, quando estava quase, sempre, sempre quando era hora de banho, aprendíamos um bocado de expressão...

N: Quando? Onde? Na outra escola?

V: Não, em casa, com o pai. Quando eu vinha da escola da pré...na hora do banho, nós íamos para o banho e depois começávamos por aprender um pouco, um pouco, das palavras pequenas.

N: Boa! Então e aqui na escola?

V: Aprendemos muito disso. E depois fizemos muitos trabalhos manuais e depois começaram as coisas que eu já sabia... palavras de dois, de duas letras...

N: Isso foi o que tu aprendeste na outra escola?

V: Não!

N: Então onde é que aprendeste isso? Foi no banho com o pai?

V: Aprendi isso tudo sozinho.

N: Uauu!

V: Aprendi isso dos sons... Imagina eu já sabia as letras... depois, depois pensava assim, o "o", e pensava assim "deixa-me juntar o "u" com o "o" é "uo".

N: Boa! Então já estás capaz de nos ensinar a nós!

V: Um "e" e um "o" é "eo"...

N: "eo"... Então, e quando chegaste aqui no primeiro dia? O que é que sentiste?

V: Tava um bocado amuado e triste, e depois, mas depois descobri que era bom.

N: A sério? E porquê que estavas triste e amuado?

V: Porque não conhecia nada, nem ninguém...

N: Hum, então não vieste com nenhum menino de outra escola?

V: Não!

N: Não...

V: Sim! Vim com o Daniel, deixa cá ver, vim com a Eva, só que já foi muito antigamente, depois vim com o Diogo...

N: Então já conhecias aqui alguns meninos... E então o que é que tu achavas que era aqui a escola?

V: Hum... o que é que eu achava que era a escola?

N: Sim, já conhecias esta escola?

V: Não!

N: Não...

V: Só a via da parte de fora, da parte de dentro nunca fui... mas imagina, olha, o pai, estava num dia, era assim, o meu pai disse... era sábado, o pai levou-nos para casa da avó e depois à noite o avô deixou-me ir com a avó à escola e fomos à parte de dentro... a funcionária abriu-nos a porta e depois houve muitas notícias boas que o pai me contou... até me contou, até me contou, que andou nesta escola... contou-me que agora ando na mesma sala que ele.

N: Isso é bom!

V: Sim!

N: Então e o que é que tu achas desta escola? Gostas? Achas que é boa?

V: Sim!

N: Sim! E achas que existem diferenças desta escola para a outra? Ou achas que é igual?

V: Não! Não!

N: É muito diferente?

V: Hum...

N: Ou é igual à outra escola?

V: Hum, acho que em diferença...

N: Tem muitas diferenças?

V: Sim!

N: E quais são essas diferenças?

V: Na outra escola tinha brinquedos para os intervalos, para os intervalos, algumas vezes nós brincávamos, outras vezes brincávamos com eles... e sempre que era para ir para a sala, de manhã, nós fazíamos trabalhos, e à tarde nós íamos para o recreio... se tivesse a chover, nós não íamos, e íamos para a sala da frente brincar, íamos para uma sala cheia de brinquedos, brincar.

N: Então, e tens saudades de alguma coisa?

V: Hum, não! Sim, tenho de um, hum... da professora.

N: Da professora? Gostavas muito da professora? Ela era muito tua amiga? Tens que ir visitar a professora...

V: Sim!

N: As professoras depois de deixarem de ser professoras são nossas amigas na mesma...

V: Um dia quando estava andar de carro com o pai, e, e, e, encontrei-me com a, com ela...

N: E que tal? Gostaste de te encontrar com a tua professora da outra escola?

V: Sim!

N: Boa!



**Entrevista ao Cristiano:**

N: Olá, Cristiano. Então? Tu estás aqui na escola? Tu vieste de onde?

C: De Aveiro.

N: Viste de alguma escola?

C: Sim.

N: Qual era a escola? Lembras-te?

C: Acho que sim.

N: E quando viste aqui para o primeiro dia de aulas, tinhas algum medo? Já conhecias aqui a escola?

C: Sim.

N: Mas quem é que te trouxe aqui a visitar? Lembras-te?

C: Humm...

N: Tu conhecias a escola, porquê?

C: Porque...

N: Tinhas cá algum amigo ou familiar? Que te tinha apresentado a escola? Que te tinha dito como é que funciona?

C: Humm... não.

N: Então como é que conhecias aqui a nossa escola?

C: O Ângelo.

N: O Ângelo da nossa escola disse-te como é que era?

C: Humm...

N: Ora pensa lá como é que foi.

C: Foi... Correu bem... correu bem.

N: Tinhas algum medo?

C: Não.

N: Não? Sentiste-te bem no primeiro dia em que viste aqui à escola?

C: Sim.

N: Então e agora, como é que tu te sentes?

C: Bem.

N: Achas que aqui a escola corresponde ao que tu pensavas?

C: Humm.... não.

N: Então como é que tu achavas que era a escola?

C: Era assim um bocadito...

N: Um bocadito? Um bocadinho o quê?

C: Tipo mais... e...

N: Achas que há diferenças da outra escola para esta?

C: Não.

N: Não há diferenças, é tudo igual aqui.

C: É.

N: E gostas de andar cá na escola?

C: Sim.

N: Boa. Então agora vamos passar para outra pessoa.

**Entrevista à Iolanda:**

N: Iolanda, queres-nos contar o teu primeiro dia aqui na escola?

I: Foi bom.

N: Foi bom? O que é que sentiste?

I: Ahh...

N: Sentiste alegria, tristeza...?

I: Alegria.

N: Alegria? Porquê alegria?

I: Porque o primeiro dia... foi bom.

N: Tu querias vir para esta escola?

I: (Acena com a cabeça - sim).

N: E conhecias algum menino aqui?

I: Ahh... não.

N: Não conhecias nenhum. Então e na tua escola, no jardim de infância, onde tu andaste antes desta escola...

I: Não andei no jardim de infância.

N: Não andaste?

I: Não.

N: Então e já alguém te tinha contado como é que era esta escola?

I: ahh, não.

N: Não. Nem tinhas nenhuma ideia de como é que poderia ser?

I: Ahh..

N: O que é que tu achavas que era a escola primária?

I: Ahh..

N: O que é que tu achavas que ias encontrar aqui na escola?

I: Os amigos.

N: Os teus amigos?

I: Sim.

N: E encontraste algum amigo que tu conhecias?

I: Sim.

N: E que tal?

I: A Nicoleta.

N: A Nicoleta... E onde é que conheceste a Nicoleta?

I: Ah, aqui na escola.

N: Foi aqui na escola... e tinhas algum medo? Quando chegaste aqui no primeiro dia, sentiste algum medo?

I: Não.

N: Não, foi tudo muito bom? Então pronto.

**Entrevista à Mariana:**

N: Então vá, Mariana. O que é que tu achaste do teu primeiro dia de escola?

M: Bem.

N: Achaste bem? Tu vinhas já com o Vasco e mais alguns meninos, ou não?

M: Não. Só conhecia o Mateus.

N: E já andavas à muito tempo na outra escola, ou não?

M: Não.

N: Então isto aqui foi novo para ti. Tu já tinhas vindo cá visitar a escola? Já sabias como é que funcionava?

M: Sim.

N: Quem é que te tinha contado?

M: A minha avó.

N: A sério? A tua avó andou aqui a estudar, também, ou não?

M: Andou. E ela ainda está aqui.

N: Ainda trabalha aqui a tua avó? E o que é que ela te contou desta nova escola?

M: Contou quando nós fomos andar a pé... ela contou que... eu perguntei se havia aqui alguma pré e ela disse que sim.

N: Que sim. E daqui da nossa escola, ela disse alguma coisa daqui de dentro? Como é que funcionavam as aulas? Ela disse-te assim mais alguma coisa?

M: Não.

N: Não, só te disse isso. Então e o que é que tu achas aqui da escola? Gostas de andar cá ou nem por isso?

M: Gosto.

N: Gostas. E achas que há alguma diferença desta escola para a outra?

M: Sim.

N: E qual é que será a diferença?

M: Lá tinha brinquedos... tinha lá muitos brinquedos... e... não tinha assim as mesas.

N: Não tinha assim estas mesas grandes?

M: Eram deste tamanho, mas estavam em diferenças. Era uma roda dentro e onde lanchávamos era assim em fila.

N: Era um sítio diferente. Então e quando chegaste aqui, tinhas algum medo?

M: Não.

N: Não, porque tu já conhecias que a avó já te tinha falado, não era?

M: (Acena com a cabeça - sim).

N: Boa. E gostas de andar aqui na escola?

M: Sim.

N: Boa. E o que tu gostas mais aqui da escola, conta-me lá?

M: Gosto de estar aqui.

N: E de aprender, com as professoras estagiárias, não é? Pois...

**Entrevista à Eva:**

N: Eva, tu vieste de alguma escola?

E: Sim.

N: Vinhas com o Vasco...

E: E com o Tiago e com o Daniel e com o Diogo e com o Vasco...

N: Eram muitos meninos já.

E: Sim.

N: E já conhecias esta escola?

E: Não.

N: Não. E já alguém te tinha falado dela?

E: Não.

N: Não conhecias nada desta escola?

E: Não.

N: Mas tinhas alguma ideia de como é que seria?

E: Sim.

N: O que é que tu achavas?

E: Achava que ia ser divertido e que ia ter muitas mais coisas para nós brincarmos e que não fosse com muitas árvores.

N: E achas que é como tu pensavas que ia ser?

E: humm, não.

N: Então, porque é que não?

E: Porque... há muitas árvores e...

N: Vocês achavam que tinha aqui uma casinha, era isso?

E: E baloiços... mas não tem baloiços nem casinha.

N: Pronto. E a vossa educadora, ela disse-vos alguma coisa de como seria esta escola? Ela trouxe-vos cá?

E: Não.

N: Não. Não te contou nada sobre a escola?

E: Sim.

N: O que ela te contou?

E: Para eu me portar bem e estar concentrada nas coisas e estar com muita atenção.

N: E tu estás a cumprir isso?

E: Não.

N: Então o que é que tu achas que tens de fazer?

E: ah... tenho de me portar bem e estar mais atenta nas aulas.

N: Pronto, então ficámos à espera disso, obrigada.



**Entrevista ao Ângelo:**

N: Então conta lá, Ângelo, como é que foi o teu primeiro dia aqui na escola?

A: Bem...

N: Foi bom? O que é que tu sentiste quando chegaste aqui?

A: Alegria.

N: Sentiste alegria... e viste com alguém? Alguém te trouxe aqui à escola? Até aqui dentro à sala ou ficaram lá fora, como é que foi, conta-me lá...

A: Agora?

N: O primeiro dia...

A: O meu pai trouxe-me...

N: E trouxe-te até onde? Até ali ao portão ou veio mesmo aqui até à sala?

A: Até aqui à sala.

N: E como é que tu te sentiste?

A – Bem.

N: Tinhas algum medo, aqui da escola?

A: (Acena com a cabeça – não).

N: Porquê que não tinhas medo? Já alguém te tinha contado como é que funcionava? Já conhecias a escola?

A: Não.

N: Não, nada.

A: Mas andava ao pé aqui...

N: Ah, já conhecias de vista, passavas aqui na estrada, se calhar e vias a escola?

A: Não, eu estava ali, nesta, também. Eu estava nesta pré...

N: Ah, já andavas aqui na pré... já conhecias...

A: Mas dentro não conhecia...

N: Mas nunca tinhas vindo dentro das salas...

A: (Acena com a cabeça – não).

N: E como é que tu achas? O que é que tu achas desta sala?

A: É boa.

N: É boa. E achas que há alguma diferença daqui para a outra sala?

A: Sim.

N: Quais são as diferenças?

A: Os armários.

N: Ah, os armários é que são diferentes. E será só esta a diferença?

A: Não, os quadros.

N: Os quadros...

A: E...hummm...

N: Então e não tinhas nenhum medo quando cá vieste, já andavas cá, não é? Já conhecias...

A: E também é diferente ali...

N: O que é que é diferente?

A: Aquela parte ali...

N: O lavatório? Não tinha na outra sala?

A: (Acena com a cabeça – não).

N: E sentes-te bem em andar aqui na escola?

A: (Acena com a cabeça – sim).

N: E a tua educadora, ela falou-te de alguma coisa de como é que funcionava a escola?

A: (Acena com a cabeça – não).

N: Nada?

A: (Acena com a cabeça – não).

N: E tu nunca lhe perguntaste? Nunca tiveste curiosidade, foste lá e perguntaste?

A: (Acena com a cabeça – não).

N: Não. Pronto, obrigada.

**Entrevista ao Mateus:**

N: Então conta-me lá Mateus, como é que foi o teu primeiro dia aqui na escola?

M: Bom.

N: Foi bom? Tu sentiste-te bem?

M: Sim.

N: Andavas na outra escola?

M: Sim, aqui na pré, com o Ângelo.

N: Ah, então também já conhecias.

M: E também com a Gabriela, com a Bianca, com o Samuel, com o Telmo...

N: Então conta-me lá, tu já vinhas da outra escola aqui com mais amigos...

M: Com o Paulo, com a Bianca, com a Gabriela, com o Samuel, com o Telmo...

N: Com muitos amigos... Então e nunca vieram aqui espreitar à sala? Como é que funcionava?  
Nunca perguntaste à educadora como é que funcionava?

M: Não.

N: Não. E o que é que tu achavas que era isto aqui?

M: Bom.

N: Achavas que era igual à sala da outra escola? De quando andavas com o Ângelo e assim?

M: Um bocadinho diferente.

N: Qual era a diferença? Conta-me lá...

M: Tinha brinquedos... tinha bibliotecas...

N: Aqui também temos uma biblioteca...

M: Não, mas era uma biblioteca diferente... tem um sofá...

N: Ah, a outra biblioteca tem um sofá... esta aqui acho que não tem, ou tem? E tu costumavas ir a essa biblioteca? Esse cantinho da leitura?

M: Sim.

N: Boa. E o que é que tu, quando viste aqui no primeiro dia, como é que te sentiste?

M: Bem.

N: Feliz?

M: Sim.

N: E sentias algum medo?

M: Não.

N: Nenhum? Eu no primeiro dia tive um bocadinho de medo... mas depois encontrei lá muitos amigos, já fiquei toda contente e sem medos... já deixei de ter medos... então e agora, o que é que tu achas da escola?

M: Boa.

N: Sentes-te bem em andar aqui?

M: Sim.

N: O que é que tu gostas mais de fazer aqui da escola?

M: Brincar e fazer as estrelas.

N: E sentes saudades de alguma coisa?

M: Sim.

N: De que?

M: Da tua irmã?

N: Da tua irmã? Porquê?

M: E da minha família.

N: Porquê?

M: Porque elas são muito importantes para mim.

N: Ah, ainda bem. A nossa família é muito importante para nós. Obrigada.

**Entrevista ao Matias:**

N: Então conta lá Matias, tu vieste de alguma escola?

M: Vim.

N: Qual escola? Lembras-te?

M: Taboeira.

N: E vinhas com algum amiguinho ou não conhecias ninguém?

M: Não conhecia ninguém.

N: E como é que tu achavas que era esta escola?

M: humm...

N: Já alguém te tinha falado de como é que funcionava? Já tinhas vindo cá visitá-la?

M: Não.

N: Nada? E tinhas alguma ideia de como é que podia ser?

M: Não.

N: Então e agora que viste cá... quando cá chegaste o que é que sentiste?

M: Um bocadinho de medo.

N: Medo? Porquê medo?

M: Porque é o primeiro dia e ainda não conhecia...

N: Ainda não conhecias nada nem ninguém, não é? É normal que se sintas um bocadinho de medo. Então e agora, como é que tu te sentes?

M: Já me sinto bem.

N: Porquê?

M: Porque já conheço bem a escola e já tenho muitos amigos.

N: Claro, depois de conhecer melhor a escola e ter amigos já nos sentimos bem. Então e aqui dentro da sala, o que é que tu gostas mais de fazer?

M: Brincar.

N: Brincar... Achas que se brinca muito aqui dentro da sala?

M: Não.

N: Não...

M: Mas há jogos...

N: Mas fazes jogos giros... e achas que há mais diferenças da nossa escola para onde tu andavas?

M: Sim.

N: Quais são as diferenças?

M: Porque tinha brinquedos e tinha uma cozinha para brincarmos.

N: O que é que tu gostavas mais de brincar na outra escola?

M: Tinha um computador para brincarmos.

N: Uau. E o que é que tu brincavas mais na outra escola? Conta-me lá...

M: A jogar computador.

N: Tu gostavas de jogar computador na outra escola?

M: (Acena com a cabeça- sim).

N: Uau. E então gostas de andar aqui na escola?

M: (Acena com a cabeça – sim).

N: Boa, ainda bem.

**Entrevista à Matilde:**

N: Então conta-me lá, Matilde, tu vieste de alguma escola aqui perto? Ou nunca tinhas andado na escola?

M: Eu tinha andado numa escola, mas já não me lembro em que sítio era.

N: Já não te lembras em que sítio era, mas conhecias algum menino aqui da sala?

M: Sim, o Pedro C.

N: O Pedro C. E ele portava-se bem na outra escola?

M: (Acena com a cabeça – não).

N: Não. Não mudou muito, ai meu deus... Então e tu já conhecias esta escola?

M: (Acena com a cabeça – não).

N: Não? E alguém te tinha falado de como é que funcionava?

M: (Acena com a cabeça – não).

N: Mas tinhas alguma ideia de como seria cá dentro...

M: Humm...

N: Achavas que era igual à outra escola ou que era muito diferente?

M: Diferente.

N: E comprova-se? É muito diferente?

M: (Acena com a cabeça – sim).

N: E porque é que é diferente, conta-me lá...

M: Na escola tinha mesas às cores e tinha livros e tinha um sítio para os carros e nós cantarmos e sentarmos e também tinha muitos... às vezes fazíamos trabalhos nas mesas... Eram os desenhos que nós quiséssemos.

N: Vocês faziam quase o que queriam, é isso?

M: Sim.



N: Sim. Então e aqui nesta escola, o que é que tu achas? Gostas de andar cá?

M: Eu na outra escola tinha brinquedos lá fora.

N: E aqui, nesta escola?

M: Temos um...

N: Têm muitos ou poucos brinquedos lá fora?

M: Poucos.

N: Tem poucos.

M: E tinha muitos... eram muitos.

N: Então e conta-me lá, o que é que tens mais saudades da outra escola?

M: Do meu irmão.

N: Do teu irmão. Porquê do teu irmão? Ele andava lá na escola?

M: (Acena com a cabeça – sim).

T: E que idade tem o teu irmão?

M: Dois.

N: E tu tomavas conta dele?

M: Quando nós todos estávamos cá em baixo, eu ia sempre para o pé dele, para ele não chorar.

N: Então agora quando o teu irmão vier para a escola primária vais-lhe contar como é que funciona, está bem?

M: (Acena com a cabeça – sim).

N: Boa.

**Entrevista ao Gabriel:**

N: O que é que tu achas da escola?

G: Bem.

N: Achas bem? Vieste de algum escola?

G: Vim, mas não sei como é que se chama.

N: Era muito longe daqui ou era aqui na escola já?

G: Era perto.

N: Era perto daqui. Então e já conhecias esta escola?

G: Sim.

N: Sim. E quem é que te apresentou esta escola? Vieste cá vê-la ou conhecias só de lá de fora?

G: Conhecia só de lá de fora.

N: E nunca vieste cá ver como funcionava?

G: Não.

N: A tua educadora disse-te alguma coisa de como funcionava a escola? Tu alguma vez perguntaste? Conta-me lá como é que foi... Tu perguntaste alguma vez à educadora como é que funcionava a escola primária?

G: Não.

N: E ela chegou-te a dizer alguma coisa?

G: Não.

N: Também não. Então e quando viste cá no primeiro dia, o que é que tu sentiste?

G: Senti-me bem.

N: Sentiste-te bem. Tinhas medo?

G: Não.

N: O que é que tu achavas que havia aqui na escola? Achavas que ia ser igual à outra escola ou um bocadinho diferente?

G: Um bocadinho diferente.

N: E o que é que tem de diferente da outra escola?

G: Ah.. aqui...

N: O que é que tem aqui de diferente? É tudo igual? Esta escola é igual à outra?

G: Não.

N: Em que é que é diferente? O que tem nesta escola que não tem na outra?

G: Não sei.

N: É tudo igual? As salas eram assim com estas mesas grandes...?

G: Não.

N: Então, como é que era?

G: Só havia *pufs* e sentávamo-nos lá.

N: Nos *pufs*? Não havia mesas?

G: (Acena com a cabeça – não).

N: Então e agora nesta escola aqui, gostas de cá andar?

G: (Acena com a cabeça – sim).

N: Fizeste muitos amigos?

G: (Acena com a cabeça – sim).

N: Boa. E aprendes muito aqui?

G: Sim.

N: E na outra escola, também aprendias?

G: (Acena com a cabeça – sim).

N: Gostas mais desta escola ou da outra?

G: Da outra... desta...

N: Gostas mais desta ou da outra? Conta-me lá...

G: Desta.

N: Desta. Porquê?

G: porque gosto de fazer trabalhos de casa.

N: Gostas de fazer os trabalhos de casa? Muito bem, que trabalhador...

**Entrevista à Luana:**

N: Então Luana, tu já andavas nesta escola?

L: Não.

N: Não andavas nesta escola?

L: (Acena com a cabeça – não).

N: E conhecias algum menino?

L: A Liliana, a Eva, o Diogo e o Daniel...

N: E já te tinham dito alguma coisa sobre como é que funcionava esta escola ou não sabias nada?

L: Só me disseram que tínhamos de estar caladinhos na sala de aula.

N: Quem é que te disse isso?

L: A professora.

N: Da outra escola?

L: (Acena com a cabeça – sim).

N: E ela disse-te mais alguma coisa, como é que funcionava a escola?

L: Não.

N: E tu nunca lhe perguntaste?

L: Não.

N: E já mais alguém te tinha contado como é que funciona a escola? Como é que é por dentro, o que é que se costuma lá fazer...?

L: O meu mano já.

N: O teu mano? Que idade tem o teu mano?

L: Oito.

N: Tem oito anos. E o que ele te contou sobre esta escola?

L: Muita coisa.

N: Ah, então conta-me. Podes-nos contar algumas coisas? Então conta-nos...

L: Ah, ele disse-me que tínhamos de estar caladinhos na sala de aula e que tínhamos de fazer as coisas que a professora mandava e não podíamos fazer as coisas que as professoras não mandavam.

N: Então e no primeiro dia, como é que te sentiste?

L: Um bocadinho enervada, mas depois passou.

N: Nervosa? E porquê nervosa?

L: Porque ainda não sabia bem como é que era a escola.

N: E como é que tu achavas que era a escola?

L: Diferente.

N: Diferente? Como? O que é que achavas que tinha de diferente?

L: Não tinha quadros, também não tinha destas mesas grandes. Tinha mesas grandes, mas tinha mesas com o tampo da mesa era amarelo, azul...

N: Era diferente, não era? Então e agora como é que achas que é a escola?

L: É boa.

N: É boa. O que é que tu gostas mais de fazer aqui na escola?

L: Fazer trabalhos de casa...

N: ah, boa. Obrigada Luana.

**Entrevista ao Pedro:**

N: Pedro, diz-me lá... Tu andavas aqui na escola?

P – Não.

N: Andavas numa outra escola?

P: Sim.

N: Conhecias alguém, certo?

P: Conhecía o Samuel.

N: Conhecias o Samuel... Tu andavas aqui na escola daqui, não era?

N: Tu andavas na escola aqui ou noutra?

P: Noutra.

N: E como é que funcionava? O que é que tinha lá?

P: Brinquedos para brincar.

N: Muitos brinquedos... Então já conhecias alguém daqui... O Samuel...

P: (Acena com a cabeça – sim).

(de fundo, outra criança nega tal facto)

N: Não? Então como é que é, Pedro? Conhecias ou não conhecias? Conta-me lá...

(de fundo, outra criança explica a situação).

N: Então conhecias alguém daqui da escola ou não conhecias?

P: Taboeria.

N: E já conhecias esta escola aqui?

P: (Acena com a cabeça – não).

N: Não conhecias esta escola. Mas tinhas alguma ideia de como é que funcionava?

P: Não.

N: Não? E já alguém te tinha contado como é que funciona a escola primária?

P: Não.

N: Não? Então e tu gostas de andar aqui?

P: Sim...

N: Sim...

P: E já arranjei mais amigos do que...

N: Mais amigos? E no primeiro dia, como é que te sentiste? Sentiste-te bem?

P: (Acena com a cabeça – sim).

N: O que é que gostas mais de fazer aqui na escola?

P: Hummm... a minha parte preferida é ir para a cantina.

N: O que tu gostas mais de fazer é ir para a cantina?

P: (Acena com a cabeça – sim).

N: Porquê?

P: Porque a comida lá é boa.

N: Gostas da comida da cantina? E tu costumavas comer aqui ou costumavas ir a casa?

P: Comer aqui.

N: Costumas comer aqui, sempre?

P: Sim.

N: Boa. E sentiste algumas diferenças daqui para a outra escola?

P: Não.

N: Não, é tudo igual. Da outra escola para esta é tudo igual?

P: (Acena com a cabeça – sim).

N: É? Pronto, obrigada.



**Entrevista ao Telmo:**

N: Então agora nós, Telmo... Então conta-me lá, tu vieste de alguma escola com algum amigo?

T: Sim.

N: Sim... Muitos ou poucos amigos?

T: Muitos.

N: Já conhecias muita gente aqui na escola?

T: Sim.

N: Sim... E já te tinham contado como é que funciona aqui a escola primária?

T: Não.

N: E tinhas alguma ideia? O que é que tu achavas que era a escola primária?

T: Nada.

N: Não tinhas nenhuma ideia? Não pensavas como é que podia ser a escola primária? Se era grande, se era pequena, se tinha muitos meninos, brinquedos...

T: Eu já andava ali, por isso já sabia que a escola era grande.

N: Ah, tu já andavas ali ao lado, já conhecias... Então e no teu primeiro dia de escola, como é que te sentiste?

T: Fixe.

N: Sentiste-te fixe?

T: Fixe fixe.

N: E os pais trouxeram-te aqui à escola?

T: Sim.

N: Mas ficaram no portão ou entraram aqui para a sala?

T: Entraram para a sala...

N: E tu gostaste? Como é que te sentiste?

T: Já disse que fixe fixe.

N: Gostaste muito então... Muito bem, obrigada.

**Entrevista ao Pedro C:**

N:Então conta-me lá... Pedro C.... Então tu já andavas aqui na escola?

PC: (Acena com a cabeça – não).

N: Não?

PC: Andava com a Mariana.

N: Quem é a Mariana?

PC: A Mariana.

N: Ah, a Mariana. E tu gostavas de andar na outra escola?

PC: Não.

N: Não gostavas de andar na outra escola? Porquê? Porque é que tu não gostavas de andar na outra escola?

PC: Eu gosto...

N: Nesta? Gostas de andar nesta...?

PC: Sim.

N: E na outra?

PC: Na outra não.

N: Porquê?

PC: Só têm brincadeiras parvas...

N: Na outra escola só tinha brincadeiras parvas? Porquê?

PC: Estavam sempre à luta.

N: Sempre à luta... e tu não gostas de andar à luta, pois não?

PC: (Acena com a cabeça – não).

N: Então e quando vieste a primeira vez aqui para a escola, como é que te sentiste?

PC: Bem.

N: Já conhecias a escola?

PC: Não.

N: Mas já te tinham contado como é que funciona?

PC: (Acena com a cabeça – não).

N: Nadinha... Então e agora que cá andas... gostas de cá andar, já percebi... e o que é que gostas mais de fazer aqui na escola?

PC: Escrever...

N: Escrever... e tens muitos amigos, cá na escola?

PC: (Acena com a cabeça – sim).

N: Boa, ainda bem. Obrigada.

**Entrevista à Bianca:**

N: Olá, então queres-nos contar como foi o teu primeiro dia de escola?

B: Sim.

N: Como é que foi o teu primeiro dia de escola?

B: Foi bom.

N: Foi bom... Tu já andavas na escola antes de vires para aqui?

B: (Acena com a cabeça – sim).

N: Sim... e conhecias algum amigo?

B: Ah...

N: Daqui da escola ou daqui da sala?

B: Conhecia.

N: Quem é que tu conhecias?

B: Ah, a Eva...

N: O Vasco, conhecias?

B: (Acena com a cabeça – sim).

N: O Samuel, conhecias?

B: O Samuel, conhecia... e conhecia o Paulo.

N: E o Paulo... então já conhecias muita gente... E já alguma vez te tinham falado como era a escola primária?

B: Não.

N: E tu tinhas alguma ideia de como é que isto seria cá dentro, como é que funcionava...

B: Não.

N: A tua professora ou os teus pais nunca falaram de como é que era a escola primária?

B: hummm...

N: Não tens nenhuma ideia se eles te disseram alguma coisa?

B: Não.

N: Se aqui havia meninos grandes, pequenos, se trabalhavas muito, se não... se contavam histórias, se íamos para os *pufs*, não te disseram nada, assim?

B: Sim.

N: O que é que eles te disseram?

B: Disseram que...

N: Que a escola era... um sítio muito fixe para estar... e que se aprendia muito... ou não?

B: Sim.

N: E o que é que eles te disseram mais? Foram os pais que disseram ou foi a educadora?

B: Foi os pais.

N: Foram os pais... e o que é que os pais te contaram sobre a escola? Eles já andaram aqui ou não?

B: O meu pai só andava naquela escola aqui...

N: Na outra...

B: (Acena com a cabeça – sim).

N: E ele conhecia esta escola? Já te tinha falado como é que era, ou não?

B: Sim.

N: E o que ele te contou? Queres-nos dizer?

B: Sim.

N: Diz lá...

B: Ele disse que tínhamos de estar em silêncio, tínhamos de trabalhar muito...

N: E disse mais alguma coisa sobre a escola?

B: Não me lembro...

N: Não te lembras... Então e quando tu viste aqui no primeiro dia, tu vieste sozinha ou com os teus pais?

B: Com os meus pais.

N: E eles entraram aqui na escola ou ficaram ali no portão? Eles deixaram-te ali no portão e foram embora ou vieram até aqui à sala?

B: Vieram até aqui à sala.

N: Vieram-te acompanhar então. E o que é que tu sentiste?

B: Senti-me bem.

N: Sentiste-te bem.. Estavas com medo de vir aqui para a escola?

B: (Acena com a cabeça – não).

N: Não?

B: Não.

N: E sentiste-te bem então por andar cá... O que é que achas agora daqui da escola? Achas que é o que tu esperavas ou nem por isso?

B: Era o que eu esperava.

N: Era o que tu esperavas? Gostas de andar aqui?

B: Sim.

N: O que é que tu gostas mais daqui da sala?

B: Gosto... Gosto de ouvir histórias...

N: Gostas de ouvir histórias?

B: (Acena com a cabeça – sim).

N: E o que é que gostas menos, aqui?

B: Hum...

N: Aqui dentro da sala, o que é que gostas menos?

B: Humm... Do barulho.

N: É muito triste este barulho que fazem na sala, não é?

B: É.

N: Pronto, Bianca, obrigada.



**Entrevista ao Diogo:**

N: Então diz-me lá, Diogo... Tu já andavas na escola?

D: Sim.

N: E na escola que tu andavas o que tinha lá?

D: Tinha escorregas, tinha legos para brincar na sala...

N: Tinha mesas na sala? Lá dentro da sala?

D: Tinha, tinha...

N: E o que é que tinha lá mais dentro da sala?

D: Tinha caixas de legos grandes, tinha animais, tinha uma casa...

N: A sério? Uma casa?

D: Sim, mas era pequenina.

N: E o que é que gostavas lá mais na escola?

D: Andar nos escorregas.

N: De andar no escorregas... Então e tu já tinhas vindo aqui à escola visitar?

D: Não.

N: Não conhecias?

D: Não.

N: E já alguém te tinha falado de como é que funcionava?

D: Não, o meu pai só me disse que ia ser esta a minha escola, quando eu estava a andar num parque... num parque.

N: Foste dar uma voltinha ao parque e o pai disse que era aqui a escola. É isso?

D: Sim.

N: Boa. Então e a educadora, nunca te disse nada? Nunca te contou como funcionava a escola?

D: Não.

N: Não? O pai andou aqui na escola ou não?

D: Não.

N: Nem a mãe?

D: Não.

N: E conheces alguém que tenha andado cá na escola?

D: humm, não.

N: Também não. Então e tu, no primeiro dia de escola, quando cá chegaste, o que é que sentiste?

D: Feliz.

N: Feliz... E porquê feliz?

D: Porque era o meu primeiro dia de aulas e... de aulas.

N: E tu não tinhas medo do que poderias esperar cá na escola?

D: Não.

N: Não. Então tu sentiste-te bem. Então e agora, como é que te sentes aqui na escola?

D: Também bem.

N: Também te sentes bem... gostas de cá andar?

D: Sim.

N: O que é que gostas mais daqui da escola?

D: Gosto...

N: Há assim alguma coisa que tu gostes mesmo daqui da escola? Ou aqui na sala ou lá fora... Conta-nos lá...

D: Gosto de andar às voltas na escola.

N: Gostas de andar às voltas? E aqui dentro da sala, o que é que gostas mais?

D: Gosto de... Aprender?

N: Aprender? E gostas de mais alguma coisa?

N: Então e costumavas visitar a tua educadora? Tu ainda te lembras quem é?

D: Sim, às vezes.

N: Às vezes?

D: Sim.

N: E tu costumavas ir lá à escola onde tu andavas?

D: Eu vou.

N: Vais? Continuas a ir lá?

D: Sim, quando é para comer e lanchar vou lá.

N: E sentes saudade de alguma coisa lá da escola?

D: Não.

N: Não... Se pudesses escolher, ficavas naquela escola ou vinhas para esta? O que é que tu preferias?

D: Não sei.

N: Porquê que não sabes?

D: Porque para mim tanto faz.

N: Para ti tanto faz? Mas gostas mais de como é na escola primária ou gostas mais de como é na outra escola?

D: Gosto mais da escola primária.

N: Porquê? O que é que tem de diferente da outra?

D: Tem caixa de areia, tem os pneus, tem mais espaço e...

N: E gostavas mais da sala na outra escola ou gostas mais desta sala? Com estas mesas, cadeiras... o que é que tu preferes?

D: humm...

N: Se tu pudesses escolher, tu preferias estar na sala da outra escola ou nesta sala?

D: Nesta sala.

N: Nesta sala? Porquê?

D: Porque sim.

N: Porque gostas mais de andar cá?

D: (Acena com a cabeça – sim).

N: Está bem, obrigada.

**Entrevista ao Samuel:**

N: Então o que é que tu nos tens a dizer sobre esta escola?

S – Que gosto muito.

N: Gostas muito? Tu já andavas em alguma escola?

S: Sim.

N: Qual era?

S: Era esta aqui ao lado.

N: Que era aqui dentro desta escola?

S: Não. Era aqui no infantário.

N: E já andavas aqui com mais meninos ou não?

S: Sim.

N: Com quem é que tu andavas aqui na escola?

S: Era com o Ângelo, só que ele era da outra sala...

N: Pensa lá... Havia mais alguém?

S: Havia... a Bianca, o Paulo que andava na minha sala e a Bianca andava na mesma com o Afonso, só que era na outra e...

N: Então tu já conhecias aqui a escola...

S: Sim.

N: Já andavas aqui há muito tempo?

S: Sim.

N: E já tinhas vindo aqui visitar a parte da escola primária?

S: Não.

N: Mas já alguém te tinha falado de como funcionava, o que tinha aqui...

S: Não.

N: Não? Nada? E tu nunca vieste cá espreitar?

S: Não.

N: Nem pediste à educadora para vir cá espreitar?

S: Não.

N: Nada? E a educadora alguma vez te falou de como funcionava aqui a escola?

S: Não.

N: Então e os pais? Alguma vez te disseram como era a escola primária?

S: Não.

N: Não? Eles andaram na escola? Se calhar... andaram?

S: Não.

N: Não andaram na escola? Tens de perguntar aos pais se andaram na escola. Se calhar já não se lembram...

N: Olha, e aqui na escola, como é que te sentes? Gostas de andar aqui ou não gostas?

S: Sim.

N: Gostas? O que é que gostas mais de ver e de fazer aqui na escola? O que gostas mais daqui da escola? Conta lá...

S: Ahhh, brincar lá fora...

N: Brincar lá fora? Tu brincas lá fora a quê, Samuel?

S: Não sei, qualquer coisa.

N: Qualquer coisa? O Samuel brinca lá fora a qualquer coisa... muito bem. E costumavas brincar com os teus amigos ou sozinho?

S: Às vezes com os meus amigos e às vezes sozinho.

N: E a quê que tu brincas, lá fora?

N: Às corridas?

S: Não.

N: Futebol?

S: Algum jogo.

N: Ai, algum jogo. Qual é o jogo?

S: Não sei.

N: Pronto, está bem. Então e aqui na escola, dentro da sala. Tu gostas de cá andar, já ouvi dizer. E gostas de aprender?

S: Humm...

N: Gostas de aprender Samuel? Aqui na sala?

S: Sim.

N: E o que gostas mais de aprender aqui na escola?

S: Tudo.

N: E gostas das professoras?

S: Tudo.

N: Gostas das professoras ou não gostas? Diz-me lá... Conta lá a verdade...

S: Sim.

N: Gostas? Ainda bem. E achas que te portas bem?

S: Sim.

N: Sim, sim, sim... É tudo sim?

N: Então e tu no primeiro dia que cá chegaste, como é que te sentiste? Ficaste com medo? Choraste ou não?

S: Não.

N: Não? Sentiste-te bem?

S: Sim, não chorei.

N: Não choraste? De certeza? Nem um bocadinho? Nem uma lagrimazinha?

S: Não.

N: Nada, então estavas contente.

S: Sim, muito bem.

N: Esta bem. Tens mais alguma coisa a dizer-nos?

S: Não, adeusinho.

N: Obrigada.



